



CATÁLOGO
CULTURAS POPULARES
& IDENTITÁRIAS DA
BAHIA

2010

Governador do Estado da Bahia
Jaques Wagner

Secretário de Cultura
Márcio Meirelles

Diretoria Geral
Rômulo Cravo Almeida

Chefia de Gabinete
Neuza Hafner Britto

Superintendente de Cultura
Ângela Andrade

Superintendente de Promoção Cultural
Carlos Paiva

Diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural
Frederico Mendonça

Diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia
Póla Ribeiro

Diretora da Fundação Cultural do Estado da Bahia
Gisele Nussbaumer

Diretor da Fundação Pedro Calmon
Ubiratan Castro

Direto do Núcleo de Culturas Populares e Identitárias
Hirton Fernandes



**Governo do
Estado da Bahia**

Secretaria de Cultura

CATÁLOGO
CULTURAS POPULARES
& IDENTITÁRIAS DA
BAHIA

2010

Catálogo Culturas Populares e Identitárias da Bahia

Publicação editada pela Assessoria de Comunicação da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia

NÚCLEO DE CULTURAS POPULARES E IDENTITÁRIAS

Diretor

Hirton Fernandes

Coordenação Projeto Irê Ayó, Educando pela Cultura

Vanda Machado

Coordenação técnica

Nildes Sena

Analista Técnico

Rosaury Muniz

Assistente Administrativo/Fundo de Cultura/Editais

Adailza Assumpção

Assistente Fundo de Cultura/Editais

Luciene Diamantine

Assistentes para assuntos de cultura popular

Sueli Ribeiro

Cristina Sá

Margarida Gonzalez

Simone Pinho

Assistente para assuntos da Cultura Indígena

Letícia Alcântara

Estagiários

Aline Fontes

Taquari Pataxó

REDE DE ASSESSORES DE COMUNICAÇÃO DA SECULTBA

Assessor Chefe

Marcelo de Trói

Rede Ascom

Ingrid Maria Machado (Gabinete)

Geraldo Moniz (Ipac)

Cláudio Moreira (Irdeb)

Paula Berbert (Funceb)

André Santana (FPC)

Assessor para conteúdos digitais

Luciano Matos

Secretaria

Dalise Figueiredo

Clipagem

Fátima Caires

Design gráfico

Taiane Oliveira

Efren Ferreira

Estagiários

Márcia do Amparo

José Ricardo Oliveira

Catálogo Culturas Populares e Identitárias da Bahia 2010

Coordenação
Hirton Fernandes

Editor - chefe
Marcelo de Tróí

Edição de conteúdo
Lilian Caramel

Projeto editorial
Lilian Caramel
Marcelo de Tróí

Assistente de redação
Mariana Alcântara
Simone Fickes

Colaboradores
Aline de Caldas
Giselle Lucena

Compilação de dados
Aline Fontes
José Ricardo Oliveira
Mariza Barbosa Lago

Programação visual
Taiane Oliveira

Revisão de textos
Ana Lígia Leite e Aguiar

Fotos

Fotografia da capa Agência Caixa de Fósforo

Fotos
Gentilmente cedidas pelos acervos dos grupos de cultura popular,
Agência Caixa de Fósforo,
Adenilson Nunes, Agnaldo Novais e Manu Dias - Acervo Agecom,
Carlos Alcântara - Acervo Pelourinho Cultural,
Daniele Canedo e Hirton Fernandes - Acervo SecultBA,
Gina Leite - Acervo Coleção Emília Biancardi,
João Ramos e Jota Freitas - Acervo Bahiatursa,
Maurício Requião e Otto Terra Teixeira - Acervo Irdeb,

Maria Rita Machado dos Santos - Acervo Particular,
Marisa Viana, Acervo Instituto Mauá,
Taiane Oliveira,
Weimer Carvalho

Agradecimentos

Américo Córdula
Assessoria Geral de Comunicação Social do Estado da Bahia - Edivalma Santana
Bahiatursa
Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Conselho Estadual de Cultura da Bahia – Isa Maria Silva
Emília Biancardi
Forte Santo Antonio Além do Carmo – Carlos Ribas
Fundação Cultural do Estado da Bahia – Cristina Sá, Paula Berbert e Simone Pinho
Fundação Pedro Calmon – Maisa Menezes
Geraldo Moniz
Gisele Dupin
Gisele Nussbaumer
Giselle Lucena
Grãos de Luz e Griô – Lillan Pacheco
Grupo Queimada aa Palhinha – Palmares, Simões Filho
Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia – Dinha Ferrero e Maria Rita Werneck
Instituto de Artesanato Visconde de Mauá – Camila Diniz Jasmin
Jonathas Araújo
José Marcio Pinto de Moura Barros
Lilian Caramel
Marisa Vianna
Neuza Britto
Pola Ribeiro
Projeto de Iniciação Musical (PIM) - Antônio Ferreira
Rejane Pereira Rodrigues e As Quingomeiras
Sahada Josephina Mendes
Viva A Dança! – Sirlene Barreto
Wayra Silveira

Agradecimento especial

À equipe do Núcleo de Culturas Populares e Identitárias da SecultBA

Salvador, setembro de 2010

Dedicatória

Foto Daniele Canedo/ Acervo Secult



“Este catálogo foi produzido em agosto de 2010, mês do folclore, e é dedicado a todos os grupos e mestres de Cultura Popular que mantêm vivas as nossas tradições mais genuínas”

“Não é possível pensar o ser humano fora da cultura. Sua ausência na vida e no cotidiano de cada indivíduo (...) coloca em risco, não apenas repertórios e formas de expressão artística, mas a própria condição humana”

Prof. José Márcio Barros

Toda Cultura

A valorização da diversidade cultural, além de levar em conta o que uma comunidade é capaz de expressar simbolicamente, traduz-se pelo respeito à sua história, aos seus valores, às suas maneiras de agir e conviver com a natureza e com o outro. As convenções sobre o tema, especialmente a da UNESCO, consolidam a promoção de sua visibilidade como um dever dos Estados e tratam da necessidade de sua constante manutenção como matéria de exercício de paz entre os povos, como forma de inclusão e desenvolvimento, e como outra medida de riqueza, capaz de instaurar uma prática de não submissão, de autonomia e soberania.

Será assim se entendermos a cultura como um bem comum, como a possibilidade que todos têm de sonhar um mundo melhor, traduzir esse sonho em objeto ou rito e partilhá-lo. Assim será se, ao invés de criarmos a tradicional “cumeeira” e o entendimento da cultura apenas como a prática de atividades artísticas de poucos para poucos, se ao invés de usarmos os (pré) conceitos, que separam a chamada alta cultura, inacessível à maioria, e a cultura dita popular, desvalorizada por muitos, tratarmos a cultura como um bem comum.

Tendo sido criada também para transformar o princípio de respeito à diversidade em política pública, a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, sem privilegiar esta ou aquela fonte, mapeia e instiga os criadores e mantenedores de determinada expressão cultural a buscar suas origens primeiras, sem esquecer que o percurso da História aprimora, transforma, enriquece, atualiza. Sem esquecer que o início serve para construir o futuro.

Este catálogo, entre os de outros setores da cultura, é um instrumento estratégico das políticas públicas. Fazendo eco às convenções citadas e às diretrizes das Conferências Estaduais de Cultura, registra, em suas páginas, a memória de ações criadoras, assim como incorpora um breve detalhamento dessas ações, fazendo com que nossa expressão cultural seja visível em sua pluralidade não só temática e estética, mas que possa ser, ainda, vislumbrada como eixo estratégico do desenvolvimento pleno do estado.

Márcio Meirelles

Secretário de Cultura do Estado da Bahia

Sumário

APRESENTAÇÃO

UM PANORAMA DAS RECENTES TRANSFORMAÇÕES NO TRATO DAS CULTURAS
POPULARES NO CONTEXTO BRASILEIRO
Núcleo de Culturas Populares e Identitárias....15

A DIVERSIDADE CULTURAL, O IDENTITÁRIO, O POPULAR, O TRADICIONAL
José Márcio Barros....27

CATEGORIAS

1. ARTESANATO....42
2. BACAMARTEIROS....52
3. BANDA DE PÍFANOS....54
4. BARCA & BARQUINHA....56
5. BENZEDURA, CURA, PARTO & REZA....58
6. BORDADO, CORTE & COSTURA....62
7. CANTOS CERIMONIAIS
(*Bendito, Ladainha & Penitente*)....68
8. CANTOS DE TRABALHO (*Aboio & Pila de Café*)....70
9. CAPOEIRA, MACULELÊ & ORQUESTRA DE BERIMBAUS....72
10. CHEGANÇA (*de Marujos & Mouros*)....80
11. COMUNIDADES QUILOMBOLAS....84
12. CONGADA....88
13. CORDEL & POESIA POPULAR....90
14. CULINÁRIA....94
15. DANÇA & MÚSICA AFRO....100

16. DANÇAS DE RODA
(*Ciranda, Cantiga e Dança de Fita*)....104
17. DANÇAS INDÍGENAS & TORÉ....108
18. EXPRESSÕES CULTURAIS & CONTEMPORÂNEAS....110
19. EXPRESSÕES CULTURAIS RELIGIOSAS....112
20. FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO....116
21. FOLGUEDOS DE BOI....118
22. FORRÓ & SANFONEIRO...122
23. LINDRO AMÔ....126
24. MANEIRO PAU....128
25. MASCARADOS (*Bombachos, Caretas, Mandus, Os Cão
& Zambiapungas*)....130
26. NEGO FUGIDO....134
27. PENITÊNCIA E TERNO DAS ALMAS....136
28. QUADRILHA....138
29. QUEIMA DA PALHINHA....142
30. REIS (*Festa, Folia, Rancho, Reisado & Terno*)....144
31. REPENTE....150
32. RODA DE SÃO GONÇALO....152
33. SAMBA (*Batuque, Chula, Corrido, de Coco,
de Lata & de Roda*)....156
34. TEATRO DE BONECOS, BONECÕES & MAMULENGO....166
35. TEATRO DE RUA & TEATRO POPULAR....168
36. TRADIÇÃO ORAL E GRIÔS....172
38. DESTAQUE & DIVERSOS....174

APÊNDICE

Sugestão de Consultas

Sites Institucionais & Diversos



APRESENTAÇÃO

A publicação deste catálogo, iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, por intermédio de seu Núcleo de Culturas Populares e Identitárias, é resultado de um longo trabalho realizado em equipe. Sua redação teve início com a compilação de dados coletados entre 700 formulários que compõem o Cadastramento de Grupos e Mestres das Expressões Culturais Populares e Identitárias da Bahia, realizado no primeiro semestre de 2010.

Mestres e agentes de cultura, representantes de manifestações, associações culturais, brincantes, folcloristas, líderes comunitários, trabalhadores comuns, artistas e pesquisadores da área – todos estes envolvidos, de alguma forma, com cultura popular – preencheram, manual e eletronicamente, o formulário, respondendo à chamada pública da Secretaria. Na análise de todos os formulários foram detectadas 37 manifestações culturais*, que correspondem aos principais capítulos desta obra.

O catálogo apresenta um panorama da cultura popular em 24 dos 26 Territórios de Identidade (TIs) da Bahia, divisão territorial adotada pelo Governo do Estado em sintonia com a metodologia proposta pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, embasada no pensamento do geógrafo Milton Santos. Infelizmente, os grupos dos municípios pertencentes aos territórios da Bacia do Rio Corrente e Sertão do São Francisco não responderam à chamada pública estadual e, por isso, este catálogo não traz informações relativas aos mesmos. A Secretaria pretende, em edição posterior, sanar a deficiência e lembra a todos os grupos baianos a importância de atentarem para iniciativas dessa natureza. Só é possível promover um mapeamento completo das culturas populares no Estado, fortalecer a integração poder público-agentes de cultura e, sobretudo, implementar políticas públicas que possam promover o segmento com a participação efetiva da população.

Além de trazer contatos como endereço, telefones e e-mail dos grupos cadastrados, o catálogo apresenta recursos para facilitar a leitura e informações adicionais como o número de integrantes de cada grupo. A obra mostra, ainda, as principais manifestações ou atividades culturais com as quais cada grupo está envolvido e dá destaque aos Mestres de Cultura, ricas fontes de sabedoria popular, como uma maneira de homenageá-los.

Nos capítulos correspondentes às manifestações, o leitor conhecerá o perfil de cada uma delas – sendo algumas raras –, incluindo suas origens, especificidades, características principais, assim como os territórios em que existem na atualidade.

O conteúdo jornalístico da obra foi redigido com base em fontes oficiais de informação, websites institucionais e bibliografia de autores reconhecidos. Já as informações relativas às manifestações na Bahia, como data de surgimento, nome dos líderes, contatos, onde e quando elas podem ser vistas, baseiam-se, inteiramente, em dados fornecidos pela população nos referidos formulários.

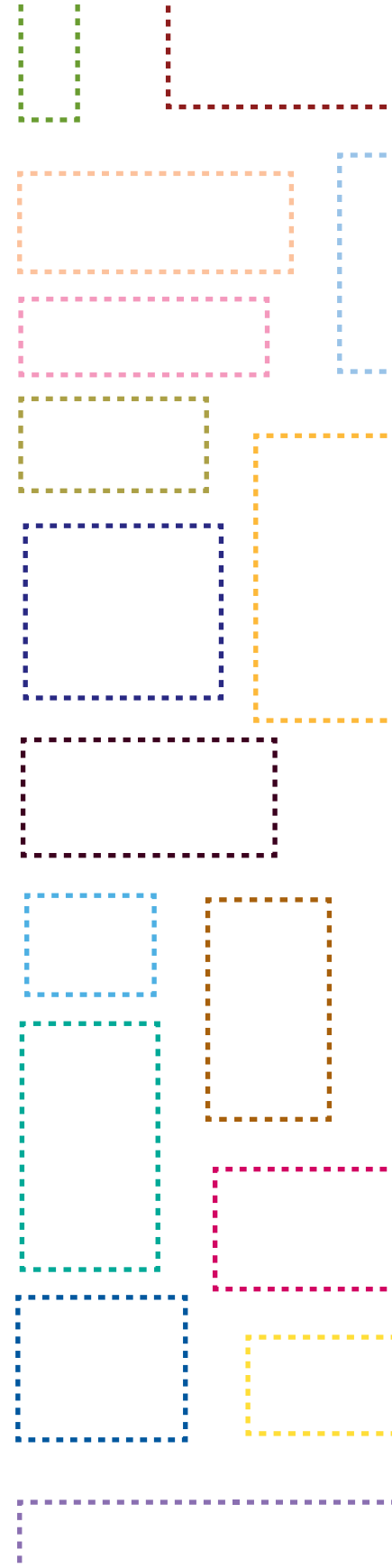
O catálogo conta com artigo assinado pelo Núcleo de Culturas Populares e Identitárias que trata das novas políticas para a área. Como incentivo à reflexão teórica e aprofundamento do tema em questão, o leitor tem acesso, ainda, a um artigo inédito de autoria de José Márcio Barros, professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). José Márcio é reconhecido no país pela profundidade das pesquisas que realiza sobre identidade, política, diversidade e gestão cultural, além do posicionamento firme em prol da preservação e promoção desse patrimônio.

Ao final do catálogo, o Apêndice 1 traz os grupos e indivíduos do cadastramento estadual organizados por território e dispostos em ordem alfabética, e o Apêndice 2 lista websites de referência como sugestão de consulta.

Esperamos que esta obra possa ser útil para pesquisadores e pessoas interessadas em saber mais sobre as culturas populares do nosso estado, tesouro de valor que não se pode precisar. Será ainda melhor se ela circular por muitas mãos, estantes, bibliotecas e instituições, instigando o envolvimento dos leitores com esse universo de extrema riqueza e beleza. Registramos, ainda, nossos sinceros agradecimentos às instituições do Governo do Estado da Bahia, servidores, estudiosos da cultura popular, organizações não-governamentais, fornecedores e prestadores de serviços que, de alguma maneira, contribuíram para que o cadastramento se transformasse nesta obra.

A Edição

* algumas Filarmônicas e Fanfarras se cadastraram, mas não serão registradas nesse catálogo já que terão publicações específicas.







Um Panorama
das Recentes Transformações
no Trato das Culturas Populares
no Contexto Brasileiro

NÚCLEO DE CULTURAS
POPULARES & IDENTITÁRIAS



Foto Taiane Oliveira

Nos últimos cinco anos observamos uma expressiva ampliação e institucionalização das ações públicas voltadas às culturas populares no Brasil. Vários documentos registram discussões e acordos firmados para o segmento, resultado de fóruns e conferências realizadas em âmbito nacional, estadual e municipal, e que passaram a fundamentar programas e projetos, substituindo improvisos e exclusões. A seguir, faremos um breve mapeamento de algumas iniciativas exemplares.

Dois instrumentos internacionais ratificados pelo Brasil, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, de 2003, e a Convenção para a Proteção e Promoção das Expressões da Diversidade Cultural, de 2005, ambas promulgadas pelos Estados membros da UNESCO, constituem referenciais básicos de muitas das ações realizadas no Brasil.

A criação de fundos públicos de incentivo e apoio às culturas populares, a realização de mapeamento, registro e documentação das manifestações, bem como o estabelecimento de instâncias de diálogo entre o Estado e sociedade civil para formulação e deliberação de políticas culturais estão registradas desde 2005, na Carta das Culturas Populares, assinada durante o Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, realizado pelo Ministério da Cultura (MinC), em fevereiro daquele ano. O documento propõe também a criação de mecanismos que favoreçam a inclusão das culturas populares nos processos educativos formais e informais e de marcos legais de proteção aos conhecimentos tradicionais e aos direitos coletivos.

Povos indígenas, populações quilombolas, ciganos, pomeranos, ribeirinhos, quebradeiras de coco babaçu, seringueiros, pescadores artesanais, caiçaras, castanheiros, povos dos faxinais, geraiseros e dos fundos de pasto ocupam as 15 vagas para povos e comunidades tradicionais que compõem a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), instituída por decreto, em 2006, com o objetivo de implementar uma política nacional especialmente dirigida para tais comunidades. Participam da Comissão outros 15 representantes de órgãos e entidades da administração pública federal.

Nesse contexto, foi instituída, pelo Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais, com

ênfase no reconhecimento e fortalecimento desses, buscando, ainda, garantir os seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições.

Já o Programa de Promoção das Culturas Populares, cuja criação foi regulamentada pela Portaria nº 048, de 02 de outubro de 2007, visa fortalecer, proteger e difundir a diversidade cultural das culturas populares do Brasil, apoiando projetos e iniciativas, por meio de editais, prêmios, convênios, pesquisas, publicações, filmes, programas de TV, rádio, internet, atividades de formação, de intercâmbio, de circulação e encontros.

Outro marco importante é a Carta Sul-Americana das Culturas Populares, documento produzido e assinado durante o II Encontro Sul-Americano das Culturas, realizado em Caracas, em 2008, com delegações da Argentina, Bolívia, Brasil, Equador, Paraguai, Venezuela e com a presença de Cuba como convidada. A carta registra a falta de recursos, a discriminação e a ausência de mecanismos adequados de registro e proteção. Levanta a importância de promover a integração entre os povos, os mestres e os artistas populares, defendendo que “é essencial a atuação do Estado para promover e dar base para multiplicar a sabedoria popular dos mestres”.¹

A carta registra a importância da união entre a cultura e a educação e o conhecimento mútuo das expressões das culturas populares por meio de mapeamento regional, e levanta, ainda, a questão da biodiversidade, garantindo que nas comunidades em que as tradições estão vivas, o meio ambiente e a biodiversidade estão preservados.

No relatório da Pré-Conferência Setorial de Culturas Populares, realizada em março de 2010, em Brasília, são colocadas estratégias para políticas públicas para esta área nos cinco eixos definidos para a Conferência Nacional de Cultura: Produção Simbólica e Diversidade Cultural (inserir nos currículos da Educação Básica e da Formação de Professores os saberes e as práticas das culturas populares); Cultura, Cidade e Cidadania (criar mecanismos de reconhecimento

¹Documento disponível em: <http://culturadigital.br/setorialculturaspopulares/files/2010/02/2008-Carta-Sul-Americana-das-Culturas-Populares-Caracas-2008-Portugues-BR.pdf>

e regulamentação da profissão de mestre (a)); Cultura de Desenvolvimento Sustentável (realizar mapeamento, registros e documentação das manifestações e expressões das culturas tradicionais e populares e gerar documentos e dados); Cultura e Economia Criativa (fortalecer, nas três esferas de governo, os mecanismos de financiamento público das culturas populares); Gestão e Institucionalidade da Cultura (priorizar a ocupação de uma vaga nos conselhos estaduais e municipais de cultura pelos protagonistas e fazedores das culturas populares e fortalecer a participação da sociedade civil no gerenciamento das políticas públicas).

Diante desse cenário, grupos e movimentos da cultura popular têm se organizado e conquistado espaço político para a área. Existem hoje, em todos os âmbitos do governo e da sociedade civil, ações organizadas que se dedicam à promoção e proteção da cultura popular que já apontam para resultados expressivos.

Um exemplo são os editais voltados às culturas populares, publicações, prêmios, programas e a promoção de outros encontros. Como desdobramento do I Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, realizado em Brasília, em 2005, onde foram elaboradas diretrizes e ações prioritárias para o segmento, expostas na Carta das Culturas Populares, tem-se o Prêmio Culturas Populares, que se destina a reconhecer e premiar Mestres e Grupos/Comunidades responsáveis por iniciativas exemplares que envolvam as expressões das culturas populares brasileiras.

Este prêmio integra o Programa Identidade e Diversidade Cultural – Brasil Plural, resultado das propostas identificadas nos Seminários Nacionais de Políticas Públicas para as Culturas Populares. De acordo com informações disponibilizadas no site do MinC, na edição de 2009, o Prêmio distribuiu cerca de R\$ 2 milhões e contemplou 195 representantes das culturas populares brasileiras, entre mestres e representantes de grupos/comunidades formais e informais.

Em 2009, a cultura popular registrou outra conquista: os Grupos de Trabalho para as Culturas Populares e Culturas Indígenas foram transformados em Colegiados Setoriais, conforme aprovação no Plenário do Conselho Nacional de Política Cultural. Assim, os dois segmentos se encontram no mesmo nível institucional e de representação política junto ao MinC como a Música, Teatro, Dança, Livro e Leitura, e outros. Dessa forma, o governo federal reconhece que,

devido à sua imensa diversidade, as expressões culturais populares e indígenas demandam grande capacidade de articulação e requerem cuidados especiais também devido às dificuldades socioeconômicas enfrentadas por muitas comunidades tradicionais.²

As comunidades e manifestações da cultura popular também têm sido contempladas com editais nacionais específicos. Entre 2005 e 2008, a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura – SID/MinC lançou doze editais, sendo três para as Culturas Populares; dois para as Culturas Indígenas; cinco para o segmento LGBT; um para as Culturas Ciganas e um para a inclusão cultural da pessoa idosa. É o que descreve um balanço divulgado pelo SID/MinC, em 2009. Os Editais estão ligados ao Programa Identidade e Diversidade Cultural - Brasil Plural, criado em 2003, no Plano Plurianual do MinC. Os editais contemplaram cinco segmentos socioculturais: povos indígenas, culturas populares, ciganos, LGBT e idosos. Dessa forma, com a consolidação do Programa nos planos plurianuais, o MinC inclui segmentos sócio-culturais (comunidades populares; grupos étnicos e comunidades tradicionais; etc.), movimentos (pessoas com deficiência física; LGBT; etc.), bem como áreas transversais ao segmento cultural (cultura e saúde; cultura e trabalho; etc.) que, antes, não estavam contemplados devidamente nas políticas públicas.

A Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID) é responsável, no âmbito do MinC, pelo Programa Identidade e Diversidade Cultural - Brasil Plural, cujo objetivo é garantir a grupos e redes de agentes culturais responsáveis pela diversidade das expressões culturais brasileiras o acesso aos recursos para o desenvolvimento de suas ações.

Outra política no âmbito federal que merece destaque é o Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva, que visa estimular e fortalecer uma rede de criação e gestão cultural, tendo como base os Pontos de Cultura selecionados por meio de editais públicos. Os Pontos de Cultura são iniciativas que envolvem comunidades em atividades de arte, cultura, educação, cidadania e economia solidária. De acordo com dados publicados pelo MinC, há quase quatro mil Pontos de Cultura em 1.122 municípios de todo o Brasil (dados de abril-2010). O público alvo do Programa inclui habitantes de regiões e municípios

² Ver em: <http://www.cultura.gov.br/site/2009/09/08/collegiado-setorial-para-as-culturas-populares-e-indigenas/>



com grande relevância para a preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental brasileiro, bem como comunidades indígenas, rurais e remanescentes de quilombos. Na Bahia, somam-se 218 Pontos de Cultura, localizados em todos os 26 territórios de identidade. Integrada aos Pontos de Cultura, a “Ação Griô” envolve escolas, universidades e comunidades atuantes com a vivência, a criação e a sistematização de práticas pedagógicas relacionadas aos saberes e fazeres da cultura oral.

A Ação Griô valoriza a tradição da oralidade enquanto patrimônio imaterial e cultural a ser preservado. É um desafio no âmbito das políticas culturais devido a inexistência de uma tradição na valorização desta manifestação cultural. A transmissão oral permeia as mais diversas culturas e, independente da origem ou da etnia, muitos povos têm a oralidade como única fonte da perpetuação de sua história. O Griô é um guardião da memória e da história oral de um povo ou comunidade, são líderes que têm a missão ancestral de receber e transmitir os ensinamentos das e nas comunidades.³

Com o objetivo de ser um espaço permanente de reflexão, debate e proposição de políticas públicas, a Rede de Culturas Populares é um dos resultados do II Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, realizado em 2006. A rede visa intensificar a mobilização, a comunicação e a troca de experiências entre os membros, bem como manter atualizada a agenda de eventos das mais diversas regiões do país e a circulação de produtos e serviços gerados pelos artistas populares e demais trabalhadores do segmento.

No âmbito estadual, são registradas, na mesma intensidade que no âmbito federal, ações de mapeamentos, promoção de festividades, além de editais que visam premiar iniciativas voltadas às culturas populares.

No Maranhão, por exemplo, o Governo do Estado realiza o Projeto Maranhão, onde Bumba-Meu-Boi, Quadrilha, Tambor de Crioula, Cacuriá, Dança Portuguesa, Boiadeiro, Coco e outras danças populares, manifestações típicas que se apresentam em noites de festejos juninos durante o

³ Ver em: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/category/cultura-e-cidadania/acao-griol/>



São João. O Estado realiza ainda a Semana de Cultura Popular, anualmente, através da Superintendência de Cultura Popular-Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, com a proposta de destacar aspectos significativos da cultura popular maranhense, elegendo temas que são explorados com uma diversificada programação de atividades.

No Ceará, com a Lei dos Tesouros Vivos da Cultura, de nº 13.842, de 2006, a Secretaria da Cultura do Estado identifica, através de edital, pessoas, grupos ou coletividades que mantêm ativa as tradições da cultura cearense e oferece diplomação, registro e incentivos financeiros para manutenção das atividades culturais cuja produção, preservação e transmissão sejam consideradas representativas e referenciais da cultura do Estado.

O Estado de Alagoas apresenta um programa de fomento, formação e difusão cultural que faz circular expressões da cultura popular e outras manifestações artísticas. É o “Projeto Caravana Cultural”, que, entre os objetivos, prevê o mapeamento de bens, produtos e equipamentos culturais dos municípios; o incentivo à criação de circuitos regionais de apresentações culturais e a realização de ações de capacitação.

No Rio de Janeiro, o Edital de Culturas Populares tem o objetivo de apoiar iniciativas e atividades de mestres e grupos tradicionais do Estado. O Estado de Minas Gerais possui um Centro de Tradições Mineiras; o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA) e um programa para o Patrimônio Imaterial. Em São Paulo, a Secretaria de Estado da Cultura disponibiliza o Edital ProAC, para projetos de promoção da continuidade das culturas tradicionais.

TERRITÓRIOS BAIANOS

Um estudo preliminar feito pelo Governo da Bahia sobre a organização das Culturas Populares, Indígenas e Afro-descendentes, registra que durante a II Conferência Estadual de Cultura da Bahia, a cultura popular foi eleita, entre 73% das regiões participantes, como segmento prioritário para as ações da Secretaria de Cultura. Todos os municípios, aliás, registraram propostas relacionadas à cultura popular. No que diz respeito aos povos indígenas e a população afro-descendente, o documento afirma que estes também já conquistaram visibilidade nas políticas públicas.

Um estudo preliminar feito pelo Governo da Bahia sobre a organização das Culturas Populares, Indígenas e Afro-descendentes, registra que durante a II Conferência Estadual de Cultura da Bahia, a cultura popular foi eleita, entre 73% das regiões participantes, como segmento prioritário para as ações da Secretaria de Cultura.

Como reconhecimento e valorização das culturas populares na Bahia, no sentido de construir políticas públicas específicas e permanentes para o setor, o estado criou o Núcleo de Culturas Populares e Identitárias, integrado à Secretaria de Cultura do Estado, que formula e executa a política de apoio e promoção em todo o estado, baseando-se em ações e projetos orçamentários próprios.

A FUNAI impulsionou novas formas organizativas e de pressão sobre o aparato estatal, de tal modo que se tem registrado a crescente implantação de novos órgãos e ações governamentais, especialmente no âmbito estadual. Os movimentos afro-brasileiros também atuando de forma dinâmica em todas as esferas do governo e de formas de representações políticas, já conquistaram instituições e programas públicos.⁴

De acordo com o estudo citado, a necessidade de uma sistemática defesa dos direitos já conquistados é o que há em comum nestes segmentos, e se reconhece que a política voltada a esses grupos sociais exige outra abordagem.

A valorização das culturas não é apenas estratégica, mas central. É constatável que o conhecimento e a reaproximação das pessoas com seus vínculos históricos, associados à interpretação do valor que isso representa, restaura a auto-estima e o orgulho, provê um novo sentimento de igualdade a partir das diferenças e, especialmente em áreas não urbanas, resgata os saberes e modos de fazer mais tradicionais como elementos pedagógicos de alto potencial transformador.⁵

Quanto às propostas registradas no documento final da II Conferência Estadual de Cultura da Bahia, nota-se que as maiores preocupações se referem à celebração (a consolidação de calendários de eventos e promoção de festivais); à informação (realização de mapeamentos, cadastros, pesquisas, registros, inventários e tombamentos); e à formação (realização de cursos de capacitação, oficinas, além do incentivo aos conhecimentos e saberes populares, introduzindo-os no currículo escolar).

Como reconhecimento e valorização das culturas populares na Bahia, no sentido de construir políticas públicas específicas e permanentes para o segmento, o Estado criou o Núcleo de Culturas Populares e Identitárias, integrado à Secretaria de Cultura do Estado, que formula e executa a política estadual de apoio e promoção, baseando-se em ações e projetos orçamentários próprios.

A construção dessa política estrutura-se a partir da realização de encontros territoriais com grupos de cultura popular, comunidades indígenas e

⁴⁵ Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Organização da Área Cultural e as Culturas Populares, Indígenas e Afro-descendentes - Estudo Preliminar, 2007.

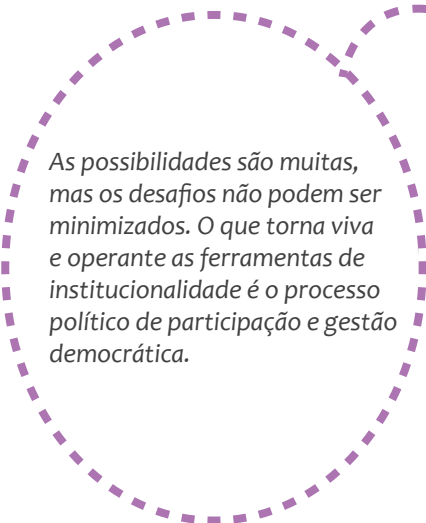
remanescentes de quilombos, e se concretiza via ações diretas de promoção, bem como através de editais especiais de apoio às ações culturais voltadas para valorização das expressões da cultura negra; para as manifestações culturais populares e contemporâneas e para valorização do patrimônio. A secretaria conta, ainda, com um cadastramento de grupos e mestres das expressões culturais populares e identitárias, resultado de uma convocação pública a grupos e mestres de todos os territórios de identidade da Bahia, cujo registro apresenta-se aqui na forma deste catálogo.

O Estado assume que, “valorizar a diversidade cultural significa valorizar a diferença”, e conta com a multiplicidade de saberes, ideologias e práticas, de opções religiosas e sexuais, somadas às matrizes culturais e étnicas, levando em consideração manifestações que vão da música à culinária, da religião ao artesanato.

A cara da Bahia não pode ser apenas a cara do Recôncavo. A cara da Bahia tem que ser a cara da Bahia inteira: do Recôncavo, do Oeste, do São Francisco, do Sertão, do Sul, da Chapada e de todas as outras regiões do estado. Temos que assumir “ao mesmo tempo agora” toda diversidade baiana, as diferenças que, combinadas e recombinadas, misturadas, mestiças, fazem do povo baiano o que ele é.⁶

Localizada em Salvador, a Fundação Gregório de Mattos – FGM realizou o projeto Mestres Populares da Cultura, que promoveu uma série de eventos culturais com a proposta de ressaltar aspectos sociais e manifestações artísticas e religiosas que fomentam a identidade de cada bairro. A Fundação mapeou 78 mestres e, em 2006, lançou o “1º Concurso de Monografias, Fotografias e Documentários (vídeos) - Prêmios Mestres Populares da Cultura”, para contribuir com os estudos e pesquisas a respeito dos Mestres.

Como se pode perceber, nesta primeira década do século XXI, há um conjunto expressivo de ações, projetos e programas que apontam para um processo crescente de alargamento e institucionalização de medidas de proteção e promoção das culturas populares. Tais avanços encontram no conjunto de projetos de leis e de emendas constitucionais em tramitação na esfera do executivo e do legislativo federal, importantes instrumentos de consolidação



As possibilidades são muitas, mas os desafios não podem ser minimizados. O que torna viva e operante as ferramentas de institucionalidade é o processo político de participação e gestão democrática.

⁶ Consultar em: <http://www.cultura.ba.gov.br/linhasdeacao/diversidade>

de novos paradigmas e novas práticas de políticas públicas. A criação de dois fundos específicos, o Fundo Setorial do Acesso e Diversidade e o Fundo Setorial do Patrimônio e Memória, a institucionalização do Sistema Nacional de Cultura e do Plano Nacional de Cultura, constituem instrumentos essenciais para este processo que, para além de reposicionamento discursivo, reflete as transformações da sociedade brasileira na última década. No âmbito do Estado da Bahia, a Lei Orgânica de Cultura representa outro importante e decisivo instrumento de institucionalidade.

As possibilidades são muitas, mas os desafios não podem ser minimizados. O que torna viva e operante as ferramentas de institucionalidade é o processo político de participação e gestão democrática. Este, como ensina a história, é dinâmico, comporta retrocessos e contradições, o que desafia a todos no compromisso de continuidade no alargamento e aprimoramento do processo de reafirmação da cultura em sua tríplice dimensão: simbólica, cidadã e econômica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 6.040, 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT).

COMISSÃO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS (CNPCT). Disponível em: <<http://culturadigital.br/setorialculturaspopulares/files/2010/02/2008-pesquisa-nacional-povos-e-comunidades-tradicionais.pdf>>. Acesso em: jul. 2010.

FUNDAÇÃO Gregório de Mattos. Mestres Populares da Cultura. Disponível em: <http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10&Itemid=4>. Acesso em: jul. 2010.

GOVERNO de Alagoas. Caravana Cultural. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/es/caravana-cultural>>. Acesso em: jul. 2010.

GOVERNO do Estado de São Paulo. Secretaria de Cultura. Disponível em: <http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.555627669a24dd2547378d27ca60c1a0/?vgnnextoid=b787a2767b3ab110VgnVCM100000ac061coaRCRD>. Acesso em: jul. 2010.

GOVERNO do Maranhão. Cultura. Disponível em: <<http://www.ma.gov.br/governo/index.php?lds=19>>. Acesso em: jul. 2010.

GOVERNO do Rio de Janeiro. Edital para culturas populares. Disponível em: <<http://www.sec.rj.gov.br/editalculturaspopulares.asp>>. Acesso em: jul. 2010.

I SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS CULTURAS POPULARES. Carta das Culturas Populares. MinC, Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2009/10/09/carta-das-culturas-populares/>>. Acesso em: jul. 2010.

INSTITUTO Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/programas-e-projetos/patrimonio-imaterial>>. Acesso em: jul. 2010.

JOÃO Luiz Silva Ferreira. Ministério da Cultura. Portaria nº 048, de 02 de outubro de 2007.

MINISTÉRIO da Cultura. Cultura Viva. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/cultura-viva/>>. Acesso em: jul. 2010.

MINISTÉRIO da Cultura. Sobre a SID. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/categoria/politicas/identidade-e-diversidade/sid-identidade-e-diversidade-politicas/sobre-a-sid/>>. Acesso em: jul. 2010.

PRÉ-CONFERÊNCIA SETORIAL DAS CULTURAS POPULARES. Respostas da SecultBA. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:UOAvXJUebfoJ:www.cultura.ba.gov.br/multimeios/artigos/respostas-secultba-para-culturas-populares/attachment_download/file+culturas+populares+bahia&cd=7&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: jul. 2010.

PRÉ-CONFERÊNCIA SETORIAL DE CULTURAS POPULARES. Relatório da Pré-Conferência Setorial de Culturas Populares. MinC, Brasília, 2010.

REDE de Culturas Populares. Disponível em: <<http://redec.p.ning.com/>>. Acesso em: jul. 2010.

SECRETARIA de Cultura da Bahia. Diversidade. Disponível em: <<http://www.cultura.ba.gov.br/linhasdeacao/diversidade>>. Acesso em: jul. 2010.

SECRETARIA de Cultura do Ceará. Tesouros Vivos da Cultura. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/mestres-da-cultura/tesouros-vivos-da-cultura>>. Acesso em: jul. 2010.

UNESCO. Convenção para a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais adotada pela Conferência Geral da UNESCO em sua 33ª sessão, 2005.





A Diversidade Cultural,
O identitário, O Popular e
O Tradicional

JOSÉ MÁRCIO BARROS¹

1. Diversidade Cultural

As definições de cultura são muitas. Alguns estudiosos chegaram a catalogar centenas de conceitos de cultura. Em todas elas, entretanto, encontramos sempre uma rica e intrigante relação entre valores e práticas, concepções e atitudes, realidades singulares e universais. Sem entrar no debate de tantos conceitos, podemos apontar a existência de dois pólos explicativos: um sentido antropológico bastante amplo que se refere ao modo de vida total de um povo, de um grupo social e de um indivíduo. A cultura, na perspectiva antropológica, é pensada como realidade universal e expressão da diversidade, é inclusiva e não seletiva. Dessa concepção resulta o sentido lato da cultura, referindo-se a todos os aspectos relacionados a estilos particulares de vida. Outro sentido, de tradição humanista, define cultura como um conjunto de atividades específicas, especialmente as artísticas e os comportamentos ilustrados. Decorre daqui a visão estrita da cultura com “uma ênfase idealista, pois vê a cultura como um processo e um estado de cultivo sob um prisma universalista”. (WILLIAMS, 1967 apud SANTAELLA, 2002, 34).

Na perspectiva antropológica, definir a cultura é pensá-la como tudo aquilo que é socialmente apreendido e transmitido e que não se realiza apenas pela natureza das coisas do mundo e dos seres humanos. Por exemplo, se sentir fome é o efeito de uma necessidade do corpo humano, e, portanto, faz parte da nossa natureza, a maneira como identificamos e respondemos a este sinal, pertence ao mundo da cultura. Ao fazer parte da cultura, o sentir fome, produzir alimentos e comer se transformam num universo de símbolos, de técnicas, de produtos e de ritos que formam parte de nosso patrimônio cultural. Um arroz com feijão ou um acarajé, respondem não apenas às nossas necessidades biológicas, mas prioritariamente às nossas necessidades de saber quem somos, e às nossas capacidades de viver juntos e de fazer história. Este sentido amplo e inclusivo da cultura só se consolidou entre nós ao final do século XIX, quando as diferenças de costumes e modelos culturais, deixaram de ser explicados pela ciência como consequência de atrasos evolutivos e passaram a ser consideradas a expressão da mais rica capacidade humana: a de, a partir de uma unidade biológica tão forte, produzir tantas e tão ricas diferenças culturais.

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-MG e da Universidade do Estado de Minas Gerais. Este texto contou com a participação de Giselle Lucena, jornalista, integrante do Observatório da Diversidade Cultural.

Temos aqui duas importantes conseqüências: a cultura se faz presente em todos os atos e gestos humanos fruto da aprendizagem em sociedade. Por outro lado, ao fornecer formas práticas e simbólicas de conhecimento, reconhecimento e auto-conhecimento, a cultura nos permite construir identidades e memórias, mas também, nos desafia ao reconhecimento dos diferentes e seus patrimônios.

Não é possível pensar o ser humano fora da cultura. Sua ausência na vida e no cotidiano de cada indivíduo e dos grupos e sociedades onde se inserem e se relacionam, coloca em risco não apenas repertórios e formas de expressão artística, mas a própria condição humana. O que está em jogo quando pensamos em cultura é a própria condição humana e a maneira como expressa e se relaciona com as estruturas materiais e as bases territoriais onde a vida e a cultura, se dão. Relacionar a cultura ao território significa não apenas reconhecer os vínculos e pertencimentos a determinados contextos espaciais e temporais, mas também os valores e práticas compartilhados e os fluxos de trocas e contatos que configuram fronteiras próprias.

Por meio da cultura, desenvolvemos um conjunto de regras de criação e interpretação da realidade, que expressam tanto subjetividades quanto racionalidades próprias. Daí a possibilidade de pensar a cultura como representação, classificação e comunicação de valores que organizam nossas ações e tornam a vida coletiva possível na medida em que produz o compartilhamento de sentidos entre os iguais e tradução de significados entre os diferentes. Tais processos simbólicos implicam certa materialidade, como nos ensina Canclini “não existe produção de sentido que não esteja inserida em estruturas materiais” (1983:29).

Como conjunto de representações do mundo, da vida e do próprio ser humano, as diferenças culturais representam a diversidade de práticas, percepções e concepções que formam diferentes formas de explicar as origens, as



Foto Taiane Oliveira



transformações e os sentidos do universo e do ser humano. Assim, a cultura se transforma num processo permanente de organização, interação e troca de representações e práticas, no interior e entre sistemas culturais locais, regionais e mundiais que se interpenetram criando emaranhados simbólicos.

Entretanto, a atualidade resultou num mundo de complexidade e da diversificação dos sistemas simbólicos e de representação, que convivem num processo contínuo de contaminação mútua de suas especificidades. Vivemos um grande desafio para compreender as tensões e as contradições entre realidades locais e realidades globais, entre as homogeneidades e as heterogeneidades. Os processos de construção de identidades individuais e coletivas e as relações entre as tradições e as rupturas numa sociedade revelam os enfrentamentos e as tensões entre diferentes modelos culturais que co-existem.

As diferenças não são apenas a expressão de particularidades que devem ser mantidas intactas, mas singularidades que dialogam e se misturam, ora para se manterem puras ora para se fundirem. O que faz com que as diferenças produzam diversidade? É, justamente, a capacidade de inaugurar interações com base no singular de cada grupo, sociedade e no universal da condição humana. Acreditar nisso significa ir além do multiculturalismo – o direito de ser diferente – na direção do pluralismo, ou seja, a crença e o compromisso com um regime político que garanta às diferenças a interação, que transforme a diversidade em projeto político de equidade, cooperação e desenvolvimento humano.

Com essa perspectiva, reconhecemos a cultura como portadora de uma tríplice e simultânea dimensão: simbólica, cidadã e econômica. A primeira nos remete aos modos de fazer, pensar e agir, portanto revela nossas identidades. A segunda se refere à idéia da cultura como direito e, portanto, campo para o exercício da cidadania. Na dimensão econômica reconhecemos a cultura como geradora de riquezas e provedora de modelos de desenvolvimento.

Decorre da articulação entre o identitário, a cidadania e economia, a necessidade da existência de políticas culturais capazes de assegurar sua efetiva participação no desenvolvimento humano. Sem políticas públicas de cultura, o desfrute da cultura como direito e os próprios direitos culturais correm o risco de não passarem de idealidades e retóricas. O desafio é pensar como as diferenças podem deixar de ser tratadas como realidades que justificam e legitimam, desigualdades e dominações, transformando-se no elemento central de nosso capital social.

Este debate entre sociedade civil e Estado sobre a diversidade cultural existe há mais de cinquenta anos, e vem produzindo documentos e instrumentos políticos internacionais² a fim de oferecer alternativas para a proteção e promoção do direito à cultura e à diversidade cultural. Tais documentos refletem as preocupações com os processos típicos do mundo contemporâneo e seus reflexos no campo da cultura.

Em 2001, a 31ª reunião da Conferência Geral da UNESCO aprovou a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Em 12 artigos e 20 recomendações práticas, consolida décadas de reflexões e enfrentamentos. Mas o documento foi considerado pela grande maioria dos Estados membros e por organizações da sociedade civil, uma resposta insuficiente para as ameaças que a atualidade apresenta para a Diversidade Cultural. Com isso, foi instaurado um processo de aprofundamento que resultou na aprovação da Convenção para a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, em 2005. O texto define objetivos como⁴:

- criar condições para que todas as culturas floresçam em igualdade de condições, e possam interagir de modo mutuamente estimulante;
- encorajar os diálogos entre as culturas de modo a estabelecer um equilíbrio entre as trocas culturais, em favor de um respeito intercultural e da cultura da paz;
- reafirmar a ligação entre cultura e desenvolvimento, apoiando as ações neste sentido;

A compreensão da diversidade cultural e sua relação com questões como as culturas populares, as identidades e tradições e o desenvolvimento, vêm grande esforço reflexivo para fazer avançar as políticas públicas de cultura. Este avanço

²O Acordo de Florença de 1950 e seu Protocolo de Nairobi de 1976, a Convenção Universal sobre Direitos de Autor, de 1952, a Declaração dos Princípios de Cooperação Cultural Internacional de 1966, a Convenção sobre as Medidas que Devem Adotar-se para Proibir e Impedir a Importação, a Exportação e a Transferência de Propriedade Ilícita de Bens Culturais, de 1970, a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural de 1972, a Declaração da UNESCO sobre a Raça e os Preconceitos Raciais, de 1978, a Recomendação relativa à condição do Artista, de 1980, a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, de 1989, a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais de 1982, a Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento, Nossa Diversidade Criadora de 1995 e a Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento em 1998. Consultar o site www.observatoriodadiversidade.org.br.

³Ver o documento em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160m.pdf>

⁴O texto completo da Convenção pode ser consultado em http://portal.unesco.org/culture/es/file_download.php/4e23e90123ccd047c3f757ea1cfbca40TEXTE+REVISE++Spa.pdf

depende da capacidade de superar posturas protecionistas conservadoras, que defendem regimes de exceção cultural. O mais efetivo, especialmente no que se refere às expressões populares e tradicionais, é a capacidade de se conjugar os dois verbos: proteger e promover a diversidade cultural. Uma forma de realizar essa operação está ligada à capacidade de se articular, de forma mais dinâmica, a cultura, pensada em suas dimensões simbólica, cidadã e econômica com a questão das políticas públicas e o desenvolvimento. Trata-se de compreender que proteção sem promoção da diversidade cultural, acaba se transformando na adoção de medidas restritivas que condenam cada cultura a ela própria. O desafio parece ser o de se implementar medidas políticas e econômicas que evitem a transformação das trocas culturais em processos de mão única que reforçam a concentração cultural e submetem a cultura à lógica exclusiva do mercado globalizado.

Como então pensar os adjetivos identitário, popular e tradicional, colocados junto ao substantivo cultura, sob a ótica da diversidade?

2. A Cultura Popular

Os debates sobre a cultura popular no Brasil apontam para a necessidade de se ter clareza sobre o que definimos por meio deste conceito, de forma a evitar polarizações que ora a pensam como folclore, ora a definem como resíduo da cultura erudita e ora apontam como resistência à dominação. Na primeira perspectiva, a cultura popular é traduzida exclusivamente como um conjunto de tradições coletivas e anônimas permanentemente ligadas ao passado. Quando pensada em contraponto às manifestações eruditas, é sempre definida como ingênua, desprovida de saber e conhecimento. Quando associada à idéia de resistência política, transforma-se em construção ideológica que se utiliza do simbólico popular. Em todas essas visões o grande problema, como revela Arantes Neto (1981), é a manipulação política e populista que dela se faz, em função de ser sempre objeto de uma tradução das elites da sociedade e não um modo próprio de afirmar-se.

Marilena Chauí agrupa as abordagens sobre a cultura popular em dois grandes pólos. O primeiro expressa uma perspectiva romântica que traduz o popular

como puro e autêntico, uma cultura sem “contaminação e sem contato com a cultura oficial e suscetível de ser resgatada por um Estado novo e por uma Nação nova.” (CHAUI, 1989, p.23). O segundo pólo, habitado pela abordagem ilustrada, “vê a cultura como resíduo morto, como museu e arquivo, como o “tradicional” que será desfeito pela “modernidade”, sem interferir no próprio processo de “modernização”. (ibidem)

Para a autora, tanto os Românticos quanto os Ilustrados pecam por considerar a cultura popular como algo fechado sobre si próprio. Quando transformada em representação genuína da nação, a cultura popular adquire o sentido de uma totalidade orgânica, o que impede de se reconhecer e compreender suas dinâmicas, contradições e transformações. Quando expressão residual de outras culturas, a cultura popular é reduzida a um repertório de fragmentos na forma de eventos e produtos. Tanto numa quanto noutra, a cultura popular é aprisionada ao passado, reduzida a uma lista de expressões, que só adquire valor se expressão da tradição.

Alguns pesquisadores, como a antropóloga Ruth Cardoso, apontam para os cuidados que precisamos ter quando transformamos a cultura popular em expressão da cultura e da identidade nacional. Em primeiro lugar, esta noção pode nos remeter à idéia de cultura popular como uma realidade protegida de influências cosmopolitas e de trocas, além de configurá-la como expressão coincidente aos seus limites espaciais, uma espécie de cultura da comunidade.

Outro desafio refere-se à necessidade de entendermos o que mobiliza a importância dada à Cultura Popular como expressão de uma identidade mais genuína. Ainda usando das idéias da antropóloga Ruth Cardoso e agregando a elas as de Jesús Martin Barbero, um pensador nascido na Espanha, mas que se estabeleceu na Colômbia, muitas vezes a atenção dada à cultura popular é uma espécie de invocação que legitima o poder das elites e obscurece a realidade de exclusão. Há aqui uma sutil operação: ao afirmar a existência da cultura popular, consolida uma espécie de negação. Mas a que se refere o termo cultura popular? Em vez de realidade autônoma ou como parte dependente de outros modelos culturais no interior de uma sociedade, a cultura popular pode ser



Tradicional ou contemporânea, massivamente compartilhada ou resultado de trocas restritas, consolidada em produtos e bens materiais ou expressão imaterial de subjetividades singulares, a cultura popular é melhor compreendida quando referida ao seu plural, culturas populares, ou seja, a realidades marcadas pelas diferenças que, podem revelar modelos de continuidade, ruptura e atualização do vivido transformado em referências, memória e identidades.

pensada como uma das formas de representação e expressão simbólica que se materializa em práticas religiosas, lúdicas, artísticas e artesanais, que ora emergem de contextos e áreas simbólicas marcadas pela tradição ora expressam respostas a experiências de “sentenciamento da história - subjugação, dominação, diáspora, deslocamento” (BAHBHA,1998), ora são o resultado de trocas mais dinâmicas e atuais.

Há, portanto, uma necessidade de se compreender o que há de novo nesse convite atual à centralidade e importância da cultura popular, de forma a se compreender se estamos diante apenas de uma renovação do discurso tradicional sobre a nação, ou se esse processo expressa uma nova sociedade civil e por consequência um novo Estado.

São claras as evidências de que o Brasil se encontra num outro momento histórico onde a cultura assumiu uma dimensão importante no projeto político de desenvolvimento e de construção da cidadania. Isso trouxe ao centro das políticas públicas, sujeitos, expressões e modelos culturais antes invisíveis ou objeto apenas de manipulação ideológica. Este novo lugar da cultura no projeto político da nação transcende os usos meramente retóricos e ideológicos da diversidade cultural, configurando-se conforme sugere RUBIN (2007) em sua análise sobre a cultura no Governo Lula, como resultado:

- de um papel ativo assumido pelo Estado;
- de uma perspectiva abrangente no que se refere ao tratamento da cultura tomada num sentido antropológico e abrangendo um amplo escopo para além do erudito, que institui novas fronteiras e fluxos: populares; afro-brasileiras; indígenas; de gênero; de orientações sexuais; das periferias; da mídia áudio-visual; das redes informáticas etc;
- do desafio de formular e implementar democraticamente as políticas culturais, o que significa uma centralidade na participação da sociedade civil;
- do aumento dos orçamentos públicos para a cultura;
- e da busca da institucionalidade das políticas culturais por meio do debate e criação de sistemas e planos de cultura.

Há também, algo de novo no que se refere ao campo específico da cultura popular.

...está em curso na sociedade brasileira, um processo de fortalecimento de determinadas formas culturais e manifestações populares que até um período recente de nossa história praticamente agonizavam, correndo o risco do total desaparecimento. Tais expressões culturais experimentam hoje uma revitalização, um reconhecimento e uma revalorização notáveis – por parte

de setores cada vez mais amplos da sociedade, incluindo a mídia – deixando perplexos até mesmo aqueles incansáveis defensores da preservação de nossas tradições populares, que talvez não fossem capazes de imaginar, nem os mais otimistas, que esse passado moribundo pudesse fazer-se vigorar com tanta força no presente. (ABIB, 2007:2)

Essa renovada presença da cultura popular na esfera pública joga por terra as previsões pessimistas de um ocaso das tradições, processo que não se efetivou na passagem dos séculos XX para o XXI da forma como críticos e pesquisadores apontavam. Revela ainda que os chamados processos contemporâneos de globalização renovaram a importância do local e, por extensão, do tradicional e do popular. Esta renovação além de inaugurar um novo mercado de bens culturais que produz o homogêneo e valoriza o singular e específico, aponta para um novo processo político de enfrentamentos entre diferentes atores sociais e seus sistemas de representação. (MELO, 2006).

Ainda segundo o professor ABIB (2007:3)

Contraditoriamente ao processo de homogeneização cultural levado à cabo na sociedade globalizada, percebemos a revitalização de uma gama de manifestações tradicionais de nossa cultura, tais como a Capoeira, o Maracatu, os Reisados, as Marujadas e Cheganças, os Blocos Afro, o Bumba-meu-boi, a Congada e o Moçambique, o Frevo e a Ciranda, a Quixabeira, o Samba de Viola e o Samba-Lenço, a Catira, o Tambor de Crioula e o Tambor de Mina, a Dança do Lelê, o Chorinho, o Côco e a Embolada, a Burrinha, o Cacuriá, a Dança de São Gonçalo, os Blocos de Marcha-Rancho, o Boi-de-Mamão, o Samba-Chula e o Jongô que são apenas alguns exemplos de uma grande quantidade de ritmos e manifestações que têm, notadamente, ocupado espaços importantes não só nas festas tradicionais determinadas pelos calendários de cada comunidade de onde sempre fizeram parte, mas sobretudo através das aparições em programas de televisão, apresentações de cunho turístico, shows para grandes públicos, vídeodocumentários, gravações em CD, reportagens em revistas e jornais, ou ainda como referência para artistas plásticos, escritores, cineastas, grupos de teatro, dança ou de música, responsáveis por importantes e interessantes movimentos culturais (o movimento Mangue-Beat no Recife, ou o movimento Samba-Raiz no Rio e em S.Paulo, por exemplo) que têm buscado nas raízes da nossa cultura, o substrato de sua arte, a partir de uma re-leitura atualizada de tais manifestações e ritmos.

A perspectiva que aqui identificamos resulta de um novo desenho político e cultural da sociedade brasileira, onde a presença dos atores individuais e sociais

das culturas populares como protagonistas e sujeitos políticos inauguram a superação das práticas conservadoras até então dominantes.

Não se trata mais das maneiras como as elites se reportam e se apropriam do popular, mas das diversas maneiras como este popular se localiza simbólica e politicamente. Compreender este novo lugar do popular demanda o reconhecimento “do caráter complexo da cultura popular, e as mediações que ocorrem entre essa e o poder hegemônico: as oposições, acomodações, negociações e estratégias de resistências colocadas em prática, na elaboração e mesmo no processo de invenção dessas tradições populares...”. (ABIB,2007,p.9)

O conhecimento e análise das culturas populares no mundo atual requer ir além da idéia de que países em desenvolvimento, dependentes e que se industrializam e urbanizam de forma expressiva, vivem sob o poder absoluto das ideologias das classes dominantes e de uma indústria cultural homogênea e hegemônica. É preciso evitar posições simplificadoras que estabelecem como resultado da indústria cultural, a imposição indesejada do cosmopolitismo e o desaparecimento de formas culturais populares e tradicionais.

Para além da face coercitiva e homogeneizante do mercado cultural, a sociedade brasileira contemporânea se mostra complexa, decorrência dos vários lugares simbólicos e políticos a partir dos quais expressamos nossas singularidades e dialogamos sobre nossas diferenças. Resta pensar os termos identitário e tradicional.

Para as Ciências Sociais, e mais especificamente, para a Antropologia, a questão da identidade sempre esteve relacionada a três questões específicas: a identidade étnica, a identidade nacional e a identidade de gênero, sendo que, especialmente no Brasil, a primeira foi a que mais se desenvolveu. (DUARTE,1986A:70). Durante muito tempo, as teorias sobre a identidade apresentavam-se como teorias da não-contradição, da não-diferença, ou seja, teorias da unidade.

Contemporaneamente a questão da identidade social passou a ser discutida através de idéias da multiplicidade, da diferença e do contraste. O conceito

⁴O texto completo da Convenção pode ser consultado em http://portal.unesco.org/culture/es/file_download.php/4e23e90123ccd047c3f757ea1cfbca40TEXTE+REVISE++Spa.pdf

3. O Identitário & o Tradicional

de identidade social deixa de se constituir como uma espécie de categoria de unificação e se consolida como referente a uma realidade relacional e dinâmica. Identidade passa a denominar processos de identificação. O que se chama de crise de identidade deve ser entendido como produto de um processo característico da sociedade moderna, uma abundância de comunicação gerando a necessidade de busca de diferenciação.

Há, portanto, necessidade de se ter uma atenção especial ao termo identitário, para que não se constitua solo fértil para o etnocentrismo, o racismo, o classe centrismo e o Estado-centrismo.” (BARBU,1980).

Elemento fundamental na constituição e organização da cultura, a identidade não pode ser com ela confundida, da mesma maneira que a diversidade cultural não pode ser traduzida como um mosaico de identidades. Para que o conceito mantenha sua operatividade, a identidade, seja ela étnica ou não, deve ser compreendida como algo mais dinâmico, situacional, que revela a utilização de elementos culturais por sujeitos singulares. Decorre daí a perspectiva de compreendê-la como processo contínuo de construção e seleção de traços e marcas, que definem o olhar com que cada sujeito, grupo ou sociedade concebe a si próprio e ao “outro”, mas também a maneira como idealiza ser concebido e compreendido;

O que é fundamental, na superação de uma perspectiva essencialista e estática, é a compreensão da identidade como expressão da organização social de um grupo ou de uma sociedade, constituindo-se como um processo de representação coletiva, resultado do próprio reconhecimento social das diferenças. Como tal, se produz, enquanto algo dinâmico e processual, nas intersecções entre os indivíduos e seus grupos e entre estes e outros grupos considerados diferentes.

A identidade expressa, além das formas de produção de bens e das formas de organização da vida coletiva, concepções e idéias fundamentais para a conduta dos sujeitos: a visão de mundo, o sentido da vida, os projetos, construídos a partir dos saberes, dos valores, das emoções que qualificam a tudo e a todos. Daí a íntima relação entre a discussão das identidades culturais e os patrimônios imateriais.

A construção de identidades expressa sempre contrastes fruto das situações de contato que se dão através de processos de interação e de comunicação.



Foto Taiane Oliveira

Isso produz um quadro de rica complexidade entre os limites inclusivos, quando o grupo define para si próprio a pertinência ao seu grupo e, limites exclusivos, originados na percepção do outro sobre si. Neste processo, tanto elementos positivos quanto elementos negativos, ou estereotipados, são utilizados como mecanismos de identificação. São limites e marcas que pretendem “assinalar a dimensão construída pelos homens e escolhida como privilegiada para individualizar o grupo no concerto da diversidade social.” (RUBEN,1986:88). Esta contrastividade comporta sempre um componente especular, resultado do processo de atribuição de significados que definem iguais e diferentes o que faz com que cada um seja, num certo sentido, uma reconstrução, positiva ou negativa do outro. Mesmo quando não decorrente ou inauguradora de conflitos, a contrastividade faz da identidade um processo contínuo de negociação de sentidos.

Como um repertório articulado e dinâmico de concepções, apesar de seu caráter de anterioridade ao indivíduo, a identidade só se reproduz enquanto fenômeno cultural, se objeto de participação subjetiva individual. Diferentes sujeitos, pertencentes a uma mesma etnia, ou a um mesmo grupo social, vivem de maneira também diferente o “problema” da identidade: recortam, reconstróem, reforçam elementos diferentes destes repertórios. Introduce-se assim a questão da diversidade no interior de um mesmo grupo identitário.

Por fim, é preciso lembrar que os referenciais de tempo e de espaço são centrais na experiência identitária. Utilizados para a sua construção, sua diversidade e manipulação no interior do próprio grupo social e ao processo de comunicação que estabelece com o que lhe é exterior, constitui-se como um dos grandes desafios na compreensão das identidades.

Os referenciais do tempo revelam como a identidade constrói uma espécie de continuidade temporal designando semelhanças, definindo tradições, identificando continuidades e rupturas, tomadas como fundamentais. Nesta dimensão, como mostram Cunha (1985) e Duarte (1986B), as tradições, o passado, são sempre objeto de uma reinvenção operada pelas condições do presente: “Mais do que podermos dizer que o presente é reflexo ampliado do passado, deveríamos poder perceber que é este que se ilumina dos reflexos ativos do presente.” (DUARTE:1987:38). O passado é tomado como um “ator ideológico” que é problematizado



e legitimado na atualidade, tendo como referência a conceituação e a experiência de organização do tempo vivido no presente. A lembrança de um outro tempo não se constrói em dissociação com a experiência do tempo vivido no presente.

Já a dimensão da territorialidade também é tomada, juntamente com a questão temporal, como um dos elementos cruciais no engendramento da Identidade, em cujo cruzamento, a memória se exercita (SILVA,1984). O fato de se pertencer a um determinado espaço geográfico, histórico, econômico e afetivo constitui elemento importante na construção da identidade.

4. Para Terminar

Enfim, como a compreensão da semelhança e pertencimento nos convida à compreensão da troca e do diálogo inter e intra identitário.

Há, sem dúvida, um processo de revalorização das culturas populares e locais. No sentido regional e mundial, este processo parece se configurar como um contraponto ao processo de mundialização, entretanto

o processo de revitalização dessas tradições, não se constitui, conforme Otávio Ianni (1992), apenas no reavivamento de tradições e configurações pretéritas, mas como "...uma revelação de um novo todo, no qual as formações singulares adquirem outros significados" (p.32). Com o declínio da sociedade nacional e a emergência da sociedade global, modificam-se as articulações e mediações nas quais se inserem as partes e o todo, as singularidades, particularidades e universalidades. Segundo Ianni, a verdade é que, a globalização não é jamais um processo histórico-social de homogeneização, embora sempre estejam presentes forças empenhadas na busca de tal fim; ou que buscam equalizar interesses, acomodar alianças, criar e reforçar estruturas de apropriação econômica e dominação política. (ABIB,2007,p.9 e 10)

No contexto brasileiro, a revitalização das atenções às culturas populares é expressão de um conjunto de transformações que redefinem lugares sociais e

Pensar a realidade das culturas populares, identitárias e tradicionais, demanda, portanto, o cuidadoso trabalho de mapeamento não apenas da diversidade de formas de agenciamento simbólico e material no campo das atividades artísticas e artesanais, dos folguedos e demais atividades lúdicas, das práticas religiosas, da gastronomia e da saúde, mas, especialmente, a maneira como tais agenciamentos dialogam com o tempo e o espaço, revelando anterioridade e atualidade, o local e o universal.

sentidos políticos. Em especial, assistimos à consolidação de políticas públicas de cultura que buscam corrigir décadas de atitudes elitistas e exclusivas, que mantinham ausentes e invisíveis sujeitos e práticas culturais.

REFERÊNCIAS

ARANTES NETO, Antonio Augusto, O que é cultura Popular, Coeção Primeiros Passos, SP, Brasiliense, 1981

BARROS, José Márcio. O rodar do moinho: notas sobre a antropologia e o conceito de cultura. Cadernos de Ciências Sociais - PUC-MG. Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 5-13, abr. 1993.

BARROS (org), José Marcio, Diversidade Cultural – da proteção à promoção, BH, Autêntica, 2008

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

BERNARD, François de, A Convenção sobre a diversidade cultural espera para ser colocada em prática! 4 tarefas prioritárias para a sociedade civil, texto apresentado em Seminário promovido pela DAC/PUC Minas, em maio de 2007

CARDOSO, Ruth, “Cultura Brasileira : uma noção ambigua”, mimeo, s/d

CHAUÍ, Marilena Conformismo e resistência – aspectos da cultura popular no Brasil,, 1989

DURHAN, Eunice Ribeiro. A Dinâmica Cultural da Sociedade Moderna. Ensaio de Opinião, Rio de Janeiro: Ed. Inúbia Ltda, p. 33-35, 1977.

FEATHERSTONE, Mike. Sociedade e estado. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1996

LARAIA, Roque de Barros, Cultura um conceito antropológico, Rio, Jorge Zahar, 2001

Melo, Ricardo Moreno de. Tambor de machadinha: devir e descontinuidade de uma tradição musical em Quissamã, Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Música, 2006.

RIBEIRO, Gustavo Lins “Bichos-de-obra- fragmentação e reconstrução de identidades no sistema mundial”.Trabalho apresentado no XVI Encontro Anual da ANOPCS, Caxambu, 1990

RODRIGUES, José Carlos. Antropologia e Comunicação: Princípios Radicais. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo., 1989

RUBIM, Antonio Albino Canelas, Políticas Culturais no Brasil: trajetória e contemporaneidade, Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

SOARES, Luiz Eduardo - Os impasses da teoria da cultura e a precariedade da ordem social. Cadernos IFCH-Unicamp, 1984

UNESCO, Convenção para a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais adotada pela Conferência Geral da UNESCO em sua 33ª sessão, 2005.

VELHO, Gilberto & VIVEIROS de CASTRO, Eduardo - O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas. 1977, in: Artefato, ano 1, nº 1.

WARNIER, Jean Pierre. A mundialização da cultura. Bauru: Edusc, 2000

1.Artesanato



Expressão de modos de vida, memórias e costumes, o artesanato traz em si as marcas da identidade. Ainda que seja, na prática, uma atividade laboral exercida com finalidade financeira, o artesanato é parte intrínseca do universo da cultura popular. Os artefatos artesanais, produzidos manualmente ou por técnicas tradicionais, são ricos em referências à cultura de um povo, e são, ainda, frutos de saberes não-oficiais e fazeres marcados pela criatividade, talento e integração comunitária. Na Bahia, a atividade é desenvolvida, sem exceção, em todos os territórios de identidade e envolve um vasto elenco de técnicas e matérias-primas. Algumas delas são: cerâmica (Maragogipinho, Barra, Lençóis e Cachoeira); bordado (Rio de Contas); renda de bilro (Saubara); trançado de fibra de coqueiro, banana, junco e piaçava (Diogo, Massarandupió, Curralinho e Vila do Sauípe); trançado de fibra de licuri (Iaçú e Santa Brígida) e trançado de sisal (Valente). Há, ainda, a produção de artesanato indígena em municípios do semi-árido, como Glória e Rodelas, entre outros. Na zona rural de Biritinga, a artesã Geronisse Luciano dos Santos, representa a associação Tecendo Amanhã, criada há quatro anos. O grupo de 15 mulheres produz chapéus, bolsas, esteiras, carteiras e porta-objetos com a palha de ariri (palmeira rústica comum na Bahia) e incrementa-os com aviamentos, pinturas e colagens. A maioria dessas artesãs aprendeu o ofício dentro da própria família.

Territórios de Identidade

- Agreste de Alagoinhas / Litoral Norte
- Bacia do Paramirim
- Baixo Sul
- Chapada Diamantina
- Itaparica (BA/PE)
- Itapetinga
- Litoral Sul
- Portal do Sertão
- Recôncavo
- Sertão Produtivo
- Sisal
- Velho Chico

Contatos

Adeilson Conceição de Jesus (artesanato)
R. Eugenio Venceslau dos Santos, nº 157, Colina Verde
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8124-8470

Adelmira dos Santos Oliveira (artesanato)
R. Boa Esperança, s/n
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-1148, (71) 8276-2548

Afonso Feitoza (artesanato com corda de croá)
Brejo do Burgo, nº 199
Glória
Tel.: (75) 3656-1022

Alfina Rosa de Souza (artesanato)
R. Primeiro de Maio, s/n
Nova Canaã
Tel.: (73) 3207-2164, (73) 9954-6520

Ana Cláudia Neves Cruz (artesanato)
R. Agenor, nº 04, Centro
Caturama
Tel.: (77) 3650-1202, (77) 9959-6962

Analice Maciel Rodrigues (artesanato)
Rio Doce, s/n, Comandatuba
Una
Tel.: (73) 9961-9507, (73) 3236-1806

Ana Lúcia de Jesus Gomes (crochê)
R. das Agulhas
Água Fria
Tel.: (75) 8119-7679

Ana Lúcia Silva de Sena (artesanato e crochê)
R. do Lamarão, s/n, Centro
Água Fria
Tel.: (75) 8115-7454

Ana Maria dos Santos Lopes (artesanato e trançado)
Bairro Poeirão, 201
Água Fria
Tel.: (71) 8116-9763

Ana Rita de Oliveira (artesanato)
Praça dos Namorados, nº 283, Centro
Ibipitanga
Tel.: (77) 3674-2403

Antônio José Sátiro do Nascimento (artesanato indígena)
Aldeia Xucuri-Kariri, Quixabá
Glória

Arte Nativa - Associação de Artesanato e Doceiras do Baixio
Praça Evaldo dos Santos, Baixio
Esplanada
Tel.: (75) 3413-3063, (75) 9999-5911
36 integrantes

Associação Artesanal de Nova Canaã - AARCAN
R. Castelo Branco, s/n
Nova Canaã
Tel.: (73) 3207-2359
aarcan.associacao@hotmail.com
80 integrantes

Associação Comunitária de Artesanato e Arte Popular de Irará
R. Coronel Elpídio Nogueira, Centro
Irará
Tel.: (75) 8186-2505
casadoartesaoirara@hotmail.com
25 integrantes

Associação de Cerâmica Nossa Senhora de Fátima

Barra
Tel.: (74) 8807-7780

Associação de Mulheres da Barra (artesanato e filantropia)

Barra
Tel.: (74) 3662-2443
Número de integrantes não informado

Associação dos Artesãos de Saubara – Casa das Rendeiras (renda de bilro)

R. Francino Borges dos Reis, Rocinha Saubara
Tel.: (75) 3699-2039, (75) 8155-2240
assoc.artesaossaubara@hotmail.com
20 integrantes

Augusta Ferreira da Paixão (artesanato)

Fazenda Cural de Fora
Água Fria
Tel.: (75) 3293-1111
dc_carneiro@hotmail.com

Auretina Rodrigues de Souza Lino

(artesanato)
R. Alto do Bomfim, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 9977-0376

Balbina Pereira dos Santos (artesanato e crochê)

Av. Antônio Sérgio Carneiro, 2ª Travessa, s/n,
Barra
Água Fria
Tel.: (75) 8186-8550

Cláudia Félix dos Santos (artesanato)

R. Duque de Caxias, s/n, Centro
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8159-9772

Cláudia Manuela Silva Santos (artesanato)

R. Bela Vista, s/n
Urandi
Tel.: (77) 3456-2758, (77) 9196-7882
cmsangel@ig.com.br

Dailine Borges dos Santos (artesanato)

Tv. Santa Rita, nº52, Centro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-3706

Dilza Lima da Silva (artesanato)

Av. Balbino Leão de Almeida, nº 39
Água Fria
Tel.: (75) 8114-6260

Edimary Jesus Santana (artesanato)

R. Sergipe, nº20, Nova São Francisco
São Francisco do Conde
Telefone não informado

Edna Santos da Trindade (artesanato)

1ª Travessa do Coroado, nº33, Coroado
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-9091

Eliana Pereira Diógenes da Silva (artesanato)

Beco da Cisterna, 2ª Travessa
Água Fria
Tel.: (75) 8116-7055

Elizabete de Carvalho (artesanato)

R. Francina Teixeira Leão, s/n, Centro
Botuporã
Tel.: (77) 3678-2294

Elizabeth do Socorro Azevedo (artesanato e culinária)

R. da Igreja, nº95, Monte Recôncavo
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-5085, (71) 8220-3397

Érica Lima Cordeiro (artesanato e crochê)

R. do Cajueiro, s/n, Poerão
Água Fria
Tel.: (75) 3294-2077, (75) 8125-6306
ericacordeiro39@hotmail.com

Francisco Santos de Jesus (artesanato)

R. Manoel Reis, nº695, Nova Esperança
Presidente Tancredo Neves
Telefone não informado

Georgina Gomes dos Anjos (artesanato)

R. Santa Rita, nº114, Centro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651- 2612

Gilce Lima Ribeiro (crochê e fuxico)

R. Adoniran Assis da Silva, nº61
Água Fria
Tel.: (75) 8195-1082

Grupo da Cesta (artesanato em palha)

Comunidade Brejo da Vara
Barra
Telefone não informado
11 integrantes

Helena Ribeiro de Lima (crochê e bordado)

Av. Antônio Sérgio Carneiro, s/n
Água Fria
Telefone não informado

Idália da Paixão Silva (artesanato)

Fazenda Curral de Fora
Água Fria
Tel.: (75) 3293-1111
dc_carneiro@hotmail.com

Ingrid de Carvalho Pereira (artesanato)

1ª Travessa do Campo, nº12, Socorro



Foto Marisa Viana/ Acervo Instituto Mauá

São Francisco do Conde
Tel.: (71) 9167-3973

Iraci Soares da Silva (artesanato)
R. Beira Mar, s/n, Caípe de Baixo
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 9144-9511, (71) 8622-2643

Ivete Magalhães Freire de Oliveira
(artesanato)
Av. Laurinda Cardoso, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 9959-5731

Izabel Lima de Carvalho do Nascimento
(artesanato)
R. Direta da Mangueira, nº 25, Campinas
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-1532

Joana Ramos dos Santos (crochê e trançado)
R. Adoniran Assis da Silva, s/n
Água Fria
Tel.: (75) 8170-9148

João de Deus Batista (cerâmica, trançado,
mosaico e papel machê)
R. da Brasília, nº 04, Monte Recôncavo
São Francisco do Conde
Tel: (71) 8286-4949, (71) 9167-7351

José Cardoso Nogueira (artesanato)
Av. Elísio Santana, 119
Irará
Tel.: (75) 3247-2716

Josedália Souza (artesanato e costura)
Tv. Miguel Fernandes, nº 190, Centro
Caculé
Tel: (77) 8108-2683

José Humberto Correia Santos (trançado)
R. do Campo, nº 27, Socorro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 9911-9318

Josenice Ferreira de Araújo Pinto (artesanato,
pintura e costura)
Av. Antônio Sérgio Carneiro, s/n, Barra
Água Fria
Tel.: (75) 8120-6801

José Rodrigues Neto (artesanato e selaria)
Povoado Sansaité, s/n
Macureré
Tel.: (75) 3284-7005

José Souza Leão (artesanato de redes e tarrafas)
R. Alto do Bonfim, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 3650-1122

Josina Souza Araujo Lima (artesanato)
Av. Sete de Setembro, Centro
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8164-1318

Jozinalva Pereira do Nascimento Lima
(artesanato em palha, jornais e tecido)
R. da Entrada, s/n, Povoado Quixaba
Glória
Tel.: (75) 9166-3048

Júlia Fonseca de Jesus (trançado e artesanato
de palha)
Fazenda Baixa da Mina
Água Fria
Tel.: (75) 8126-1034

Juvenildes Meneses (artesanato)
R. Beira Rio, 44, Centro

Mascote
Tel.: (73) 3625-2116

Karla de Alcântara Santana (artesanato, costura e culinária)

R. da Ladeira, nº 77, Socorro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652- 2048, (71) 9217- 2664

Leandra Maria dos Santos Santana
(artesanato)

R. Drena I, nº 48 C, São Bento
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651- 3058

Leda Maria da Cruz (artesanato em couro)

Al. Plínio Mariani Guerreiro, nº 1510, Vermelho Barra
Tel.: (74) 3662-2282, (74) 9994-1453

Lidiana Santana Cordeiro (artesanato)

Centro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651- 1634, (71) 8787- 1462
lidy-3@hotmail.com

Lindinalva dos Santos (crochê e pintura)

R. Antônio Santana Portugal, nº 61, Nova São Francisco
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-2134, (71) 8851-6173

Lourdes Maria de Jesus (trançado, artesanato de palha)

Fazenda Baixa da Mina
Água Fria
Tel.: (75) 8117-1271

Luís Ronaldo Silva (cerâmica, marchetaria e costura)

R. Dr. Timóteo Maciel, 22, Sossego

Andaraí

Tel.: (75) 8125-1169
luisronaldosilva-andarai@hotmail.com

Maria da Conceição Purificação do Nascimento (artesanato e costura)

R. Monte Recôncavo, nº 33, Monte Recôncavo
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-5240

Maria de Fátima Oliveira de Melo (artesanato e bordado ponto cruz)

Agrovila Jusante, 06
Glória
Tel.: (75) 9130- 4136

Maria do Carmo Conceição de Jesus
(artesanato)

R. Manoel do Amaral, nº 74, Centro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8194-0095

Maria Lúcia Arcanjo (artesanato e costura)

R. Juvenal Heugênio de Queiroz, nº 127, Baixa Fria
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8144-0115

Maria Raimunda de Freitas Ramos
(artesanato)

Praça Dezenove de Julho, Centro
Mascote
Tel. : (73) 3625-2077, (73) 9135-2384
rai_freitas@hotmail.com

Maria Regina Maciel de Matos (artesanato)

Fazenda Curral de Fora
Água Fria
Tel.: (75) 3293-1111
dc_carneiro@hotmail.com



Maria Sátiro do Nascimento (artesanato indígena)
Aldeia Xucuri- Kariri, Quixabá
Glória
Tel.: (75) 9111-8450
maiaraindinha@gmail.com

Marilúcia Soares do Nascimento (artesanato)
Av. Antônio Carlos Magalhães, s/n
Itacaré
Tel. : (73) 9928-9907

Marlene Vieira Freitas (trançado)
Fazenda Baixa Da Mina
Água Fria
Tel.: (75) 8151-1440

Miraci Alves dos Santos Teixeira (crochê e
bordado ponto cruz)
Av. Antônio Carneiro, s/n
Água Fria
Tel.: (75) 3294-2219

Natália Jesus de Souza (artesanato)
R. do Asfalto, nº 148 A, Caípe de Baixo
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 9969- 4079

Nelma Carneiro Araújo (artesanato)
Praça Pedro Carvalho, s/n
Água Fria
Tel.: (75) 3293-116
dc_carneiro@hotmail.com

Neuza Maria Neves Cardoso (artesanato)
Praça da Matriz, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 3650-1139

Oficina Artesanal Mãos de Fada (artesanato)
Quadra 01, Lote 10, R. Dirceu Gomes Fonseca,
Centro



Foto Talane Oliveira

Rodelas
Tel.: (75) 3285-2356, (75) 8805-3502
mãos.de.fada@bol.com.br
22 integrantes

Paulo Augusto Moscoso Vieira (artesanato)
Praça da Bandeira, 35, Centro
Andaraí
Tel.: (75) 8176-4011, (75) 3339-2416

Pedrina Maria de Souza Silva (cerâmica)
Povoado Riacho dos Caldeirões, s/n
Macureré
Tel.: (75) 9801-7242

Rafael da Silva Gil (artesanato)
R. Alto da Rodoviário, s/n
Caturama
Tel.: (77) 3650-1122

Ronaldo de Oliveira Machado (artesanato)
R. Jovino Alves, nº 44
Urandi
Tel.: (77) 3456-2327, (77) 9115-4721
ronaldo.o.m@hotmail.com

Ronival Aranjo Moreira (artesanato)
Brejo do Burgo, s/n
Glória
Tel.: (75) 3686-1033

Roque Santiago da Silva (artesanato com
piaçava)
R. Guedes Lima, s/n
Urandi
Tel.: (77) 9196-7882

Roseane de Oliveira Silva (artesanato)
Av. Beira Mar, nº 35, Caípe de Baixo
São Francisco do Conde

Tel.: (71) 3604-7582, (71) 8202-0973
roseane.oliveira31@gmail.com

Salustiano Souza da Silva (artesanato)
R. Timotéo Maciel, s/n, Centro
Andaraí
Telefone não informado

Silvânia Santos da Cruz (artesanato)
R. Luiz Viana Filho, nº 29, Centro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-3003, (71) 3651-1964, (71) 8208-3324

Silvia Clotilde Lima Guimarães (artesanato)
Av. Paraguaçu, 51, Barricas
Andaraí
Tel.: (75) 8122-3384
silvia.amina@hotmail.com

Simone Cardoso dos Santos (artesanato e trançado)
Tv. Moreira Rêgo, 20
Irará
Tel.: (75) 8142-7781

Solange Chaves Reis Sena (artesanato)
R. Santos Dumond, 113
Nova Canaã
Tel.: (73) 8802-9601

Tecendo Amanhã (artesanato)
Povoado de Vila Nova, s/n
Biritinga
Tel: (75) 9166-0867
sergio_jss@yahoo.com.br
15 integrantes

Tomázia de Aquino dos Reis Santos
(artesanato)
Fazenda Curral de Fora
Água Fria
Tel.: (75) 3293-1111
dc_carneiro@hotmail.com

Valdivino Francisco Pinto (artesanato em palha)
Comunidade Brejo de Vara, s/n
Barra

Veneide Santos Maerctsch (cerâmica e pintura em porcelana)
Comunidade do Campo Seco
Itacaré
Tel.: (73)9935-0144

Vera Lúcia Almeida Mendes dos Reis (crochê)
R. José Miranda dos Reis, s/n
Água Fria
Tel.: (75) 8135-4066

Vital Jesus dos Santos (artesanato)
R. Tv. Maria Quitéria, s/n, Japão
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8159-9849

Ygor de Jesus Oliveira (artesanato)
R. Manoel Reis, s/n, Nova Esperança
Presidente Tancredo Neves
Telefone não informado

2. Bacamarteiros



Reza a lenda que os bacamarteiros têm a missão de ‘acordar’ Santo Antonio, São João e São Pedro quando saem às ruas no início de junho. O folguedo, típico do agreste, recria o período final da Guerra do Paraguai (1864-1870), na qual lutaram soldados nordestinos e o Brasil saiu-se vencedor. Na tradição, o batalhão ou a tropa disputa o tiro mais alto dado pelos bacamartes (armas de cano curto e largo com munição de pólvora, também chamadas de granadeiras), em um ritual de muito barulho. O grupo é subordinado a um sargento, e uma banda de pífanos ou um trio de forró se encarrega da música. Os soldados vestem roupas azuis, chapéus de couro, botas e cartucheiras em alusão ao Cangaço. Na Bahia, o auto é encenado na zona rural de Santa Brígida e os bacamartes guerreiam por fogueiras e pelas palmas de tiro mais impactante. O folguedo é coordenado pelo Sr. Sebastião Pedro e se iniciou na década de 1950 em comemoração à construção da Igreja de São Pedro, inaugurada pelo beato Pedro Batista, famoso líder espiritual que percorreu o Nordeste na época.

Territórios de Identidade

- Semi-Árido Nordeste II

Contato

Grupo Bacamarteiros (bacamarte e banda de pífanos)

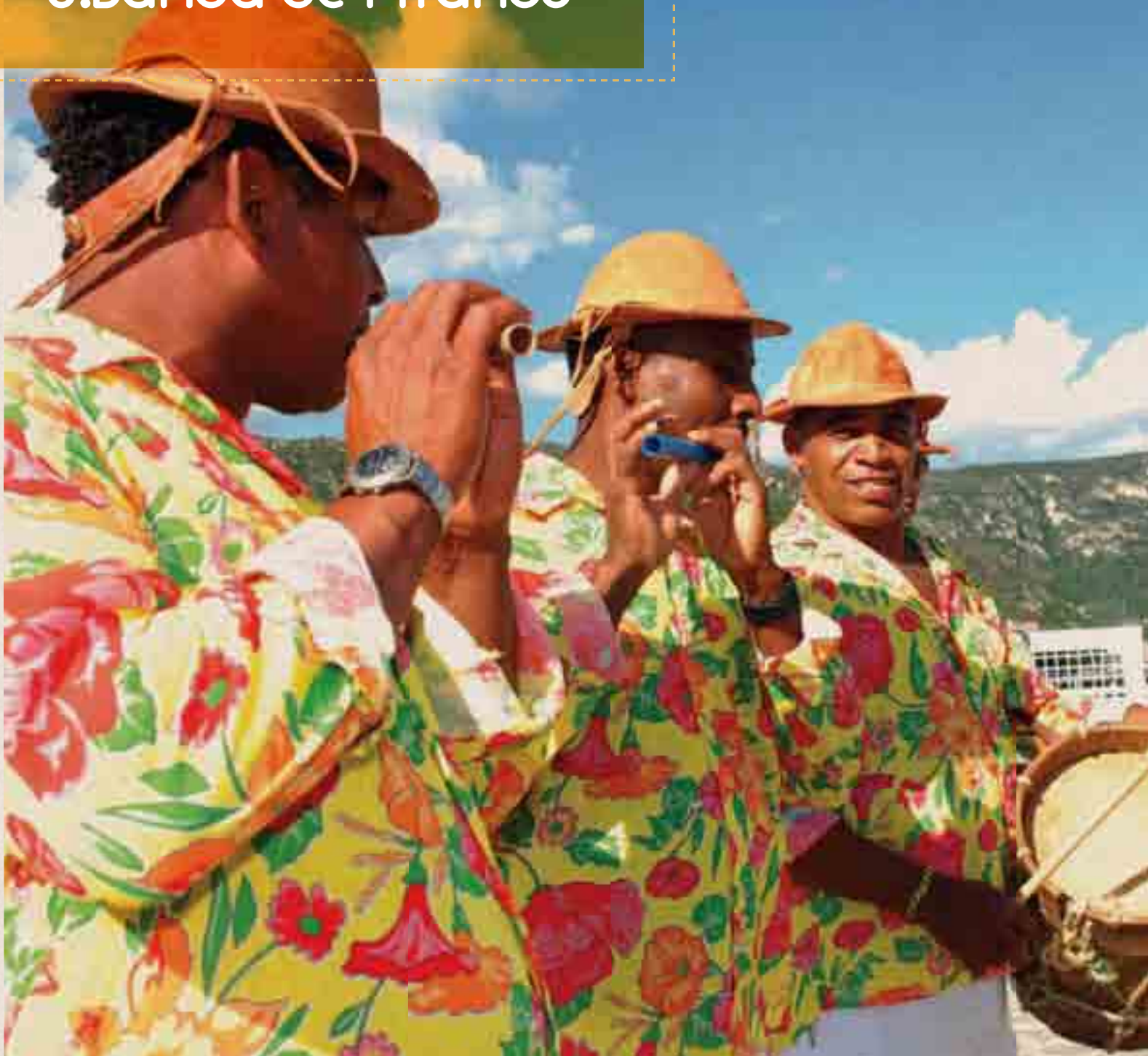
Km 42

Santa Brígida

28 integrantes

Telefone não informado

3. Banda de Pifanos



A banda de pífanos é um conjunto instrumental característico do Nordeste e é conhecida, também, como carapeba, terno de pífanos, cabaçal ou esquentá muié – termos que variam conforme a região ou estado. São representadas nas artes figurativas típicas e nas xilogravuras dos cordéis. Os pífanos, pífaros ou pifes brasileiros constituem uma adaptação nativa das flautas populares europeias e são feitos de bambu. Os integrantes de uma banda de pífano costumam animar bailes rurais, feiras, festas juninas, eventos religiosos e chegam a acompanhar enterros de crianças. Muitas vezes, deslocam-se a pé em longas caminhadas para se apresentar em cidades vizinhas.

A sonoridade única da banda deve-se à sua formação instrumental. A mais comum utiliza dois pífanos, zabumba, prato e caixa (caixa de guerra ou tarol). Nas bandas mais autênticas nenhum instrumento encarrega-se da harmonia, permanecendo apenas a melodia e o ritmo. Ocorre também a formação típica do forró pé-de-serra: pífano em substituição ao triângulo, sanfona e zabumba. Normalmente, os músicos passam a tradição dentro da própria família. Na Bahia, os membros da Banda de Pífanos do Pau-Ferro, do povoado de mesmo nome, em Jacobina, compõem, criam melodias, tocam, cantam e confeccionam, de forma artesanal, seus próprios instrumentos. A banda tem como mestre o Sr. Benedito Mangabeira da Silva, que aprendeu a tocar com o pai e incentiva as crianças a se envolverem com a tradição. Em Abaré, a Banda de Pífano, liderado pelo Sr. João Francisco Barbalho, de 63 anos, se apresenta na trezena de Santo Antonio e na festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira da fazenda onde reside. Três dos seus quatro componentes são da mesma família.

Territórios de Identidade

- Chapada Diamantina
- Itaparica (BA/PE)
- Piemonte da Diamantina

Contatos

Mestre Benedito Mangabeira da Silva - Banda de Pífanos de Pau-Ferro

Pau-Ferro, s/n
Jacobina
Tel.: (74) 9116- 3538
pifanos.pauferro@hotmail.com
12 integrantes

Banda de Pífano

Fazenda Icó, s/n
Abaré
Tel.: (87) 9102-5609 (recado)
04 integrantes

Banda de Pífano da Lagoa da Boa Vista

R. Lagoa da Boa Vista, s/n
Seabra
Tel.: (75) 3362-9001, (75) 9929-6356
10 integrantes

Banda de Pífanos Grupo da União

R. do Contorno, s/n, Contornolândia
Serrolândia
Telefone não informado
07 integrantes

4.Barca & Barquinha



A Barquinha é uma manifestação típica da zona costeira da Bahia. Fundada em 1910, em Cairu, A Barca, do Mestre Benedito Palma Ché, consiste em uma embarcação instalada sobre rodas puxada por homens vestidos de marujos, que desfilam após a Festa de reis – dia 08 de janeiro. Ao som de músicas próprias, a tradição é conduzida por um comandante com auxílio de oficiais e suboficiais. O agrupamento representa a Marinha de Portugal. Há a participação de crianças que interpretam personagens bíblicas femininas e cantam em pontos pré-determinados do trajeto. O cortejo, considerado uma variação da chegança, é finalizado com pedidos aos moradores para que doem contribuições, alimentos e bebidas.

Em Bom Jesus dos Pobres, Saubara, a barquinha que leva o nome do local é realizada por famílias de pescadores e marisqueiras. De origem incerta, a tradição, associada ao candomblé, acontece com o intuito de agradecer ao orixá Yemanjá pelo bom ano que passou. As oferendas à entidade são recolhidas na noite de 31 de dezembro e, nesta mesma ocasião, atiradas ao mar. A tradição foi resgatada pela Sra. Maria Rita Machado dos Santos, conhecida como Rita da Barquinha, há trinta anos. No cortejo, Maria Rita leva uma barca na cabeça de aproximadamente sete quilos, usa roupas típicas de baiana e executa uma coreografia que imita o movimento das marés. Ao seu lado, dançam outras baianas da comunidade. Os gêneros musicais típicos da tradição são samba de roda, samba-chula e música afro. Além da última noite do ano, a Barquinha também faz a oferenda no dia 02 de fevereiro (Dia de Yemanjá e Bom Jesus dos Pobres).

Territórios de Identidade

- Baixo Sul
- Recôncavo

Contatos

Mestre Benedito Palma Che (barquinha)

R. Benjamin Constant, s/n, Rua do Fogo
Cairu

Tel.: (75) 3653-2161

42 integrantes

Rita da Barquinha - Barquinha de Bom Jesus dos Pobres (barquinha e samba de roda)

R. Duque de Caxias, s/n, Bom Jesus dos Pobres
Saubara

Tel.: (75) 3699-2039, (71) 9991-1201

20 integrantes

5. Benzedura, Cura Parto & Reza



Comuns no interior da Bahia, os saberes populares benzedura, cura, parto e reza são conhecimentos espontâneos, normalmente transmitidos dentro de um núcleo familiar ou religioso, que fogem às práticas embasadas na ciência. Ainda na Bahia, são, muitas vezes, exercidas por mulheres adultas, pais e mães-de-santo ou adeptos do candomblé e umbanda, geralmente, sem formação acadêmica. De cunho mágico, a benzedura ou reza costuma envolver elementos como devoção, concentração e oração dirigidas a um santo ou entidade a qual se suplica ajuda. São praticadas com o objetivo de afastar ‘mau-olhado’, doenças ou sanar problemas de diferentes ordens. Além de pessoas, objetos, casas, lavouras e animais também podem ser ‘rezados’, o que é feito com ramos de folhas verdes, gestos e um rosário – este último utilizado também pelas parteiras.

A cura, historicamente ligada às atividades do sacerdócio, pode envolver a prescrição de receitas à base de plantas medicinais (chás, garrafadas, cataplasmas e unguentos), simpatias, dietas especiais, terapias rústicas (vomitórios, sangrias e suadouros) e tratamentos caseiros à base de produtos naturais (aplicação de barro, água e fogo) ou, até mesmo, excrementos (urina, saliva e fezes). Nessas tradições, a aquisição de conhecimento se dá por via oral e observação ou, ainda, sonhos e intuição. No trabalho das parteiras, podem estar envolvidos, da mesma forma, orações, simpatias, cantos de conforto, fitoterapia e orientações médicas sobre cuidados com o bebê. Em Feira de Santana, a benzedeira Maria Cerqueira de Jesus, de 68 anos, aprendeu o ofício com o pai quando criança, e outros membros da família também benziam. Maria não cobra pela atividade e entre suas práticas estão rezar em local reservado e evitar a benzedura em determinados horários. Em Macururé, na *Aldeia da Jurema*, a curandeira Alexandrina Maria dos Santos, de 54 anos, prescreve remédios caseiros, como xaropes de ervas e banhos de folha. Ela presta, durante o ano inteiro, atendimento espiritual no terreiro dedicado ao culto da entidade Jurema.

Territórios de Identidade

- Bacia do Paramirim
- Baixo Sul
- Chapada Diamantina
- Itaparica (BA/PE)
- Litoral Sul
- Oeste Baiano
- Portal do Sertão
- Recôncavo
- Sertão Produtivo
- Vale do Jiquiriçá
- Velho Chico

Contatos

Antônio Bezerra Lima (benzedura)

Glória

Tel.: (75) 9152-8389

Áurea Maria de Jesus (parto e benzedura)

R. Dr. Luiz Gonzaga, Centro

Andaraí

Tel.: (75) 3335-5006

Berenice Malaquias da Conceição (benzedura)

R. São José, s/n, Muribeca

São Francisco do Conde

Telefone não informado

Clotildes Ferreira dos Santos (benzedura)

Templo de Umbanda Cosme e Damião e

Comunidade Quilombola Barra do Parateca

R. Rui Barbosa, nº 208

Carinhanha

Tel.: (77) 3486-4002

34 integrantes

Elza Santos Aleluia (benzedura)

R. Conselheiro Luiz Viana, nº 82, Centro

Maracás

Telefone não informado

Glisério Pereira (benzedura e candomblé)

R. do Cemitério, nº 84, Socorro

São Francisco do Conde

Telefone não informado

Inácia Maria Soares Cunha (reza e benzedura)

R. do Cemitério, nº 39, Socorro

São Francisco do Conde

Tel.: (71) 3652-2020

Irene Rodrigues Guimarães (parto e benzedura)

Av. Adélia Ganem Souto, 447, Ibirapitanga

Andaraí

Telefone não informado

Isabel Soares Santos (benzedura)

Fazenda Barra da Jurema, s/n

Urandi

Telefone não informado

Jerolinda Pereira dos Santos (parto e mestra griô)

Comunidade Quilombola do Rio das Rãs

R. Doutor Dermeval Almeida, nº 178, São Gotardo

Bom Jesus da Lapa

Tel.: (71) 8859-7890, (77) 8821-9003

tokinhacruz@yahoo.com.br

João dos Santos Silva (benzedura)

R. Rio Grande do Sul, Quadra 181, Lote 16, Mimoso 1

Luís Eduardo Magalhães

Tel.: (77) 8112-5711

Joaquim dos Santos Silva (benzedura)

R. Rui Barbosa, s/n, Centro

Caturama

Telefone não informado

José Antunes da Silva (benzedura)

Glória

Tel.: (75) 9152-8389

Lindaura Oliveira Silva (benzedura)

Fazenda Gameleira, s/n

Igaporã

Tel.: (77) 3460-1161

Maria Aparecida Fonseca (parto e benzedura)

Beira Rio, s/n

Andaraí

Telefone não informado

Maria Brasilina de Jesus (benzedura)

R. P, nº 39, Jobeguara de Areia
São Francisco do Conde
Telefone não informado

Maria Cerqueira de Jesus (benzedura)

R. L, Caminho P20, nº 02-D, Rua Nova
Feira de Santana
Tel: (75) 3226-7314, (75) 3486- 5156

Maria da Anunciação dos Santos (benzedura)

R. Santo Antonio, s/n, Ilhote
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8135-3424

Maria das Graças Cardoso dos Santos

(parteira)
R. Natal, s/n, Coste de Pedra
Presidente Tancredo Neves
Telefone não informado

Maria Felipa Chaves Costa (parto)

R. da Bela Vista, s/n, Socorro
São Francisco do Conde
Telefone não informado

Maria Izabel da Conceição (benzedura)

Glória
Tel.: (75) 9152-8389

Maria Natalícia Martins (parto)

Fazenda Vista Alegre, s/n
Urandi
Telefone não informado

Maria Petronilha Alves Machado (benzedura e charutos)

Tv. Oito de Agosto, s/n, Centro
Irará
Telefone não informado

Maria São Pedro da Silva (benzedura e culinária)

R. do Campo, s/n, Centro
Macureré
Tel.: (75) 3284-2100, (75) 3281-2160

Marineide Batista de Oliveira (reza e benzedura)

Loteamento São José, s/n
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8846-4121

Nair Conceição Rodrigues (benzedura)

Fazenda Alto da Salina, s/n
Botuporã
Tel.: (77) 3678-2147

Olga Angelina da Silva (benzedura)

R. Desidério Bispo, 396
Andaraí
Tel.: (75) 9913-2401

Pai Ebomin (benzedura e candomblé)

R. Malvina, nº 32, BR 420
Jiquiriçá
Tel: (75) 3651-2032
paiebomin@hotmail.com
200 integrantes

Porfírio Lopes do Vale (benzedura)

Mascote
Telefone não informado

Walmir Nobre Sobrinho (reza, benditos e ladainhas)

Fazenda Bucânia
Botuporã
Tel.: (77) 3678-2363

6. Bordado, Corte & Costura



Assim como o artesanato, as atividades tradicionais do bordado, corte e costura fazem parte do rico universo da cultura popular brasileira. Essas atividades, executadas basicamente à mão, envolvem tradição oral, saberes não-oficiais, integração familiar, destreza, criatividade e esmero. Elas deixam revelar, no seu processo produtivo ou nas peças prontas, aspectos do *modus vivendi* de um povo. De forma geral, trata-se de trabalhos desempenhados por mulheres adultas que os aprendem na juventude com mães, tias ou avós. Cursos comunitários e de baixo custo disponíveis por todo o país ajudam na capacitação para exercê-los. O bordado, arte de criar figuras ou desenhos coloridos sobre roupas e artigos para o lar com fios têxteis, é de origem portuguesa, sendo o ponto-cruz uma de suas técnicas mais difundidas. Já a atividade do corte e costura consiste na técnica de confeccionar peças do vestuário ou da decoração de modo artesanal, utilizando-se apenas de um equipamento elétrico simples, a máquina de costura. Geralmente, as costureiras trabalham sob encomenda para pessoas da comunidade.

Na Bahia, a tradição do bordado em crivo rústico é encontrada em Rio de Contas, Chapada Diamantina, com polos produtivos concentrados nos povoados da Barra e de Bananal. As artesãs acreditam que a técnica, que usa fios de algodão cru como matéria-prima, foi repassada pelas senhoras brancas para as mulheres negras escravizadas no período colonial. O corte e costura, atividade mais comum que o bordado, é praticado em todo o estado. Em Presidente Tancredo Neves, Firmiana Santos das Virgens aprendeu a atividade de forma espontânea. Há 20 anos na tradição, Firmiana, que além de trabalhar em uma fábrica local costurando sapatos, exerce, ainda, o ofício no período noturno e nos finais de semana como forma de complementar a renda.

Territórios de Identidade

- Agreste de Alagoinhas/ Litoral Norte
- Bacia do Paramirim
- Baixo Sul
- Itaparica (BA/PE)
- Litoral Sul
- Recôncavo
- Sisal
- Vale do Jiquiriçá

Contatos

Albertina Dias dos Santos (costura)

R. Alto da Colina, nº627, Ginásio
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8126-3181

Ana Paula Mattos de Sá (bordado, crochê e pintura)

R. José Miranda dos Reis, s/n
Água Fria
Tel.: (75) 8135-4066

Andrea Trindade Bomfim (bordado)

R. Rui Barbosa, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 9933-6555

Ângela Maria Leão Martins (bordado)

R. Bom Destino, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 9967-8628

Arlete Silva Santos de Azevedo (bordado e pintura em tecido)

R. Cláudia Cerqueira Silva, 18
Água Fria
Tel.: (75) 8161-6876

Associação das Costureiras Artesanais de Piraí do Norte

R. Érico Sabino de Souza, s/n, Centro
Piraí do Norte
Tel.: (73) 3688-2263
elizabethetavares@hotmail.com
30 integrantes

Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Esplanada (costura, trançado e modelagem)

Tv. Aurélio Ferreira Batista, nº21
Esplanada
Tel.: (75) 3497-1194, (75) 9924-1524
25 integrantes

Cleuza Maria Santos dos Santos (costura)

Campinas
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-2086

Donata Maria da Silva (costura)

R. Beira mar, s/n, Caípe de Baixo
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 9144-9511

Eliane da Silva (bordado)

Av. Beira Rio, nº 102, Centro
Glória
Tel.: (75) 9165-7652

Elisângela Brito dos Santos Magalhães (bordado)

BR 101, Rua 01, Bairro Novo
Mascote
Tel.: (73) 3629-2490
brenninho05@hotmail.com

Elizete Lima dos Reis (costura)

R. do Lamarão
Água Fria
Tel.: (75) 8126-1034

Firmiana Santos das Virgens (costura)

R. 02 de Julho, nº93, Ginásio
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8154-9501

Gildásio Santos Silva (costura, tricô e ponto cruz)

R. Estelita Falcão
Água Fria
Tel.: (75) 8111-8045

Grupo de Mulheres Mãos de Fada (corte,
costura e bordado)

R. dos Canudos, s/n, Centro
Biritinga
Tel: (75) 9193-1579
helen_a_1971@bol.com.br
12 integrantes

Isis Gleide Alves Soares (corte e costura)

Av. Prefeito Idalácio Farias, s/n, Centro
Glória
Tel.: (75) 3656-2250

Ivete Carvalho de Queiroz (bordado)

R. Emanuel Gomes Ferro, 41
Irará
Tel.: (75) 8129-0242

Jocimara Brito de Santana (bordado, ponto
cruz e crochê)

R. Cláudia Cerqueira Silva, nº 04
Água Fria
Tel.: (75) 8161-6876, (75) 8171-9796
jocimarabrito@bol.com.br

Joselita Susart Bezerra (bordado)

Fazenda Mangabeira
Irará
Tel.: (75) 8109-1364

Judithe Ribeiro Lima (costura, bordado
e ponto cruz)

Tv. Dois de Julho, 03
Água Fria
Tel.: (75) 8102- 3140

Luzirene Silva Alves (bordado)

Praça Acúrcio de Oliveira, s/n, Centro
Botuporã
Tel.: (77) 3678-2011



Foto Agência Caixa de Fósforo

Márcia Florêncio dos Santos (costura)

R. Boqueira, nº220, Centro
Ibipitanga
Tel.: (77) 3674- 2081

Maria Antônia de Jesus da Silva (costura)

R. Filadélfio Leal, nº180, Ginásio
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8106-4753

Maria Antonia Santos Lima (costura, bordado)

R. Adilson dos Reis Figueiredo, 51
Água Fria
Tel.: (75) 8119-6767

Maria da Glória Oliveira Batista (costura)

R. Guarani, 63, São João do Paraíso
Mascote
Tel.: (73) 3629-2774

Maria Hilda de Souza Sena (costura e bordado)

Fazenda Furado de Espinho, s/n
Maracás

Maria José Souza Braz (corte e costura)

Av. Prefeito Idalácio Farias, nº 42, Centro
Glória
Tel.: (75) 3656-2388

Maria Margarida Barbosa (costura, tricô e
crochê)

R. José Miranda dos Reis
Água Fria
Tel.: (75) 8180- 6518

Maria Raquel da Fonseca Fernandes (costura)

R. Nova Santa Rita Babilônia, nº 32, São Bento
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8141-8157

Maria Rosa Correia (corte e costura)

Av. Prefeito Idalácio Farias, nº 66, Centro
Glória
Tel.: (75) 3656-2040

Maria Santos de Jesus (costura)

R. Filadélfio Leal, nº118, Ginásio
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8104-3861

Miriam Rodrigues da Silva (bordado)

Povoado Sansaité, s/n
Macureré
Tel.: (75) 3284-7007

Odete Glória Marques (costura)

R. J.J. Seabra, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 3650-1122

Renilza Ramos Praxedes (corte e costura)

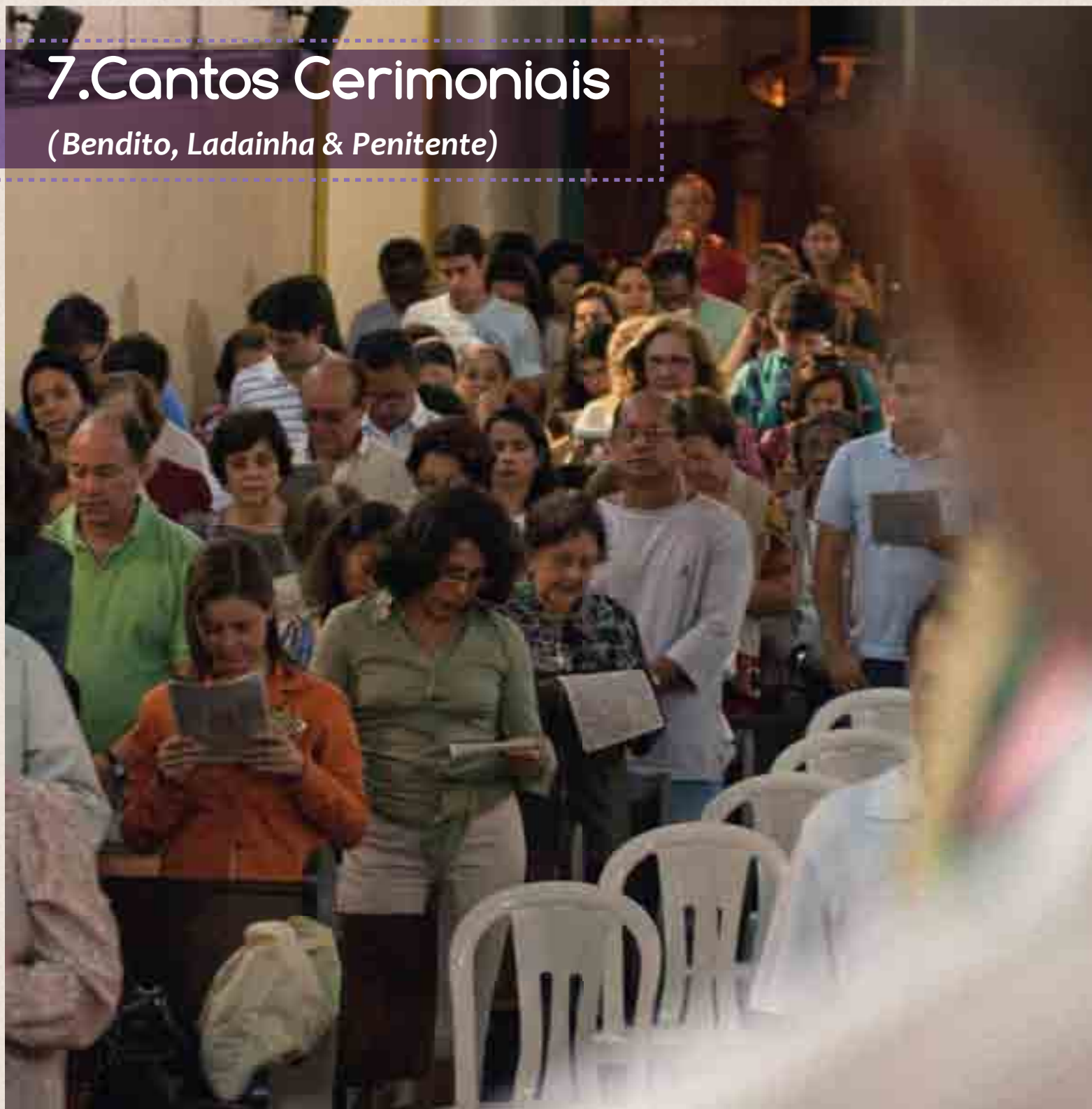
R. da Brasília, nº 01, Monte
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652- 5024, 8185-8970

Foto Tatiâne Oliveira



7. Cantos Cerimoniais

(Bendito, Ladainha & Penitente)



No Brasil, a maioria dos cantos cerimoniais está associada à religião católica e envolve louvores, agradecimentos ou pedidos aos santos. Em uma manifestação oposta, este tipo de canto pode conter teor jocoso e ser entoado em bares ou festas para animar brincadeiras, como aquela que testa a resistência de um presente ao álcool. Entre os cânticos religiosos notados na Bahia destaca-se o bendito, que se caracteriza pela alternância entre solista e coro, e pelos versos que começam com uma locução (Bendito, Louvado Seja!). É executado em procissões e rezas. Há também a ladainha, canto entoado como responsório e baseado em textos da liturgia católica. Trata-se de prece cantada para evocar a proteção de Deus, Jesus Cristo, Virgem Maria ou dos santos mais populares.

O canto penitente, por sua vez, é entoado em ocasiões nas quais a dor, o lamento e o pranto fazem parte do processo de remissão dos pecados. Também é entoado no ato penitencial da missa católica, quando os devotos pedem piedade a Deus. Em todos os casos, porém, são executados em ritmo monótono e sem acompanhamento instrumental. Outros tipos de cantos cerimoniais da cultura brasileira são a incelência (entoadada coletivamente nos velórios), a serenga (executada durante procissão fluvial, na festa do Divino Espírito Santo) e o telebé (canto de candomblé). Na comunidade quilombola de Gurunga, Igaporã, o Sr. Manoel Francisco Benevides lidera os festejos a São José. Seu grupo, de 30 membros, entoa, todo ano, louvores, ladainhas e cânticos do reisado em homenagem ao Santo.

Territórios de Identidade

- Velho Chico

Contatos

**Mestre Manoel Francisco Benevides -
Comunidade Religiosa e Grupo Quilombola
de Gurunga** (festejos de São José e ladainha)

Fazenda Gurunga

Igaporã

Telefone não informado

30 integrantes

Isaulina Ana da Silva (bendito, ladainha e reza)

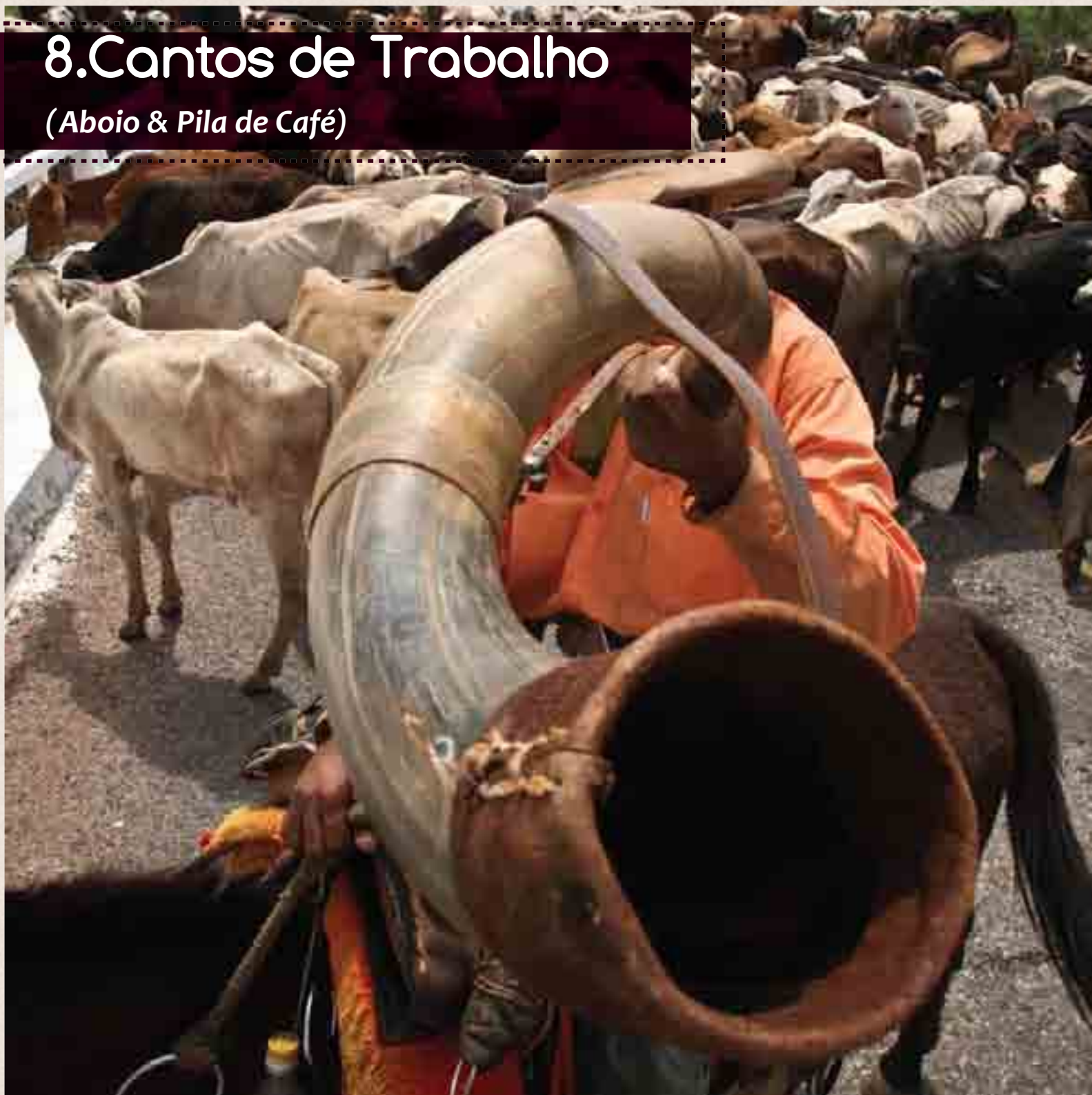
Fazenda Cachoeira do Tatu

Igaporã

Telefone não informado

8. Cantos de Trabalho

(Aboio & Pila de Café)



Esse tipo de canto ocorre entre trabalhadores com o objetivo de ritmar seus movimentos e aliviar o esforço exigido pelos exercícios braçais. De letras simples e origem no período colonial, as cantigas são caracterizadas também pela repetição, presença de onomatopéias (ruídos, gritos, sons de animais e cantos da natureza), interjeições (expressões que revelam estados emocionais) e variam de acordo com a região do país. O Nordeste se destaca na tradição. Na Bahia, verificam-se dois desse tipo de canto: o aboio e o pila de café. O aboio, entoado por vaqueiros ao conduzirem o gado pelas pastagens, inclui frases que, geralmente, finalizam com a expressão *Ê, Boi! Ei Lá, Boizinho!* Além da voz, o vaqueiro também pode usar o berrante. O agricultor José Clovis Ribeiro, de 50 anos, residente de Água Fria, é aboiador desde os oito anos. Em trajes típicos de vaqueiro, ele apresenta versos da tradição em festas rurais, cavalgadas e encontros da comunidade.

O pila de café caracteriza-se como manifestação cultural em que um grupo de trabalhadores se apresenta publicamente cantando versos, bois e chulas em volta de um pilão de três bocas enquanto soca os grãos, assim como é feito na roça. O Pila do Café do Calumbi de Nova Canaã existe desde a década de 1930. O grupo, dirigido pelo Sr. Pascoal Oliveira dos Santos, que herdou a tradição do pai, é único na região. Seus membros revezam-se no pilão em grupos de quatro e vestem roupas típicas de agricultores. Outros cantos de trabalho comuns no país são as batatas de feijão (entoados na colheita do grão), cântico de voga (canto de canoieiros) e pregão (utilizado por vendedores ambulantes para anunciar mercadorias).

Territórios de Identidade

- Itapetinga
- Portal do Sertão

Contatos

José Clovis Ribeiro Lima (aboio e vaqueiro)
Povoado de Fazenda Nova
Água Fria
Tel: (75) 3293-1127, (75) 9975-3393

Pila do Café do Calumbi de Nova Canaã
(canto de trabalho)
R. Rui Barbosa, nº 88, Centro
Nova Canaã
Tel.: (73) 3207- 2065
karinysandes@hotmail.com
12 integrantes

9. Capoeira, Maculelê & Orquestra de Berimbaus



De acordo com estudiosos da cultura popular, a capoeira nasceu dentro das senzalas como divertimento de escravos e, ao mesmo tempo, luta. No Brasil, esta tradição, que envolve música, dança, arte marcial e questões identitárias, se sobressai na Bahia, com grande concentração de praticantes em Salvador. O respeito ao mestre e o sentimento de fraternidade são características comuns tanto na modalidade de capoeira regional quanto na de Angola. A capoeira também é marcada pela presença de orquestras de berimbau, um dos instrumentos musicais mais antigos do mundo, responsáveis por embalar os passos dos lutadores. Proibida por lei decretada em 1890 e perseguida por autoridades policiais, a atividade permaneceu criminalizada na Bahia até as primeiras décadas do século XX. A tradição, hoje presente em 150 países, foi declarada patrimônio cultural brasileiro, em 2008.

O maculelê surgiu, conforme os folcloristas, nos canaviais de Santo Amaro. A manifestação consiste em uma dança guerreira, na qual seus integrantes, providos de um bastão de madeira ou facão, cruzam-nos no ar com uma batida que obedece ao ritmo percussivo. O folguedo, que rememora a capacidade de resistência dos negros no período da escravidão, foi introduzido aos poucos nas academias de capoeira por seus mestres como estratégia de preservá-lo. O mais antigo representante da capoeira Angola em Ilhéus, Mestre José Virgílio dos Santos, de 75 anos, é envolvido com a tradição desde os nove anos de idade. Virgílio graduou-se contramestre (grau anterior ao de mestre) com o conhecido professor João Grande, que foi aluno do Mestre Pastinha. Além de viajar pelo país difundindo a atividade como ferramenta de socialização, Mestre Virgílio coordena a Associação de Capoeira Angola Mucumbo e dá aulas gratuitas na comunidade de Olivença.

Territórios de Identidade

- Agreste de Alagoinhas/Litoral Norte
- Bacia do Jacuípe
- Bacia do Paramirim
- Baixo Sul
- Chapada Diamantina
- Extremo Sul
- Irecê
- Itaparica (BA/PE)
- Litoral Sul
- Piemonte da Diamantina
- Portal do Sertão
- Recôncavo
- Região Metropolitana de Salvador
- Semi-árido Nordeste II
- Sertão Produtivo
- Velho Chico
- Vitória da Conquista

Contatos

Mestra Carolina Gusmão Magalhães
Associação Cultural Gueto - Ponto de
Cultura Camaradinhas (capoeira e maculelê)
 R. Aimoré Moreira, nº897, Trobogy
 Salvador
 Tels.: (71) 3366-4214, (71) 8793-5400
 www.guetocapoeira.org.br
 brisacapoeira@msn.com
 25 integrantes

Mestre Antônio Alves de Almeida -
Associação de Capoeira Os Dois Antônio
 R. Assis Brasil, nº 57, Campo Limpo
 Feira de Santana
 Tel.: (75) 3224-2485, (75) 8148-4424
 120 integrantes

Mestre Gilmar Silva de Araújo (capoeira)
 Projeto Escola Adote um Capoeirista
 Av. Jeusino Francisco Lisboa, nº 572, Feliciano P.
 Santos
 Brumado
 Tel: (77) 3441-6796, (77) 8102-4820, (77) 8812-
 5801
 zumbiaxe@hotmail.com
 60 integrantes

Mestre José Virgílio dos Santos (capoeira)
 R. Santa Clara, Conquista
 Ilhéus
 Tel.: (73) 3634-1424, (73) 8107-6115

Mestre Mário dos Santos
 R. Alto da Bela Vista, nº 20, Centro
 São Francisco do Conde
 Tel.: (71) 3651- 3712, (71) 3651- 1598
 60 integrantes

Mestre Nô - Nelson Santos da Conceição/
Mestre Cara Dura - Jorge da Silva
Associação Cultural de Capoeira Raízes dos
Palmares ACCRPV (capoeira)
 R. Dr. Heitor Guedes de Melo, s/n
 Valença
 Tel.: (75)3641- 2663, (75) 88426672
 http://accrpva.blogspot.com
 accrpv@gmail.com

Mestre Raimundo José das Neves
Associação de Capoeira Arte e Recreação
Berimbau de Ouro – ACARBO
 (capoeira, maculelê, samba de roda e lindro amô)
 Tv. do Rosário, s/n, Centro
 Santo Amaro
 Tel.: (75) 9135- 3754, (75) 8174-9407
 www. acarbo10.wordpress.com
 mestreacarbo@hotmail.com
 400 integrantes

Mestre Sassá - Raimundo Ferreira dos
Santos (capoeira)
 Av. 4° Travessa das Pitangueiras, nº45, Fazenda
 Grande
 Salvador
 Tel.: (71) 3259-2913 / (71) 8716-1323
 romoaldoshow@hotmail.com

Mestre Waltinho – Walter dos Reis
Associação de Capoeira Africano do
Recôncavo Bahiano
 R. Ministro Bulcão Viana, nº 73, Centro
 São Francisco do Conde
 Tel.: (71) 8193- 9448
 mestre-waltinho@hotmail.com
 300 integrantes

Águias Acrobata Capoeira
 Rau Geovane Ferreira, 385-A, 1º andar, São João

Paraíso
Mascote
Tel.: (73) 9986-9404
jhaga@hotmail.com
21 integrantes

Aliomar dos Santos (capoeira)
R. do Jacaré, Maragogipinho
Aratuípe
Tel.: (75) 9647-5009
53 integrantes

Associação Atlética de Capoeira Raiz Negra
(capoeira)
R. Rui Barbosa, nº 39, Centro
Prado
Tel.: (73) 3298-2640, (73) 9973-4907
taisepires@hotmail.com
58 integrantes

Associação Barrense de Capoeira - ABC
Barra
Tel.: (74) 3662-3329, (74) 8106-8830
Número de integrantes não informado

Associação Carinhanhense de Capoeira Arte Bahia (capoeira e maculelê)
R. Dr. Teodulo Lins de Albuguerque, nº 132,
Centro
Carinhanha
Tel.: (77) 9954-8448
machadocarinhanha@yahoo.com.br
68 integrantes

Associação Cultural Beneficente de Capoeira Arte e Lutas Filhos de Oxalá (capoeira, samba de roda)
Salvador
Tel.: (71) 3259-2913, (71) 8716-1323
35 integrantes

Associação Cultural de Capoeira Filhos do Vento
Av. Santa Rita, nº 465, São Bento
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8268- 8817
mestreoinho@gmail.com
201 integrantes

Associação Cultural de Capoeira Raízes dos Palmares de Valença
R. Dr. Heitor Guedes de Melo, s/n
Valença
Tel.: (75) 3641- 2663, (75) 88426672
<http://accrpva.blogspot.com>
accrpv@gmail.com
25 integrantes

Associação Cultural Internacional de Capoeira Jacobina Arte e Maculelê
R. Sócrates Menezes, s/n
Lapão
Tel.: (74) 9970-2791
www.jacobinaarte.com.br
mestreindiobrasil@yahoo.com.br
30 integrantes

Associação das Academias de Capoeira de São Francisco do Conde
R. Santa Rita, nº 130
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8854-1569
mestre-cachoeira@hotmail.com
11 integrantes

Associação de Capoeira Angola Mucumbo (ACAM)
Ilhéus
Tel.: (73) 3634-1424, (73) 8107-6115
08 integrantes

Associação de Capoeira Cacau de Ouro

(capoeira, maculelê e samba de roda)

R. Daniel Farias , 43, Centro

Malhada

Tel.: (77) 3691-2186, (77) 9913- 6733

simoneafonsoster@gmail.com

Número de integrantes não informado

Associação de Capoeira César de Macaúbas

R. Cipriano do A Almeida, s/n, São José

Macaúbas

Tel.: (77) 9989-3690

130 integrantes

Associação de Capoeira Esquina Menino -

ACEM

R. Nova Pataíba, s/n

Água Fria

Tel.: (75) 3293- 1047, (75) 9105-8195

juarezdamasceno@bol.com.br

25 integrantes

Associação de Capoeira Iramar do Brasil

R. David Bonifácio de Santana, 320

Irará

Tel.: (75) 8200-3484

iramarbrasil@bol.com.br

328 integrantes

Associação de Capoeira Jovem Brasil

Tv. Bandeirinha, s/n, Centro

Irará

Tel.: (75) 8103- 0872

nildaborges43@gmail.com

1 mil integrantes

Associação de Capoeira Palmares União

R. Rodolfo Tourinho, nº 42, Centro

São Francisco do Conde

Tel.: (71) 8854- 1569

palmarescapoeira@hotmail.com

95 integrantes

Associação DP Grupo de Capoeira Raízes Baianas

Av. Roque Reis, nº 462, Jacobina 3

Jacobina

Tel.: (74) 3621- 4719, (74) 9124-5062

Número de integrantes não informado

Associação Internacional de Capoeira - Os Bambas do Sol Nascente (capoeira, dança afro, maculelê)

Av. São Roque, nº61, Uruguaí

Salvador

Tel.: (71) 3207-1932, (71) 8808-8327

teodorocapoeira@yahoo.com.br

www.capoeirasolnascente.org.br

60 integrantes

Associação Lapense de Capoeira e Grupo Quilombola Quilombo das Piranhas

R. Ernesto Geisel, nº 958, São Gotardo

Bom Jesus da Lapa

Tel.: (77) 3481-6038, (74) 8823-7458

raquelcordeiro92@yahoo.com.br

300 integrantes

Associação Orquestra de Berimbau Dendê Cultural (orquestra de berimbau e tambores)

R. da Amendoeira de Pituaçu, nº 06

Salvador

Tel.: (71) 3371-1749, (71) 9287-3262

http://dendecultural.blogspot.com

bodycao@hotmail.com

15 integrantes

Associação Senzala Capoeira de Boquira

R. 12 de Outubro, nº135, Barreiro

Boquira

Tel.: (77) 9943-0562

50 integrantes

Companhia e Arte Maculelê Música e Dança

(maculelê)

R. Drena I, nº 09, São Bento

São Francisco do Conde

Tel.: (71) 9635-1285

30 integrantes

Comunidade Quilombola João Rodrigues -

Arionildo Gomes de Sá Júnior (capoeira)

R. Dezesesseis de Dezembro, 94

Itacaré

Tel.: (73) 3251-3451, (73) 9938-4651

15 integrantes

Cultura, Gíngã e Arte (capoeira e dança afro)

Barra

Tel.: (74) 3662-3207

Número de integrantes não informado

Filhos dos Anjos (capoeira)

Povoado Km 42

Santa Brígida

Telefone não informado

31 integrantes

Fundação de Capoeira Eu Negro

Barra

Tel.: (74) 9994-1499, (74) 9962-3453

Número de integrantes não informado

Grupo de Capoeira

R. Beira Rio, 359, Pimenta

Mascote

Tel.: (73) 3625-5050, (73) 9151-0218

cassandracostrasantos12@hotmail.com

08 integrantes

Grupo de Capoeira Bicho Solto

R. Amália Gomes de Oliveira, nº 30, Sol Nascente

Serrolândia

Tel.: (74) 9986-4635

sterlle@hotmail.com

20 integrantes

Grupo de Capoeira Estilo Saúde

R. Emílio Borges, nº 371, Centro

Ibipitanga

Tel.: (77) 3674-2328, (77) 9927-7093

40 integrantes

Grupo de Capoeira Jacobina Arte

Loteamento Caixa D'água, nº 780, Itatiaia

São José do Jacuípe

Tel.: (74) 9135-1125

40 integrantes

Grupo de Capoeira Kilombolas

R. Nova, nº 04, 2ª Praia

Cairu

Tel.: (75) 8115-3444

carlitokilombola@hotmail.com

200 integrantes

Grupo de Capoeira Morpará (capoeira, maculelê e samba de roda)

R. Agenor Leite, 83, Centro

Morpará

Tel.: (77) 9972-4209

janpueira@hotmail.com

60 integrantes

Grupo de Capoeira Novo Horizonte

Av. Antônio Carlos Magalhães, 489, Centro

Macureré

Tel.: (75) 3284-2122

mundinho_reggae@hotmail.com

20 integrantes

Grupo de Capoeira Olho Vivo

R. da Divinéia, s/n, Centro

Foto cedida pelo Grupo Capoeira de Irará - Portal do Sertão



São José do Jacuípe
Tel.: (74) 8121-2510
40 integrantes

Grupo de Capoeira Pena Branca
Av. Nossa Senhora dos Navegantes, nº 1117,
Itapuã
Eunápolis
Tel: (73) 3262-0333, (73) 8115-4654
magicotonyblack@hotmail.com
60 integrantes

Grupo de Capoeira Quilombo dos Palmares
(capoeira)
R. José Carvalho, s/n, Barra
Água Fria
Tel.: (75) 8193-9388
47 integrantes

Grupo de Capoeira Regional Porto da Barra
R. José Epaminondas, 8, Centro
Irará
Tel.: (75) 8122-8600
www.mestrecabeludo.com
250 integrantes

Grupo de Capoeira Roda de Amigos
R. do Fundo, s/n, Gamboa do Morro
Cairu
Tel.: (75) 8136- 2376
12 integrantes

Grupo de Culturas Populares (capoeira, reisado
e quadrilha)
R. do Bem ti vi, s/n
Esplanada
Tel.: (75) 3413 -3009, (75) 9949-7352
jaquelinesantosandrade@yahoo.com.br
Número de integrantes não informado

Grupo de Maculelê Arte Viva

Aratuípe

Tels:(75) 3647-2034, (75) 8134-1033

socipabeneфициente@bol.com.br

16 integrantes

Grupo Folclórico Axé (capoeira e dança afro)

R. Ameliano Costa de Andrade, s/n

Chorrochó

Tel.: (75) 3477-2117

25 integrantes

Grupo Internacional de Capoeira

Jacobina Arte

R. 13 de maio, nº 96, Serrinha

Jacobina

Tel.: (74) 3621-6863, (74) 8114-5042

drakula_jacobina@hotmail.com

10 mil integrantes

João Alves de Souza (capoeira)

Lagoa do Gaudêncio, s/n

Lapão

Tel.: (74) 3657-1220

furacaodalagoa@hotmail.com

120 integrantes

José Cícero dos Prazeres (maculelê e cantoria de viola)

Conjunto Airton Sena, s/n, Centro

Santa Brígida

Tel: (75) 3698-2009

18 integrantes

Jurandi Louro Vieira Silva (capoeira)

R. Santos Dumont, nº244, Centro

Botuporã

Tel.: (77) 3678-2363

Mestres do Amanhã (capoeira)

R. do Jacaré, nº33, Maragogipinho

Aratuípe

Tel .: (75)8162-8129, (75) 8161-4366, (75) 9904-1140

71 integrantes

Movimento Cultural Consciência Negra

(capoeira, maculelê, dança afro e samba de roda)

Av. Aracaju, 233, Brasil

Vitória da Conquista

Tels: (77)3423-6154, (77) 8124-5317

panteraconsciencia@hotmail.com

400 integrantes

Movimento Cultural Timtim Capoeira

Praça Governador Paulo Souto, s/n, Centro

Paramirim

Tel.: (77) 9956-4744

35 integrantes

Nação Iorubá Capoeira Urbis (capoeira e terno de reis)

Colégio Maria Santa Rita, s/n, Urbis

Una

Tel: (73) 3236-2014

15 integrantes

Nildo Novais Silva (capoeira)

Av. Adélia Gamen Souto, s/n, Ibirapitanga

Andaraí

Tel.: (75) 8145-2910

nildosilvacapoeira@hotmail.com

Sociedade Beneficente Cidade de Palha

(capoeira, maculelê e dança afro)

R. Treze de Maio, s/n, Cidade de Palha

Aratuípe

Tel.: (75) 3647-2034

16 integrantes

10. Chegança

(de Marujos & Mouros)



Auto popular originário da dança portuguesa, a Chegança apresenta características distintas conforme a região em que se manifesta. No país, registram-se dois tipos principais: chegança de marujos (também conhecida como marujada, barca, fandango e nau catarineta) e chegança de mouros (mouros e cristãos). Os folguedos dramatizam as façanhas marítimas portuguesas durante o Império e os embates medievais entre mouros e cristãos, na Península Ibérica. Os figurantes vestem-se como comandantes, oficiais, soldados, marinheiros, cristãos ou mouros. Dois palhaços, um padre, um médico, dentre outros personagens, também podem compor a representação na chegança de marujos que ocorre, em sua maior parte, no interior de uma embarcação, sendo composta apenas por homens. Essas tradições, embora praticadas em todas as regiões do Brasil, destacam-se no Nordeste, Centro-Leste e Sul.

Na Bahia, uma das mais populares é a Chegança Fragata Brasileira, de Saubara. O auto tem cerca de 80 anos e acontece na data de São Domingos de Gusmão (04 de agosto), padroeiro da cidade. Apesar do aspecto histórico e espírito brincante, a tradição também possui caráter religioso e o ápice da apresentação acontece dentro da igreja. A Fragata Brasileira se utiliza de 50 canções e oito ritmos para contar, em forma de música, episódios de uma guerra marítima entre portugueses e brasileiros à época da independência. Uma orquestra de pandeiros acompanha a encenação. Entre as cheganças de mouro, registra-se a tradição Mouros e Cristãos, em Prado. A representação homenageia São Sebastião, no dia 03 de fevereiro, ao som de tambores e flautas de bambu. O estado possui, ainda, cheganças femininas e mirins.

Territórios de Identidade

- Baixo Sul
- Chapada Diamantina
- Extremo Sul
- Piemonte da Diamantina
- Recôncavo
- Região Metropolitana de Salvador

Contatos

Mestre Benedito Costa Alves - Grupo

Amigos de Cabrália (chegança, burrinha, cordão de caboclo e teatro popular)

Av. Tancredo Neves, nº 22, Nova Cabrália
Santa Cruz de Cabrália

Tel: (73) 9965-8533

beneditoalves23@hotmail.com

40 integrantes

Mestre Hamilton Oliveira do Rosário – SBAC

(chegança)

R. do Guarany, s/n, Centro

Cairu

Tel.: (75)3652-2077

Associação da Marujada de São Benedito

(marujada de São Benedito)

R. Getulio Vargas, s/n, Centro

Prado

Tel: (73) 3010-0217

200 integrantes

Chegança de Mouros de Arembepe

Loteamento Vilarejo, Quadra A, Lote 4,
Arembepe

Camaçari

Tel.: (71) 3624-3382, (71) 8843-8511

secultcamacari@gmail.com

27 integrantes

Chegança dos Marujos Fragata Brasileira

(chegança e marujada)

R. do Taboão, nº 26, Centro

Saubara

Tel.: (71) 3696-1424, (71) 9134- 9127

rosariosamba@bol.com.br

40 integrantes



Foto cedida pelo Grupo Fragata Brasileira Saubara

Chegança Feminina de Arembepe

Loteamento Vilarejo, Quadra A, Lote 4,
Arembepe
Camaçari
Tel.: (71) 3624-3382, (71) 8746-8370
secultcamacari@gmail.com
30 integrantes

Chegança Feminina de Mouros Barca Nova

R. Nova São Domingos, s/n, Centro
Saubara
Tel.: (75) 3696-1570, (75) 8201-0610
mlaed@yahoo.com.br
50 integrantes

Chegança Flor do Dia

R. da Frente, s/n, Gamboa do Morro
Cairu
Tel: (75) 81654-4724
16 integrantes

Irmandade de São Benedito (marujada de São Benedito)

Av. Adalício Nogueira, nº 635, Nova Coreia
Caravelas
Tel: (73) 8801-9685
60 integrantes

Irmandade de São Sebastião (chegança de mouros)

R. Getulio Vargas, s/n, Ponta de Areia
Caravelas
Tel: (73) 8838-2332, (73) 8861-0082
60 integrantes

Marujada de Cosme e Damião (marujada e candomblé)

Tv. do Aratu, s/n, Olaria
Caravelas
Tel: (73) 9996-8652, (73) 8838-1591
32 integrantes

Marujada de Jacobina

R. da Fábrica, nº 99, Catuaba
Jacobina
Tel.: (74) 9121-3464
Número de integrantes não informado

Marujada Raízes da Terra (marujada e candomblé)

R. do Juá, s/n, Barra de Caravelas
Caravelas
Tel: (73) 8844-6950
25 integrantes

Mouros e Cristãos (chegança de mouros)

R. José Joaquim Seabra, s/n, Centro
Prado
Tel: (73) 9987-9171
50 integrantes

Paulo Sérgio dos Santos (marujada)

R. Santa Isabel, s/n
Andaraí
Tel.: (75) 8125-1169

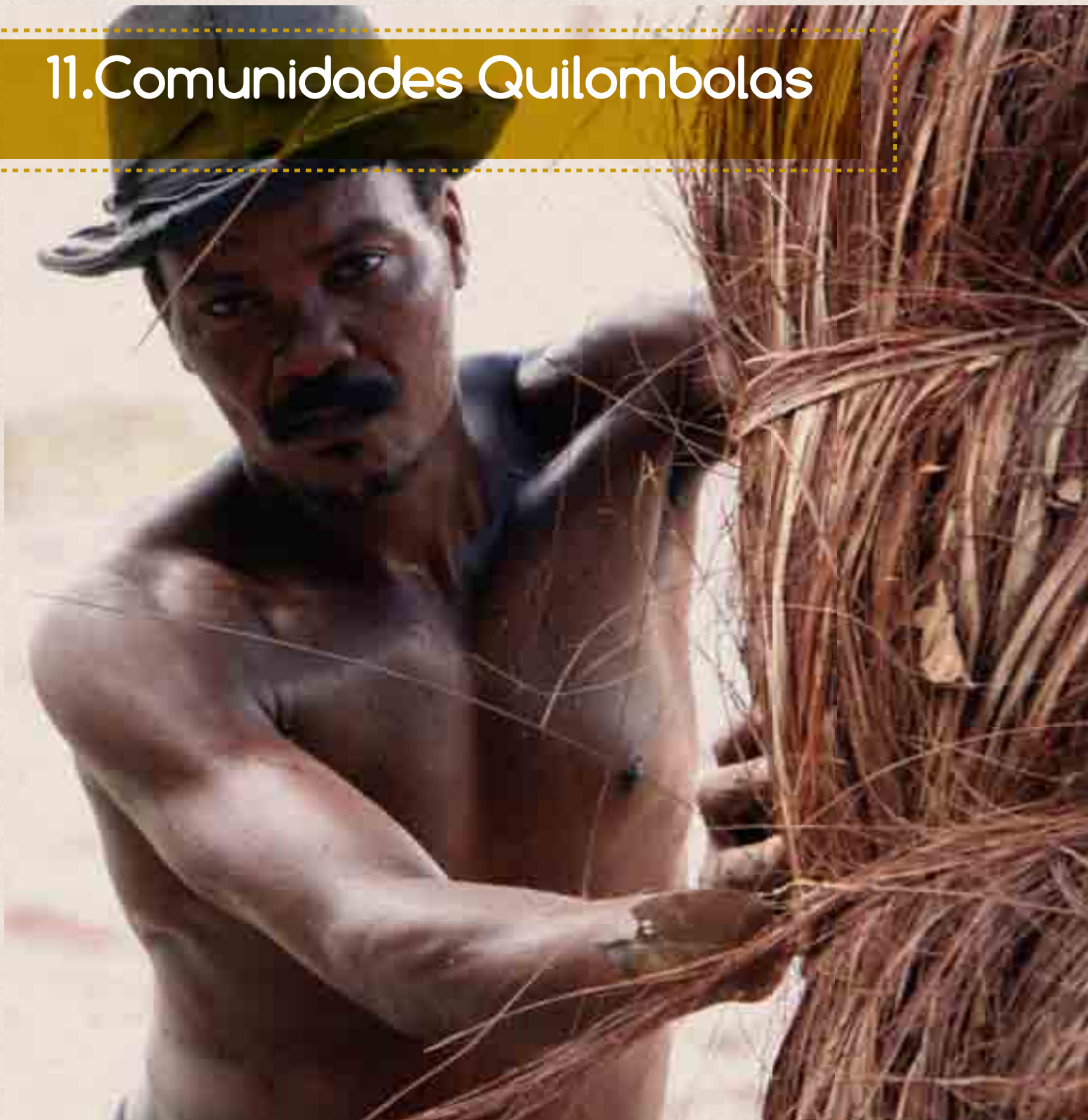
Sociedade Beneficente Amigos de Cairu – SBAC (chegança)

Praça Coronel Francisco Ribeiro, nº04, Centro
Cairu
Tel.: (75) 3652-2077
21 integrantes

Sociedade Beneficente Amigos de Cairu – SBAC - Grupo Mirim Chegançinha de Cairu

(chegança mirim)
Praça Coronel Francisco Ribeiro, nº04, Centro
Cairu
Tel.: (75) 3653-2131, (75) 9933- 8100, (75) 9987-7954
23 integrantes

11. Comunidades Quilombolas



As comunidades remanescentes quilombolas ou terras de preto constituem agrupamentos étnico-raciais com presunção de ancestralidade negra e resistência à opressão no período escravocrata. Tratam-se, do ponto de vista da cultura, de espaços de preservação de uma identidade crucial na formação do povobrasileiro, ricas em tradições. Culturas desenvolvidas e recriadas pelos negros em solo brasileiro, como dança afro, samba de roda, capoeira e maculelê, são práticas vivas nessas comunidades, a maioria situada em área rural. A Bahia e o Maranhão são os estados que mais concentram áreas quilombolas. Atualmente, a Bahia tem 332 comunidades reconhecidas pelo governo federal, onde vivem 25 mil famílias. Campo Formoso, Vitória da Conquista e Cachoeira são os municípios com maior número de comunidades certificadas como quilombola.

A Comunidade do Quilombo da Lagoinha, em Nova Canaã, formada por agricultores familiares, preserva as tradições do reisado, samba de roda, cantiga de roda, além do artesanato. Outras tradições menos conhecidas, como cobra caipava e tatu sobe pau, também são mantidas pelos moradores – cerca de 50 pessoas. No Quilombo Rio das Rãs, em Bom Jesus da Lapa, comunidade certificada e a primeira do estado a obter o título de posse da terra, há grupos de dança afro, afoxés, banda de percussão, samba de roda e griôs. Um dos destaques é o grupo de Dança Baú, formado por mulheres que dançam o ‘samba de umbigada’ ao som de músicas típicas do reisado, congada e chula. Na brincadeira, os homens são responsáveis por tocar instrumentos como a viola e o pandeiro, enquanto o público participa com palmas.

Territórios de Identidade

- Chapada Diamantina
- Itapetinga
- Litoral Sul
- Piemonte Norte do Itapicuru
- Recôncavo
- Velho Chico



Foto Angelucci Figueiredo/ Acervo AGEKOM

Contatos

Mestre Vanildo dos Santos – Comunidade Quilombola de Tijuaçú

(dança afro e samba de lata)

Senhor do Bonfim

Tel.: (74) 3544-3096 / (74) 9962-8499

Associação de Agricultores Familiares Comunidade Remanescente do Quilombo e

Guerem (samba de roda e reisado)

Povo do Guerem

Nova Canaã

Telefone não informado

pilão@hotmail.com

Associação de Agricultores Familiares Comunidade Remanescente do Quilombo

de Lagoinha (reisado, samba de bumba e cantiga de roda e artesanato)

Fazenda Alagoinha

Nova Canaã

Tel.: (73) 9954-6521, (73) 9934-6785

nelsoncanaa@hotmail.com

30 a 50 integrantes

Comunidade Quilombola Barra do Parateca

R. Rui Barbosa, 208

Carinhanha

Tel.: (77) 3486-4002

34 integrantes

Comunidade Quilombola de Acupe e São Braz

Av. Edival Barreto, nº 24, Acupe

Santo Amaro

Tel.: (75) 8151-5479

mory_santo@yahoo.com.br

60 integrantes

Comunidade Quilombola de Morro Redondo

Seabra

Tels.: (75) 3331-2211, (75) 9950-4178

edybahia10@hotmail.com

20 integrantes

Comunidade Quilombola de Mulungu

Boninal

Tel.: (75) 3330-2121

24 integrantes

Comunidade Quilombola do Iguape (samba corrido e samba chula)

R. Direta, s/n, Santiago do Iguape

Cachoeira

Tel: 3414-5073, (71) 9938-7431

10 integrantes

Comunidade Quilombola do Monte

Rocomco (reisado)

R. Ministro Bulcão, nº 14, Centro

São Francisco do Conde

Tel: (71) 8183-9032

64 integrantes

Comunidade Quilombola do Rio das Rãs

R. Doutor Dermeval Almeida, nº 178, São Gotardo

Bom Jesus da Lapa

Tel.: (71) 8859-7890, (77) 8821-9003

tokinhacruz@yahoo.com.br

Comunidade Quilombola João Rodrigues

(capoeira)

R. 16 de Dezembro, 94

Itacaré

Tel.: (73) 3251- 3451, (73) 99384651

15 integrantes

Grupo Quilombola de Gurunga (festejos de São

José e Iadainha)

Fazenda Gurunga

Igaporã

Telefone não informado

30 integrantes

Grupo Quilombola Morão Di Privintina

(música regional, poesia e cantoria de viola)

Comunidade Quilombola do Rio das Rãs

R. Doutor Dermeval Almeida, nº 178, São Gotardo

Bom Jesus da Lapa

Tel.: (71) 8859-7890, (77) 8821-9003

tokinhacruz@yahoo.com.br

07 integrantes

Grupo Quilombola Quilombo das Piranhas

R. Ernesto Geisel, nº 958, São Gotardo

Bom Jesus da Lapa

Tel.: (77) 3481-6038, (74) 8823-7458

raquelcordeiro92@yahoo.com.br

300 integrantes

Foto Angelucci Figueiredo/ Acervo AGEKOM



12. Congada



Manifestação sincrética de origem africana com influência da cultura ibérica, os congos ou congada têm seus primeiros registros datados em 1674. Na época, era praticada por escravos que viviam em Pernambuco. O cortejo sai a público nas festas religiosas ou profanas com variações conforme a região do país. Seus participantes cantam e dançam em homenagem a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário. Às vezes, há encenações da coroação do Rei Congo ou da Rainha Ginga de Angola, personagens da história africana, e lutas de espada. No campo musical, destacam-se as percussões, como os toques de tambores, que estimulam bailados vigorosos. A indumentária é colorida, incluindo chapéus, capacetes, fitas e enfeites.

Na Bahia, os Congos da Sociedade Beneficente Amigos de Cairu - SBAC celebram São Benedito entre os dias 08 de dezembro e 06 de janeiro (Dia de Reis). Há 25 anos o grupo é liderado pelo Sr. Hamilton Oliveira do Rosário, de 59 anos. Composto apenas por homens que trajam saia rodada de chita, capa e coroa brilhante, o folguedo desfila por dias inteiros envolvido em músicas, danças e louvores ao santo. Há ainda o Conguinhos de Cairu que brinca junto com os Congos e foi criado com o objetivo de preservar a tradição. Registra-se também em Angical o Congados Mirim, criado há quatro anos por iniciativa do Sr. Célio Ribeiro Carneiro. O grupo infantil entoava cânticos com letras que lembram da escravidão e carrega, durante o cortejo, um estandarte com a imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Territórios de Identidade

- Baixo Sul
- Oeste Baiano

Contatos

Mestre Antonio Borges do Nascimento – SBAC (congada)
Praça Salústio Palma, s/n, Centro
Cairu
Tel.: (75)9904- 8780

Congados Mirim (congada e reisado)
Av. São João, nº 45, Vila Nova
Angical
Tel: (77) 9958-8186
celio.ribeventos@yahoo.com.br
24 integrantes

Sociedade Beneficente Amigos de Cairu – SBAC (congada)
Praça Coronel Francisco Ribeiro, nº04, Centro
Cairu
Tel.: (75)9904- 8780
23 integrantes

Sociedade Beneficente Amigos de Cairu- SBAC Grupo Mirim Conguinhos do Cairu
(congada mirim)
Praça Coronel Francisco Ribeiro, nº04, Centro
Cairu
Tel.: (75) 3653-213, (75) 9933- 8100, (75) 9987-7954
20 integrantes

13. Cordel & Poesia Popular

PANVERMINA & ZABELÊ NAS QUEBRADAS DO SERTÃO 4 ESTÓRIAS POPULARES

Ilustração: Nelson Assis



Poesia rimada, o cordel é uma manifestação oral que ganha versão impressa em livretos bastante simples, ilustrados com xilogravuras e clichês zincografados. A origem do termo 'cordel' associa-se ao fato de, em Portugal, de onde a tradição advém, os livretos permanecerem expostos ao público amarrados em cordões, em mercados populares ou nas ruas. Embora o nome original tenha se mantido no Brasil, no Nordeste é chamado também de 'folheto'. Tais poesias são recitadas em via pública, de forma melódica e cadenciada, pelos cordelistas acompanhados de viola, que costumam fazer declamações alegres para encantar o cliente. As estrofes mais comuns são as de seis, oito ou dez versos.

Geralmente, os poemas tratam de fatos da vida cotidiana. Entre os principais temas estão: festas populares, política, disputas, milagres, atos de heroísmo, morte e assuntos relativos à história do sertão, incluindo o Cangaço. Os cordéis são vendidos pelos próprios autores e são mais apreciados nos estados de Pernambuco, Ceará, Alagoas, Paraíba e Bahia. João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, José Lins do Rego e Guimarães Rosa são alguns dos escritores brasileiros influenciados pelo cordel. Em Salvador, o arte-educador Osmar Simões Júnior, de 31 anos, escreveu seu primeiro folheto em 2003, embora já rabiscasse versos desde a infância. De 2005 para cá, Osmar ministra cursos de poesia popular e cordel em escolas, universidades e bibliotecas públicas, fomentando a tradição. Ele também pesquisa o assunto e já foi vencedor de um prêmio estadual direcionado à esse tipo de literatura.

Territórios de Identidade

- Agreste de Alagoinhas / Litoral Norte
- Bacia do Jacuípe
- Bacia do Paramirim
- Baixo Sul
- Irecê
- Itaparica (BA/PE)
- Litoral Sul
- Piemonte da Diamantina
- Portal do Sertão
- Recôncavo
- Região Metropolitana de Salvador
- Sertão Produtivo

Contatos

Anelzina dos Santos Rios (contos e cordel)

R. Arquis Vilas Boas, nº 19, Centro

São José do Jacuípe

Tel.: (74) 8118-9928

Antonilda Miranda da Silva (conto e poesia)

R. Dr. Manoel Vitorino, nº71, Centro

Aratuípe

Tel.: (75) 8114-9873

Antonio Carlos de Oliveira Barreto (cordel)

R. Direita da Piedade, nº04, Centro

Salvador

Tel.: (71) 3329-3237, (71) 9196-4588

abarretocordel@gmail.com

Antônio Tenório Cassiano (cordel e repente)

Caixa Postal 916, Agência Comércio, nº916

Banca dos Trovadores, Praça Cairu, Comércio

Salvador

Tel.: (71) 9948-7510, (71) 9171-4190

Associação Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel (cordel)

Salvador

Tel.: (71) 9948-7510, (71) 9171-4190

Aurelina Araújo Lima (cordel)

R. da Entrada, nº 55, Povoado Quixaba

Glória

Tel.: (75) 3656-5021

Éttore Pablo Vilaronga Rios (poesia)

R. da Saudade, nº 258, Centro

São José do Jacuípe

Tel.: (74) 8118-9928

<http://www.pabloriospoeta.blogspot.com>

ettorepablo@hotmail.com

Henrique Dourado Prima (poesia)

Praça dos Otavianos, s/n, Centro

América Dourada

Tel: Não informado

João Batista de Matos (poesia)

R. da Calçada, s/n, Monte Recôncavo

São Francisco do Conde

Tel.: (71) 9916-8622, (71) 8197-1134

João Bosco Silva Fernandes (cordel)

R. João Teixeira, nº 810, Perú

Jacobina

Tel.: (74) 9197- 6327

jotaboscospf@hotmail.com

José Antônio Barbosa de Lima (cordel)

R. 8 de Agosto, s/n, Centro

Irará

Tel.: (75) 8136-8565

José de Oliveira Birck (poesia e cordel)

R. Costa e Silva, 11, Centro

Una

Tel.: (73) 9952-3743, (73) 9943-0424

birckjunior@gmail.com

José Olívio Paranhos Lima (cordel)

Caixa Postal 47, nº 01

Alagoinhas

Tel.: (75) 8808-5145

Josué do Castro Neto (cordel)

Icozeira

Abaré

Tel.: (75) 3287-5037

Leandro Tranquilino Pereira (cordel, repente e violeiro)

R. Santa Cecília, Q-C, Lote 09, Itinga

Lauro de Freitas
Tel.: (71) 3377-1269, (71) 9612-3497
poeta_tranquilino52@hotmail.com

Marcos Antônio Carneiro Coelho (cordel)
Av. Pedro Nolasco de Pinho, 95, Centro
Irará
Tel.: (75) 8109-1364
kitutedelicinho@yahoo.com.br

Osmar Simões Machado Júnior (cordel)
R. Machado Monteiro, nº77
Salvador
Tel.: (71) 3238-6130 / (71) 8146-4041
osmar.cordel@gmail.com

Osmar Xavier de Souza (cordel)
Povoado de Lago do Martinho, s/n, Centro
Central
Tel: (74) 9977-9052

Sebastião da Silva Moreira (cordel)
R. Geovane Silva, São João do Paraíso, Bairro
Novo
Mascote
Tel.: (73) 3624-2340
bastian_seba@hotmail.com

Sebastião Santos Silva (cordel)
Av. Padre Rocha, 48
Urandi
Tel.: (77) 3456-2053, (77) 9135-1364
tiaoudi@bol.com.br

Vilson Alves da Silva (poeta)
R. Juthay Magalhães Júnior, nº 444, Centro
Central
Tel: (74) 9998-6254



Foto Taiane Oliveira

14. Culinária



Muitos aspectos da cultura popular estão presentes na arte da culinária. A maneira de adquirir, preparar e ingerir os alimentos reflete, por exemplo, posturas religiosas, ideológicas, estilos de vida, relações sociais e comunitárias. A culinária está bastante vinculada, ainda, à história de um povo. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) destaca o valor patrimonial da comida enquanto notável expressão da cultura. Em geral, a culinária é muito influenciada pelos tipos de alimentos disponíveis, tanto os de origem animal quanto vegetal. Na culinária tradicional, seus saberes são transmitidos entre as gerações pela oralidade ou convívio. A culinária brasileira é marcada pela ampla variedade de receitas e técnicas de preparo e pela regionalização, apresentando variações dentro do mesmo estado. Todas as culturas que fincaram raízes em território nacional acabaram por influenciar a tradição.

Na Bahia, os sistemas alimentares africanos, indígenas e portugueses misturaram-se, resultando em uma cozinha exótica e robusta. Com os negros, que deram forte contribuição à sua formação, vieram o azeite de dendê e algumas pimentas; dos índios, foram herdados o milho, a mandioca, as frutas nativas e as carnes de caça; e, dos portugueses, o coco, as especiarias, os temperos verdes e a doçaria refinada. A Associação das Baianas de Acarajé, Mingau, Receptivo e Similares, fundada em 1992, em Salvador, atua em defesa dos interesses da classe trabalhadora, reunindo mais de 2 mil baianas. A entidade foi uma das responsáveis pelo trabalho que resultou na declaração do acarajé como patrimônio cultural brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2005. Em Piraiá do Norte, Divanil José dos Santos, de 49 anos, produz licores finos, cocadas e balas de jenipapo. Ele começou a fabricar a bala, para consumo próprio e há 10 anos passou a vendê-la para a comunidade. Divanil avisa que o doce tem propriedades medicinais e gosta da atividade que exerce.

Territórios de Identidade

- Baía do Jacuípe
- Baía do Paramirim
- Baixo Sul
- Portal do Sertão (PR)
- Recôncavo
- Velho Chico

Contatos

Alda Neves dos Santos (culinária e benzedura)
Av. Coronel Manoel Fernandes, nº 183, Centro
Caculé
Tel: (77) 3455-2088, (77) 9939-8366

Antônia da Conceição Soares Xavier
(culinária - acarajé)
R. do Acampamento, s/n, Moenda.
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8119-6141

Ariza Almeida de Jesus Damascena (culinária)
Estrada do Ferrolho, nº 6131, Ponto do Côco
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-6131

**Associação Barrense de Mulheres Beraderas
Guerreiras do São Francisco** (culinária - doces)
Barra
Número de integrantes não informado

Associação das Doceiras de Piraí do Norte
R. Nova, s/n, Centro
Piraí do Norte
Tel.: (73) 3688-2012
18 integrantes

**Associação das Baianas de Acarajé, Mingau,
Receptivo e Similares – ABAM**
R. J. Castro Rabelo, nº 08, 1º andar, Pelourinho
Salvador
Tel.: (71) 3322-9674, (71) 8766-0057
associacaodasbaianas@hotmail.com
Número de integrantes não informado

Carolina de Carvalho Martins
(culinária regional)
Av. Pataiba, s/n, Centro

Água Fria
Tel.: (75) 8198-4094

Cristiane Silva da Cruz (culinária-acarajé)
R. Cerqueira, nº 29, Centro
São José do Jacuípe
Tel.: (74) 3675-1433

Delfina de Santana Machado (culinária)
R. da Barroquinha, nº 27, Paramirim
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652- 9037, (71) 8889-5742
01 integrante

Divanil José dos Santos (culinária – licor e doces)
R. Almirante Barroso, nº 81, Centro
Piraí do Norte
Tel.: (73) 3688-2012
divanil12@hotmail.com

Edilza Maria do Sacramento (culinária)
R. Sete de Setembro, s/n, Paramirins
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-9061

Ednalva Tavares da Silva (culinária - licor)
R. São José, nº 386, Fazenda Muribeca
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-6098, (71) 9274- 2029
01 integrante

Elizabete Almeida de Freitas
(culinária – acarajé)
Av. Beira Mar, nº 39, Caípe Baixo
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-7623, (71) 8755-2043

Eunice de Oliveira de Aragão
(culinária - acarajé)
R. Antônio Santana Portugal, nº 24, Nova São
Francisco

São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8726-7561

Genolina de Carvalho Martins

(culinária regional)

Av. Pataíba, s/n

Água Fria

Tel.: (75) 8198-4094

Girlene Vilasboas de Souza (culinária e cura)

Presidente Tancredo Neves

Tel.: (73) 8149-0828

Isabel Menezes dos Santos (culinária)

R. Acampamento, nº38, Moenda

Presidente Tancredo Neves

Tel.: (73) 3553- 4036, (73) 8144-5129

Josenilda Lima de Calçada (culinária - licor)

Av. Balbino Leão de Almeida, s/n, Centro

Água Fria

Tel.: (75) 8201-9621

raildacalcada@hotmail.com

Maria de São Pedro de Santana Santos

(culinária)

R. do Cemitério, nº 95, Socorro

São Francisco do Conde

Tel.: (71) 3652- 2012

Maria do Socorro Cerqueira dos Santos

(culinária - licor)

Praça Alzira de Santana Cruz, nº 10 A,

Paramirins

São Francisco do Conde

Tel.: (71) 3652-9053



Foto Agência Caixa de Fósforo

Maria José de Carvalho Sant' Anna

(culinária-acarajé)
R. Santa Rita, nº 108, Centro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-1638

Maria Rodrigues de Jesus Santos (culinária regional)

R. Beco da Cisterna, s/n, Centro
Água Fria
Tel.: (75) 8123-3290

Marinalva de Amparo Aguiar Santos (culinária - acarajé)

R. Damásio Fagundes de Brito, s/n, Ginásio
Presidente Tancredo Neves
Telefone não informado

Marinalva Pinto dos Santos (culinária - acarajé)

Av. Ipiranga, s/n, Aécio Neves
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8122-8278

Marise do Amaral (culinária)

R. Amaral Júnior, nº 09, Paramirim
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652- 9106, (71) 9115- 3605

Mercedes Maria Rocha da Silva (casa de farinha)

Fazenda Paraíso, s/n, Paraíso
Presidente Tancredo Neves
Telefone não informado

Nardele Santos de Oliveira (culinária- acarajé)

R. Castro Alves, nº 80, Colina Verde
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8145-5399

Norma Maria Santos de Jesus

(culinária - doces)
R. da Mangueira, 69
Santo Estevão
Tel.: (75) 8219-3240

Orleans dos Santos Barboza (culinária- licor)

Bairro Arcelino Mamédio, nº16, Centro
Piraí do Norte
Tel.: (73) 3688-2012

Regina Maria Mendes Araújo (culinária)

R. Bela Vista, nº 27, Monte Recôncavo
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-5255, (71) 8202-3401

Rita de Cássia Oliveira de Carvalho (culinária)

R. Vencimento, nº 06, Paramirim
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8851-0609

Rosimeire Etelvina da Silva (culinária regional)

R. Rui Barbosa, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 3650-1122

Valmira Damasceno da Silva (culinária)

Estrada Porto do Ferrolho, nº 72, Muribeca
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652- 6131

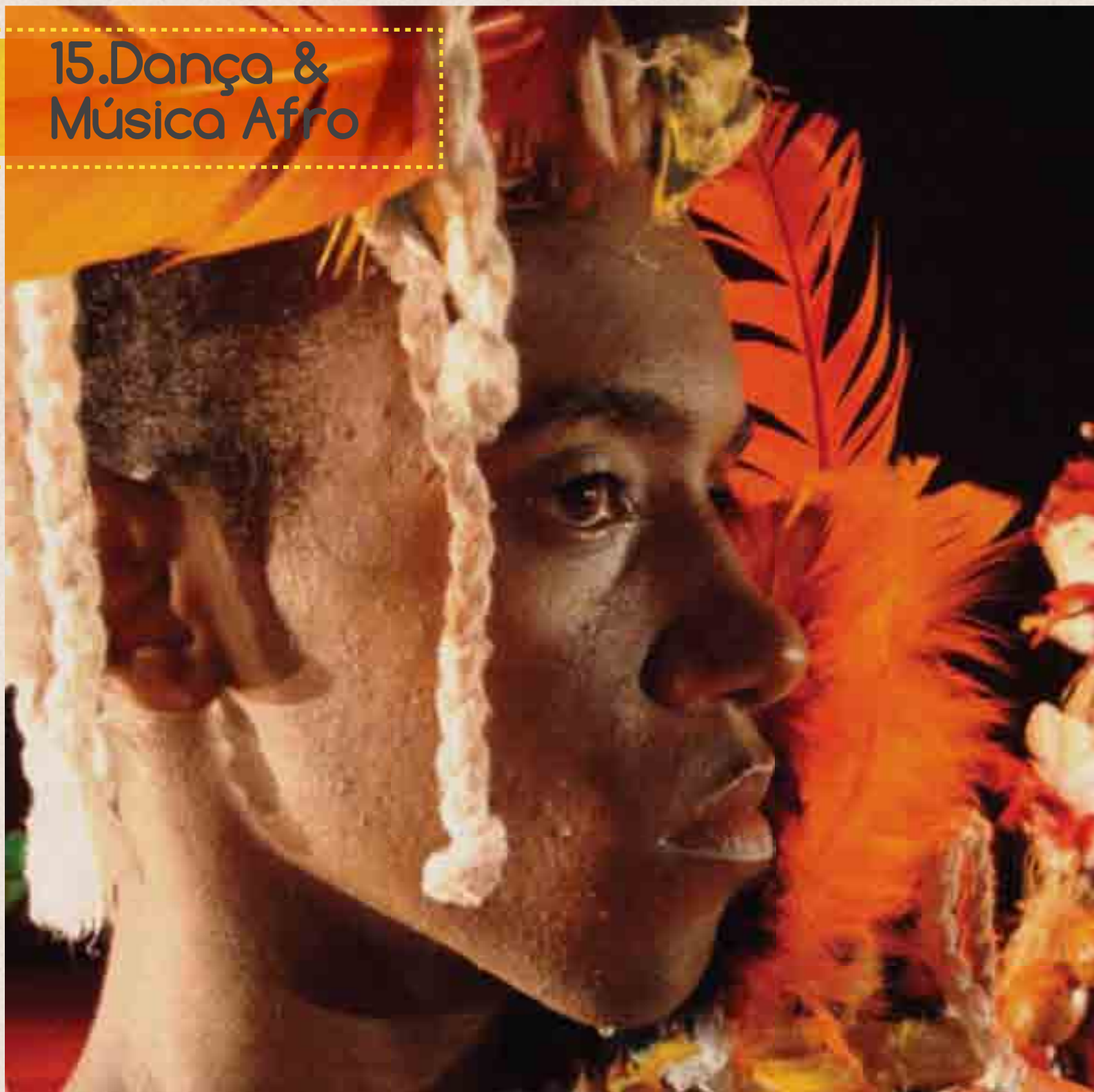
Vilma Lopes dos Santos Silva (culinária regional)

R. Sete de Setembro, s/n
Água Fria
Tel.: (75) 8193-9929

Foto Jota Freitas/ Acervo Bahiatursa



15. Dança & Música Afro



Expressão afirmativa da identidade negra, a dança afro contemporânea deriva de antigas tradições religiosas africanas vivenciadas na forma de danças sagradas. É definida como uma dança ritmada nos toques de atabaque e coreografada com movimentos inspirados nos orixás e nas lutas entre tribos da África. Executada com pés descalços, roupas coloridas e adornos, envolve muita coordenação motora. A tradição, marcada ainda pela agilidade, sincronia e movimentos fortes, tem como maiores expoentes, na Bahia, os grupos Ilê Aiyê, Malê de Balê e Muzenza. Em suas sedes, realizam-se aulas e ensaios. Já a música afro contemporânea, da mesma origem que a dança, inclui uma variedade de estilos que se recriaram ao longo do tempo como o afoxé, o samba, o pagode, o samba-reggae e o afro-pop. Dinâmica, a manifestação tem como elementos centrais, no entanto, a percussão executada por tambores artesanais e letras que enaltecem a ancestralidade africana.

Em Salvador, a AFROSSá – Cia. Contemporânea de Intervenção Urbana, coordenada pelo coreógrafo Carlos Alexandre Marques, de 33 anos, promove oficinas de dança e música em diferentes regiões da Bahia. Carlos utiliza as duas tradições como ferramenta de desenvolvimento sócio-educacional entre grupos de jovens e adultos. Na comunidade quilombola de Tijuaçu, Senhor do Bonfim, destaca-se a Dança Afro do Corta Cana de Tijuaçu, criada em 1998. A tradição é liderada pelo agricultor Vanildo dos Santos, que pesquisa cultura negra e concebeu a dança como resgate histórico de uma atividade praticada às escondidas pelos escravos nos canaviais.

Territórios de Identidade

- Extremo Sul
- Piemonte Norte do Itapicuru
- Região Metropolitana de Salvador
- Velho Chico

Contatos

Azânia - Grupo de Dança Afro

R. Direita de Santo Antônio, nº 1147, Portão
Lauro de Freitas
Tel.: (71)3379-5568, (71) 8229-2442
azania.portao@gmail.com
23 integrantes

Banda Quilombo Rio das Rãs e Grupo Quilombola (música e dança afro)

R. Garanhus, nº 279
Bom Jesus da Lapa
Tel.: (71) 8859-7890, (77) 8821-9003, (77) 9935-
5255
tokinhacruz@yahoo.com.br
12 integrantes

Dança Afro do Corta Cana de Tijuaçu

(batuque, dança afro e maculelê)
Tv. Senhor do Bonfim, s/n, Tijuaçu
Senhor do Bonfim
Tel: (74) 3544-3096, (74) 9962-4599
20 integrantes

Dança do Parentesco de Tijuaçu (batuque, dança afro e maculelê)

Tv. Senhor do Bonfim, s/n, Tijuaçu
Senhor do Bonfim
Tel.: (74) 3544-3096, (74) 9962-4499
20 integrantes

Grupo Afro Zambiã (afoxé)

Jardim Independência , Quadra F, Itinga
Lauro de Freitas
Tel.: (71) 3252-8021, (71) 8739-9592
zambiazinha@hotmail.com
25 integrantes

Swing Sensual (dança afro)

R. Santa Rita, nº 53, Pequí
Eunápolis
Tel: (73) 8147-6922
diogo_bailarino@hotmail.com
18 integrantes

Foto Adenilson Nunes/ Acervo AGECOM



16. Danças de Roda

(Cantiga, Ciranda e Dança de Fita)



A dança de roda é o tipo coreográfico mais difundido em todo o mundo e a forma mais primitiva de dança coletiva. Sua existência foi detectada ainda no período paleolítico (Idade da Pedra Lascada). De movimentos simples, executada em círculos e de mãos dadas, a dança de roda parece, conforme estudiosos do assunto, ter sido a matriz de muitas outras danças. Na Bahia, destacam-se três variações: cantigas de roda, ciranda e dança de fitas. As cantigas ou brincadeiras de roda são, em geral, atividades infantis e incorporam elementos das três culturas formadoras do povo brasileiro – portuguesa, indígena e negra. As letras, coletivas ou anônimas, são de fácil assimilação, constituindo importante patrimônio oral do folclore brasileiro.

Democrática e comunitária, a ciranda é comum no litoral norte pernambucano e, inicialmente, era praticada nos terreiros da zona rural. Seus participantes, denominados cirandeiros e cirandeiras, dão-se as mãos e balançam o corpo à medida que fazem o movimento de translação em sentido anti-horário. Há mestres e contramestres. Na dança de fitas, de origem ibérica, casais vestidos com roupas caípiras bailam cruzando fitas coloridas presas a um mastro. Em Salvador, registra-se a existência do grupo Ganhadeiras de Itapuã, formado em 2004. Com a proposta de resgatar antigas tradições do bairro soteropolitano, seus membros realizam apresentações públicas de cantigas de roda, cirandas, samba de roda e teatro popular repletas de referências à cultura afro-brasileira. O grupo conta com a participação de crianças, adultos e idosos. Também na região metropolitana, o *Viva a Dança!* se empenha, desde 2004, na preservação de danças tradicionais, como cirandas, cantigas de roda, danças indígenas, além de danças típicas do folclore internacional. Seus integrantes promovem encontros, festivais e aulas abertas aos interessados.

Territórios de Identidade

- Piemonte da Diamantina
- Portal do Sertão
- Região Metropolitana de Salvador
- Sisal
- Velho Chico

Contatos

Barracão e Ponto de Cultura (dança de roda e dança folclórica)

Al. Plínio Mariani Guerreiro, nº 1230, Fátima

Barra

Tel.: (74) 8116-0389

Número de integrantes não informado

Cantiga de Roda de Boa Vista (cantiga de roda)

Povoado Boa Vista

Serrolândia

Tel.: (74) 9991-6203

20 integrantes

Cantiga de Roda de Valente (cantiga de roda, boi e reisado)

Sítio São Pedro, s/n

Valente

Tel.: (75) 8105-3004

elzacantigaderoda@yahoo.com.br

10 integrantes

Francisca Souza da Conceição Silva (cantiga de roda, griô e brincante)

Fazenda Santo Estevão, Fazenda Conga

Santo Estevão

Tel: (75) 8103-5759



Foto cedida pelo Grupo Viva a Dança



Grupo Viva a Dança (danças de roda)

R. das Hortências, nº740, Pituba

Salvador

Tel.: (71) 3452-2523, (71) 9144-8771

www.sirlenebarreto.com.br

sirlene@terra.com.br

06 integrantes

José Carlos de Melo (dança de roda e reisado)

Povoado Riachão do Capinão, s/n

Carinhanha

Tel.: (77) 3485-9004

Marta Lúcia Pereira (cantiga de roda e tradição oral)

Av. Getulio Vargas, nº 1228, Ponto Central

Feira de Santana

Tel.: (75) 3625-1564, (75) 8832-4091

Vitória Torres Oliveira (dança de roda e folclórica)

Al. Plínio Mariani Guerreiro, nº1230, Fátima

Barra

Tel.: (74) 8816-0389

17. Danças Indígenas & Toré



Embora as danças indígenas se modifiquem de etnia para etnia, essas manifestações estão quase sempre vinculadas à espiritualidade e, muitas vezes, consistem em rituais de profundo teor religioso. Tais danças envolvem, ainda, a crença na força da natureza e cultos aos espíritos dos antepassados. As danças indígenas não são executadas em pares e podem ser realizadas individual ou coletivamente. Catira, cururu e dança de santa cruz são tradições apontadas como derivações de danças indígenas, assim como os folguedos caiapós, caboclinhos e dança dos tapuios. Na Bahia, destaca-se o toré, ritual dançado e marcado pela ingestão de uma bebida produzida à base da planta jurema, praticado pelos 14 povos indígenas que habitam o estado. De caráter mágico, a tradição envolve transe e é transmitida de geração para geração.

De acordo com historiadores brasileiros, datar o surgimento da dança sagrada ou precisar a origem do termo é tarefa difícil devido à ausência de narrativas a respeito. Perseguida no século passado por autoridades públicas com o apoio de segmentos conservadores da sociedade civil, o toré teve sua liberdade de culto garantida com a promulgação da Constituição Federal de 1988. Entre os índios Tumbalalá, do povoado de Pambú, Abaré, a dança segue a marcação do maracá e acontece em duas filas. A tradição tem como mestre o cacique Cícero Rumão Gomes Marinheiro. Na aldeia Tuxá, Rodelas, o toré é praticado por cerca de 40 indígenas. Sua liderança está a cargo de João Batista dos Santos, cantor, dançarino e contador de histórias. No estado, há ainda registro da dança caiapós, em Carinhanha. O folguedo, denominado Caboclos, existe há mais de 70 anos e seus integrantes bailam em fileiras, portando arcos, flechas, cipós e cocares.

Territórios de Identidade

- Itaparica (BA/SE)
- Velho Chico

Contatos

Cacique Cícero Rumão Gomes Marinheiro -

Povo Tumbalalá (dança indígena e toré)

Povoado Pambu

Abaré

Tel.: (87) 9131-0008

5 mil integrantes

Mestre João Batista dos Santos (toré)

Quadra 41, lote 09, Aldeia Tuxá

Rodelas

Tel.: (75) 8858-2725

40 integrantes

Batista dos Santos Gomes (artesanato indígena, toré e tradição oral)

R. da Expansão, s/n, Aldeia Tuxá

Rodelas

Tel.: (75) 8858-2725

Caboclos (caiapós e dança indígena)

R. Afonso Pena, 06, SUDENE

Carinhanha

Tel.: (77) 9968-9935

20 integrantes

Roberto Vieira Cruz (artesanato indígena, dança indígena e toré)

Quadra 41, Lote 11, Aldeia Tuxá

Rodelas

Telefone não informado

18. Expressões Culturais Contemporâneas



Híbridas, as expressões culturais contemporâneas do Brasil absorvem elementos provenientes de culturas estrangeiras, com preponderância da norte-americana, e recriam, à sua maneira, expressões tradicionais da cultura brasileira. Seu surgimento parece resultar do advento da indústria de massa, da internet, do desenvolvimento tecnológico, da urbanização e da globalização, que ‘facilitam’ a transferência de informações e até de costumes entre diferentes países. O funk e o hip-hop (rap, break dance e grafite) são expressões nascidas nas periferias dos grandes centros, notadamente Rio de Janeiro e São Paulo, como resposta criativa à exclusão, e enquanto o primeiro está mais associado ao entretenimento, o segundo possui teor de protesto e nasceu nos bairros negros de Nova York.

O tecnobrega, gênero musical que mistura batidas eletrônicas e letras românticas de compositores regionais, surgiu na periferia de Belém, Pará, em 2000, e é outro exemplo do sincretismo de culturas que caracteriza as expressões da atualidade. Do mesmo modo, o mangubeat (movimento cultural recifense da década de 1990) e a cultura ligada ao consumo de música eletrônica (raves, moda clubber, popularização dos DJs, psicodelia e artes circenses) também representam esse tipo de manifestação. Na Bahia, além de Salvador, verifica-se a existência de grupos de hip-hop em Serrolândia, Mascote e Milagres. Em Mascote, o Stilly Dance, criado em 2009, é formado por estudantes do ensino médio que realizam apresentações gratuitas na região. O Tartaruga Dance, de Milagres, é composto por jovens da zona rural e de baixa renda. O grupo busca, na dança de rua e no hip-hop, seu desenvolvimento educacional, cultural e social.

Territórios de Identidade

- Litoral Sul
- Piemonte da Diamantina
- Vale do Jiquiriçá

Contatos

Byboys Street (hip-hop)

Av. Agostinho Marques, nº 369, Centro
Serrolândia
Tel.: (74) 9999-2491
byboyronny@gmail.com
20 integrantes

Stily Dance (axé e hip-hop)

R. Mascote, s/n, Teixeira do Progresso
Mascote
Tel.: (73) 3625- 6101
bergstily@hotmail.com
09 integrantes

Tartaruga Dance (dança de rua)

Praça Orêncio Borges, nº 171, Tartaruga
Milagres
Tel: (75) 3545-5014, (75) 8829-7269
12 integrantes

19. Expressões Culturais Religiosas



Ainda que tenham finalidade devocional, as expressões culturais religiosas carregam elementos da cultura popular brasileira e desta não se podem dissociar. Os ritos festivos do candomblé, da umbanda e da jurema, as celebrações em louvor ao padroeiro, as missas sincréticas e as caminhadas de protesto contra a intolerância são manifestações que, além da orientação religiosa, expressam culturas, comportamentos e identidades. O candomblé, uma das religiões mais populares do país, desenvolveu-se em terras brasileiras por meio de sacerdotes africanos da diáspora. A religião envolve, além de questões identitárias, referências à história do país e exerce influência sobre as artes, as relações sociais, a culinária e os costumes.

Salvador, a capital brasileira com o maior contingente negro entre a população, possui 1.165 terreiros conforme mapeamento realizado pelo poder público municipal. Assim como a capoeira e o acarajé, o candomblé é símbolo da cidade. O Recôncavo é outro território da Bahia que concentra um grande contingente de adeptos dos cultos de matriz africana. Em São Francisco do Conde, o Sr. Augusto Aleluia, de 89 anos, é pai-de-santo do Ilê Axé Azoany, que possui 80 seguidores. Ele descende de uma família de adeptos da religião e assumiu a liderança da casa após sua avó falecer. Na mesma cidade, o Ilê Axé Ogún Baluji foi fundado em 1975 e é comandado pela mãe-de-santo Maria Adeline da Motta. O terreiro, vinculado à Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-Ameríndia (AFA), atende a comunidade com consultas espirituais, 'limpeza' de corpo e prescrição de remédios caseiros.

Territórios de Identidade

- Baía do Paramirim
- Baixo Sul
- Chapada Diamantina
- Irecê
- Itaparica (BA/PE)
- Litoral Sul
- Recôncavo
- Região Metropolitana de Salvador
- Velho Chico

Contatos

Aldeia da Jurema (jurema e candomblé)

Fazenda Camisa

Macureré

Tel.: (75) 3284-2203, (75) 3284-2160

60 integrantes

Almira Santos de Jesus (candomblé)

R. 15 de Novembro, s/n, Colina Verde

Presidente Tancredo Neves

Tel.: (73) 3540-1356

Associação Comunitária Alzira do Conforto -

Caminhada Azoany (candomblé)

R. das Laranjeiras, nº14, Pelourinho

Salvador

Tel.: (71) 3497-2701, (71) 8802-3837

<http://caminhadaazoany.blogspot.com>

alziradoconforto@hotmail.com

30 integrantes

Associação Religiosa e Cultural do Terreiro

Zazé Mavuluquê de Unzambi (candomblé)

Afoxé Filhos de Obá

Av. Santa Rita, nº 74, Centro

São Francisco do Conde

Tel.: (71) 3651-2534, (71) 8221-5973

l Luiz53nascimento@yahoo.com.br

40 integrantes

Baianas Meninas do Keto (candomblé, dança e música afro)

R. Drena I, nº 35, São Bento

São Francisco do Conde

Tel.: (71) 8175-5100

13 integrantes

Candomblé Ogum Pedra Branca e Comunidade Quilombola Barra do Parateca Antonio Ferreira dos Santos

R. Carinhanha, s/n

Carinhanha

Tel.: (77) 3486-4014

15 integrantes

Carmosina de Jesus Reis Oliveira (jarê e cura)

R. Da Casa Branca, 748, Ibiropitanga

Andaraí

Tel.: (75) 8130-8934

27 integrantes

Centro de Caboclo Boiadeiro (candomblé)

Praça do Ilhote, nº 73, Ilhote

São Francisco do Conde

Tel.: (71) 3652-4016, (71) 8783-7568

40 integrantes

Festejos de Coração de Jesus (festa religiosa)

R. Artur Antônio Costa, s/n, Centro

Caturama

Tel.: (77) 3650-1217, (77) 9966-7364

22 integrantes

Festejos de Coração de Maria (festa religiosa)

R. Cristal Branco, s/n, Centro

Caturama

Tel.: (77) 3650-1239, (77) 9986-8240

20 integrantes

Festejos do Padroeiro São Sebastião (festa religiosa)

R. da Usina, nº105, Centro

Caturama

Tel.: (77) 3650-116, (77) 9988-2179

26 integrantes

Filho de Oxum (candomblé)

R. Camacan, 48, Travessa do Progresso

Mascote

Tel.: (73) 3625-6134, (73) 8114-9011

400 integrantes

Idalina Sales Barboza (jarê, parto e benzedura)

R. do Mulungu, s/n, Centro
Andaraí
Tel.: (75) 8149-4422
23 integrantes

Ilê Axé Azoany (candomblé)

R. Alto do Coroado, nº 83, Coroado
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-9030, (71) 9117-7706
80 integrantes

Ilê Axé e Baianas de Ilê Axé (candomblé)

R. da Mangueira, nº 98, Campinas
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-1536
30 integrantes

Ilê Axé Matamba Kutala (candomblé)

Estrada de Santo Estevão, nº 38, Caípe de Cima
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8176-9474
90 integrantes

Ilê Axé Ogum Marinho (candomblé)

R. 07 de Setembro, nº 13, Paramirim
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-9065, (71) 9153-3110
43 integrante

Ilê Axé Ogún Baluji (candomblé)

Subida do Coroado, nº 29, Paramirins
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-9027
10 integrantes

Ilê Axé Oxum (candomblé)

R. do Campo, s/n, Socorro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652-2019
30 integrantes

Ilê Axé Yá Oxum (candomblé)

R. Alto da Favela, nº 07B, Centro
Aratuípe
Tel.: (71) 3406-1185, (71) 8239-1706, (73) 8139-6809
07 integrantes

Marcha para Jesus (evento religioso)

R. Macaúbas, nº 75, Centro
Ibipitanga
Tel.: (77) 3674-2035, (77) 9952-0046
De 500 a 4 mil integrantes

Maria de Amparo de Jesus Oliveira (candomblé)

R. São José, nº 40, Ginásio
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8122-9465
01 integrante

Nzo Multalecicogo Nganzambi Rialande

(candomblé)
Vencimento, 25
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 9965-9219, (71) 9123-5180
60 integrantes

O Bumba de Cândio Borge (festa religiosa)

Tv. Romão Gramacho, s/n, Centro
América Dourada
telefone não informado

Omim Dandá (candomblé)

R. da Mangueira, nº 78, Campinas
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-1182
15 integrantes

Terreiro Unzu Mutakulombô de Unzambi (candomblé)

R. Juvenal Eugênio de Queiroz, nº 125 A
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-1624, (71) 8794-5052
57 integrantes

20. Festa do Divino Espírito Santo



A Festa do Divino é uma das tradições mais antigas do catolicismo popular e ocorre no domingo de Pentecostes, celebrando a descida do Espírito Santo sobre os doze apóstolos. De origem portuguesa, a festa remonta ao início do século XIV, quando a Rainha Isabel de Portugal (1270-1336) introduziu a celebração na vila de Alenquer, dedicando uma igreja ao Divino Espírito Santo e assistindo às celebrações anuais. A festa chegou ao Brasil com os colonizadores e sofreu modificações, como o costume de escolher um casal para representar os imperadores. Apesar do perfil folclórico, a tradição não perde sua religiosidade e ocorre dentro de igrejas. Durante a celebração da eucaristia, o imperador ou imperatriz têm lugar de honra junto ao altar.

Atualmente, a festa do Divino pode ser vista em praticamente todas as regiões do país, embora com características distintas. Na Bahia, a Irmandade do Divino Espírito Santo mantém a tradição em Prado. Na manifestação, incências e ladainhas são entoadas com acompanhamentos de tambores. O grupo tem o hábito de sortear, no final do auto, um integrante que será o imperador ou imperatriz da próxima festa e guardará a coroa de prata em sua casa. A irmandade é composta por 40 homens e 40 mulheres.

Território de Identidade

- Extremo Sul

Contato

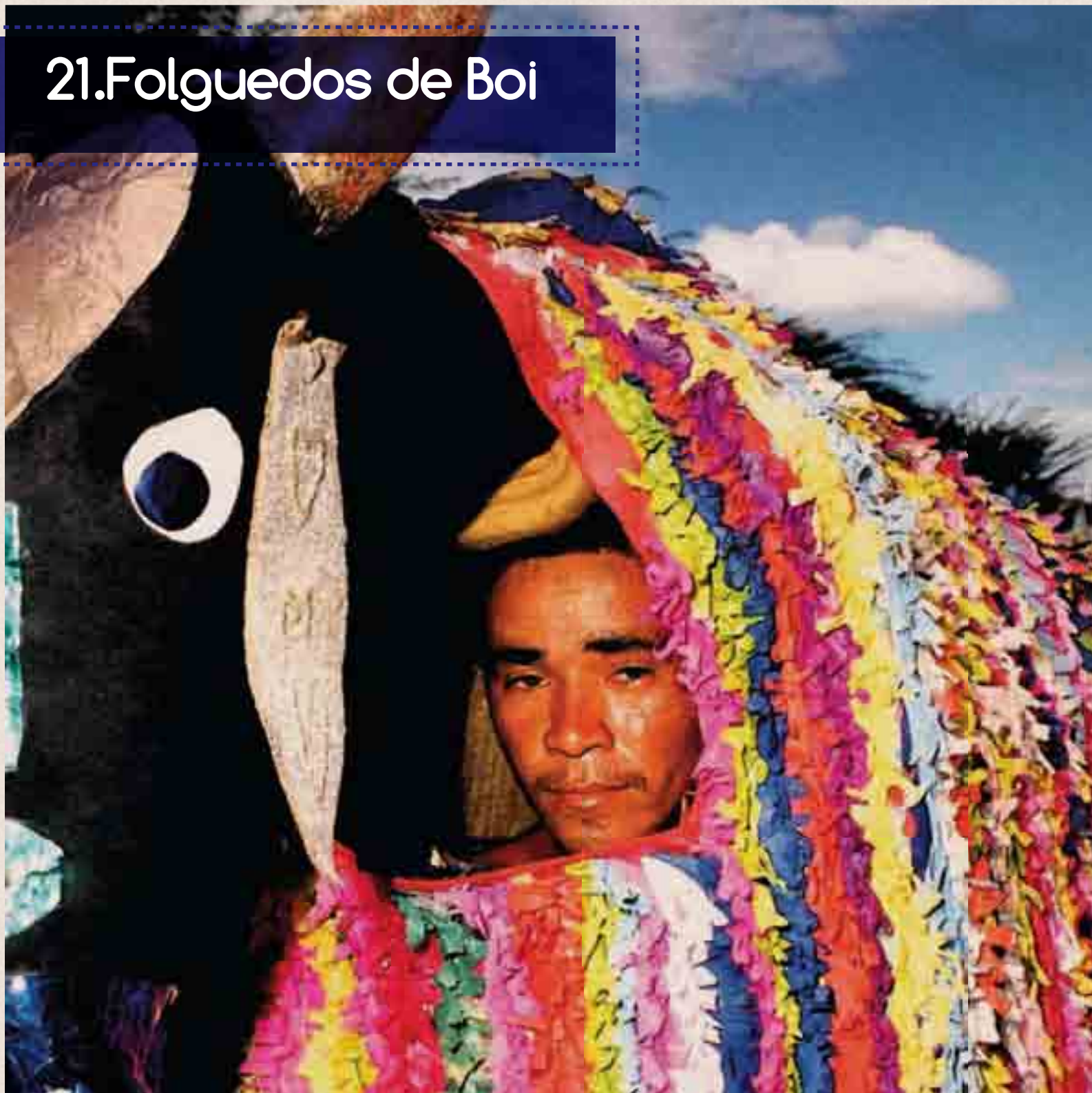
Irmandade do Divino Espírito Santo (festa do divino espírito santo)

R. José Joaquim Seabra, s/n, Centro
Prado

Tel: (73) 9987-9171

80 integrantes

21. Folguedos de Boi



O sfolguedos de boi, bumbameu boi, boi-bumbá ou pavulagem são ricas representações do folclore brasileiro. A festa, espécie de ópera popular com personagens humanos e animais fantásticos, gira em torno da temática da morte e ressurreição de um boi. De acordo com historiadores, a manifestação surgiu da junção de elementos identitários das culturas portuguesa, africana e indígena. O boi, principal figura da representação, consiste em um artefato de madeira em forma de um touro, coberto por tecido colorido que esconde a pessoa que o manipula. Um folguedo similar, a burrinha, feita de maneira semelhante ao boi, porém menor, é conduzida sobre os ombros do brincante que marcha ao som de viola e pandeiro.

Trata-se de uma manifestação tradicional vista por todo o Nordeste. Na Bahia, está presente, entre outras localidades, em Irará, onde o Sr. Antonio Cardoso, de 76 anos, conhecido como Dinê da Burrinha, mantém viva a tradição desde a década de 1960. Em Caravelas, durante o Carnaval, o Bloco da Burrinha de Ponta de Areia sai às ruas levando o boi e a burrinha sob o comando do Sr. Alírio Pinto Silva, o Gabiru, que iniciou a brincadeira. Entre os bois da Bahia, verifica-se, ainda, a existência do Boi Estrela, em Vera Cruz. Fundado há 150 anos, seu cortejo desfila pelas ruas da comunidade no mês de janeiro (data móvel).

DIA NACIONAL – O Dia Nacional do Bumba meu Boi, comemorado em 30 de junho, foi instituído, por lei, pelo Governo Federal, em 2009. O governo brasileiro considera o folguedo uma importante manifestação da cultura popular.

Territórios de Identidade

- Baixo Sul
- Chapada Diamantina
- Extremo Sul
- Litoral Sul
- Portal do Sertão
- Oeste Baiano
- Recôncavo
- Região Metropolitana de Salvador
- Velho Chico

Contatos

Mestre Dinê – Burrinha de Irará

R. Padre Jocumbo, 80
 Irará
 Tel.: (75) 8108-2723
 01 integrante

Mestre Naná - Anailton Antônio dos Santos

Boi Estrela (bumba meu boi) e **Aruê** (samba de roda e cortejo de Ano Novo)
 Vila de Matarandiba
 Vera Cruz
 Tel.: (71) 3231-3603, (71) 3684-1048, (71) 9228-0373
 ascomat.ba@gmail.com
 10 integrantes (Boi Estrela) e 1 mil integrantes (Aruê)

A Boiada Multicor (bumba meu boi)

Salvador
 Tel.: (71) 9931-9409, (71) 8247-2319
 boimulticor@gmail.com
 60 a 100 integrantes

Bloco da Burrinha de Ponta de Areia

(burrinha e bumba meu boi)
 R. Getulio Vargas, s/n, Ponta de Areia
 Caravelas
 Tel: (73) 3687-1435
 30 integrantes

Boi Bonito de Vila de Abrantes

R. do Barro Vermelho, s/n, Abrantes
 Camaçari
 Tel.: (71) 3621-1588, (71) 9626-9464
 secultcamacari@gmail.com
 20 integrantes

Boi Estrela de Barra de Jacuípe

R. das Flores , 44, Barra do Jacuípe
 Camaçari

Tel.: (71) 3678- 1511
 secultcamacari@gmail.com
 37 integrantes

Boi Jaú (bumba meu boi)

R. Coronel Antonio Coité, s/n
 Angical
 Tel.: (77)9963-4382
 lenon_camilo@hotmail.com
 30 integrantes

Bumba Meu Boi

Centro
 Carinhanha
 Tel.: (77) 9945-5867
 Número de integrantes não informado

Bumba Meu Boi (folguedo do boi)

R. Pascoal de Moraes, nº 255, Rosa Rosaneto
 Eunápolis
 Tel: (73) 3281-9461
 45 integrantes

Bumba–Meu-Boi de Anderson Antônio de Jesus

R. Rui Barbosa, s/n, Centro
 Piraí do Norte
 Tel.: (73) 3688-2132
 dinho_72@hotmail.com
 20 integrantes

Bumba meu Boi Estrelinha

BR 101, Rua 01, nº 178, São João do Paraíso Novo
 Mascote
 Tel.: (73) 3629-2490
 brenninho05@hotmail.com
 Número de integrantes não informado

Grupo Boi de Mariá (bumba meu boi)

Comunidade Quilombola de Morro Redondo

Seabra

Tels.: (75) 3331-2211, (75) 9950-4178

edybahia10@hotmail.com

20 integrantes

Grupo Bumba Meu Boi Estrelinhas

(folgado do boi)

BR 101, Rua 01, nº 178, São João do Paraíso Novo

Mascote

Tel: (73) 3629-2490

breninho05@hotmail.com

Número de integrantes não informado

Mulinha de Ouro (burrinha e reisado)

Centro

Carinhanha

Tel.: (77) 3485-2736

10 integrantes

Obá, Obá e Cultura (folgado do boi e capoeira)

R. Santa Rita, nº 132, Centro

São Francisco

Tel: (71) 3651-1775, (71) 8150-8954

40 integrantes

O Boi (bumba meu boi)

R. Juracy Magalhães, s/n, Centro, São Sebastião

Cairu

Tel: (75) 3653-5078

40 integrantes

Sociedade Beneficente Amigos de Cairu –

SBAC (bumba meu boi)

Praça Coronel Francisco Ribeiro, nº04, Centro

Cairu

Tel.: (75) 3653-2131, (75) 9933- 8100, (75) 9987-7954

30 integrantes



Foto Acervo IRDEB

22. Forró & Sanfoneiro



O forró, a princípio tradição típica do período junino, tornou-se festa e gênero musical comuns no país em qualquer período do ano. De acordo com o folclorista Luís da Câmara Cascudo, o termo deriva de forrobodó, que significa, na linguagem caípira, grande divertimento ou baile animado. Outra origem está associada ao termo inglês for all. Surgida no Nordeste, a festa chegou aos estados do Sul e Sudeste por intermédio do cantor, compositor e sanfoneiro pernambucano Luiz Gonzaga, em meados do século passado. O forró também é conhecido como arrasta-pé ou pé-de-serra. Sua versão mais autêntica, o pé-de-serra é formado por um trio de músicos que tocam triângulo, zabumba e sanfona e cantam músicas que falam de amor, vida sertaneja e bailes na roça.

O forró envolve vários tipos de dança, como o baião, toada, xaxado, coco de roda, quadrilha e xote. Nas últimas décadas, o ritmo sofreu variações e alguns grupos incorporaram baixo, guitarra, bateria e outros equipamentos eletrônicos ao gênero. No entanto, a presença do sanfoneiro é elemento indissociável da tradição. Ele é quem rege o baile. Também conhecida como concertina, harmônica, cordeona, acordeom, pé-de-bode, gaita e fole, a sanfona tornou-se ícone da cultura popular do Nordeste e chegou, até mesmo, a ultrapassar as fronteiras do forró. Eclética, a sanfona está presente, por exemplo, em algumas orquestras sinfônicas do país.

DIA NACIONAL – O Dia Nacional do Forró é comemorado em 13 de dezembro, data em que nasceu Luiz Gonzaga. Foi instituído por lei federal sancionada em 2005.

Territórios de Identidade

- Bacia do Paramirim
- Baixo Sul
- Chapada Diamantina
- Itaparica (BA/PE)
- Litoral Sul
- Oeste Baiano
- Portal do Sertão
- Sertão Produtivo
- Vale do Jiquiriçá
- Velho Chico

Contatos

Mestre Divino Antonio Pereira dos Santos

(sanfoneiro) – **Banda de Forró Divino e Cia.**

Fazenda Cachoeira do Tatu

Igaporã

Tel.: (77) 3460-1129, (77) 9123-6906

05 integrantes

Acord's do Brasil (Forró, axé e arrocha)

R. João Mangabeira, 440, São João do Paraíso

Mascote

Tel.: (73) 3629-2727

04 integrantes

Adeilton de Jesus Santana (forró)

R. Marinalva Gaspar, s/n, Serraria

Presidente Tancredo Neves

Tel.: (73) 8163-8422

01 integrante

Banda Favo de Mel: O Pé de Serra que

Adoça sua Vida (forró)

R. Quinze de Novembro, nº 146, Centro

Ubaíra

Tel: (75) 8811-3757

Número de integrantes não informado

Banda Xote a Pé (xote)

R. Riachão das Troleiras, s/n, Sítio Beira Rio

Presidente Tancredo Neves

Tel.: (73) 8157-2160

07 integrantes

Carlito Balieiro e Companhia (forró)

Barra do Rio Verde

Urandi

Tel.: (38) 9114-4822

03 integrantes

Chamego Bom (forró)

Povoado de Tararanga, s/n,

Piraí do Norte

Tel.: (73) 3688-2161, (73) 8109-1140

09 integrantes

Damião Antônio dos Santos (sanfoneiro)

Fazenda Bom Jesus, s/n

Abaré

Tel.: (87) 9149-6675

03 integrantes

Dance Forró

R. Utinga, Quadra 139, Lote 10, Santa Cruz

Luís Eduardo Magalhães

Tel.: (77) 3628-2728, (77) 8137-1654

helves_16@hotmail.com

30 integrantes

Eldon Miguel Calvacante (sanfoneiro)

R. da Paz, s/n, Ibó

Abaré

Tel.: (87) 9124-9934

De 04 a 07 integrantes

Forrozão Sertanejo (forró e sertanejo)

Av. Doutor Renato Vaz Sampaio, nº 1034, Lagoa

Comprida

Maracás

Tel: (73) 3533-2557, (73) 8832-8862

05 integrantes

Gaivota do Forró

R. 3ª Tv. Rui Barbosa, s/n, Acelino Mamédio

Piraí do Norte

Tel.: (73) 3688-2012

05 integrantes

Girley Santos da Silva (forró e zabumba)

R. do Lajedo, s/n, Centro

Andaraí
Tel.: (75) 8170-8463
03 integrantes

Grupo de Forró Canários de Prata

Povoado Lagoa D'Água, s/n, São Francisco
Botuporã
Tel.: (77) 3678-2147
03 integrantes

José Elias dos Santos (sanfoneiro)

R. da Saudade, s/n
Água Fria
Tel.: (75) 8210-5694
03 integrantes

Malícia do Forró (forró, axé, arrocha e pagode)

R. João Mangabeira, 440, São João do Paraíso,
Centro
Mascote
Tel.: (73) 3629-2727
06 integrantes

Manoel Pereira da Silva (sanfoneiro)

Av. Ipiranga, nº250, Ipiranga
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8151-7411
01 integrante

Metrô Bahia (forró, axé e arrocha)

R. Getúlio Vargas, 369, São João do Paraíso
Mascote
Tel.: (73) 3629-2048
04 integrantes

Renan Rodrigues Lima (sanfoneiro)

Praça da Bandeira, 33, Centro
Andaraí
Tel.: (75) 8130-5221
03 integrantes

Rodney e Rodrigo (forró e sertanejo)

Av. Montes Claros, 601, Xavier
Urandi
Tel.: (77) 9137-2091
rodneyudi@hotmail.com
05 integrantes

Valdir do Acordeon - Valdir Silva Alves

(sanfoneiro)
R. do Estádio, s/n, Centro
Botuporã
Tel.: (77) 3678-2363
02 integrantes

Xamego do Forró e Joselito Luciano dos Santos (sanfoneiro)

Fazenda Curral de Fora
Água Fria
Tel.: (75) 9164-0658
04 integrantes

Zé Mineiro e os Baianinhos (forró)

Bairro Vermelho
Urandi
Tel.: (77) 9142-9323
06 integrantes

23.Lindro Amô



O lindro amô é uma folgança tradicional do Recôncavo. A manifestação acontece como um peditório musical ou missa pedida para arrecadar fundos para celebração de missas em louvor a determinados santos, festas de padroeiros, pagamento de promessas ou simples devoção. Cabe lembrar que o costume da missa pedida, um dos mais tradicionais da Bahia, consistia em pedir esmolos pelas ruas carregando a imagem de um santo com a intenção de viabilizar a realização de uma missa. No estado, existe também um peditório de candomblé, feito em agosto, para recolher donativos para as festas do orixá Omolu. A parte musical do lindro amô soma cânticos da festa de reis, candomblé-de-caboclo, queima da palhinha e samba. Normalmente, os cantos são acompanhados por viola, cavaquinho, tambor, pandeiro e chocalho.

Conforme moradores de Santo Amaro, que organizaram o cortejo no passado, a tradição remonta ao período escravocrata em que, enquanto os portugueses promoviam suas comemorações, restava aos negros a opção de angariar esmolos para festejar suas crenças. Os integrantes do lindro amô chegam a empreender longas caminhadas a pé, visitando povoados, distritos e comunidades da vizinhança. Um porta-estandarte, mulheres (pastoras) e crianças integram o cortejo que carrega imagens de santos, finalizando a tradição com missa. Em São Francisco do Conde, há o Lindroamor Axé, bastante vinculado ao candomblé e revitalizado, em 1993, pela mestra Mãe Áurea (Valdelice Áurea Medeiros). No folguedo, pede-se donativos para o caruru dos santos Cosme e Damião, padroeiros do grupo formado por 60 integrantes.

Territórios de Identidade

- Recôncavo

Contatos

Mestra Mãe Áurea - Valdelice Áurea Medeiros

Lindroamor Axé

R. Ruy Barbosa, n.º 60, Centro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-1148, (71) 9971-6424
lindroamoraxe@hotmail.com
60 integrantes

Mestre Raimundo José das Neves

Associação de Capoeira Arte e Recreação Berimbau de Ouro – ACARBO

(capoeira, maculelê, samba de roda e lindro amô)
Tv. do Rosário, s/n, Centro
Santo Amaro
Tel.: (75) 9135-3754, (75) 8174-9407
www.acarbo10.wordpress.com
mestreacarbo@hotmail.com
400 integrantes

24. Maneiro Pau



A dança dramática do maneiro pau é um folguedo típico do Nordeste, muito comum na região do Cariri, Ceará. Também chamada de mineiro pau, mânero pau e coco de cacete, é bailada apenas por homens. Os dançarinos portam um ou dois bastões de madeira, denominados cacetes, e bailam em círculo ou fileiras que se defrontam. Voltados de frente para seus pares, os brincantes realizam uma coreografia marcada por fortes batidas dos bastões no chão que se assemelha ao maculelê. O acompanhamento musical é feito com sanfona, zabumba, caixa, triângulo, chocalho, pandeiro ou banda de pífanos, o que varia conforme o estado. Alguns grupos integram o bumba meu boi à apresentação. Na Bahia, a dança guerreira faz alusão ao Cangaço e está presente em Santa Brígida. De acordo com seus integrantes, ela foi formada, originalmente, em Juazeiro do Norte, Ceará, por incentivo do Padre Cícero Romão e chegou ao município com o beato e taumaturgo Pedro Batista, na década de 1950. Atualmente, o maneiro pau é liderado pelo Sr. Manoel Inácio da Silva, de 72 anos, agricultor e seguidor dos ensinamentos do beato. O grupo traja indumentárias azuis, lenços vermelhos, chapéus de couro e cartucheiras, e se apresenta em festas religiosas ou a pedido de promesseiros.

Território de Identidade

- Semi-Árido Nordeste II

Contato

Maneiro Pau

Povoado Santa Cruz, s/n
Santa Brígida
33 integrantes

25. Mascarados

(Bombachos, Caretas, Mandus, Os Cães e Zambiapungas)



Embora encontradas com características e modos de apresentação distintos, as brincadeiras dos Mascarados sempre acontecem com os mesmos objetivos: incitar o medo, o susto, o riso e ‘espantar os maus espíritos’, na definição dos seus praticantes. Geralmente, as máscaras usadas possuem aspecto grosseiro, animalesco ou representam personagens históricos conhecidos. Na Bahia, uma de suas mais antigas expressões acontece em Cairu, há mais de cem anos. Trata-se do grupo Os Caretas, que sai às ruas na festa de Nossa Senhora do Rosário, organizado em filas indianas, com os mestres e instrumentistas (cuíca, tambor e búzio) ao centro. Os demais percutem em enxadas de ferro produzindo uma batida ritmada. Os integrantes vestem um macacão chamado dominó, que cobre todo o corpo, máscara e capacete. O Sr. Paulo Crispiniano do Rosário, de 85 anos, integra o folguedo desde jovem. Em Acupe, distrito de Santo Amaro, o Sr. Salvador Santos de Jesus, conhecido como Dodô das Caretas, está à frente dessa manifestação desde 1988. Registrada como Associação Comunitária Careta Tradicional de Acupe, a brincadeira surgiu nos engenhos de cana-de-açúcar.

No estado, destaca-se ainda o grupo Zambiapunga, de Nilo Peçanha. A tradição, que também remete ao período da escravidão, reúne 40 homens mascarados que saem pela cidade na madrugada de 1º de novembro (Dia de Todos-os-Santos). Dividido em três filas, o cortejo acorda os moradores percutindo em instrumentos enfeitados, como enxadas, búzios, cuícas e tambores – alguns deles, ferramentas de trabalho usadas por agricultores quilombolas da região. Os integrantes dançam vestindo chapéus afunilados, máscaras com nariz longo e roupas coloridas. Para garantir sua preservação, foi criado o Zambiapunga Mirim, do qual participam 50 crianças. Verifica-se, ainda na Bahia, a presença do bloco de pintados Os Cães que desfila no carnaval fora de época de Jacobina. A brincadeira foi trazida de Minas Gerais pelo mestre Valdemar Pereira da Conceição, conhecido como Fecha-Beco, há cerca de 50 anos. Seus brincantes se pintam de preto e enfeitam-se com batom vermelho, chifres e dentes artificiais, levando nas mãos, tridentes, chocalhos, espadas e escudos. O Anjo Gabriel, a Alma e a Pelada, única mulher do grupo, são personagens do bloco.

Territórios de Identidade

- Baixo Sul
- Piemonte da Diamantina
- Recôncavo
- Região Metropolitana de Salvador

Contatos

Mestre Artêmio da Luz de Jesus - Grupo Cultural Bambolê e Tradição dos Mascarados (mascarados, caretas e pierrots)
R. Antônio Felício Pimentel, nº12-C, Centro Lauro de Freitas
Tel.: (71) 3378-2527, (71) 8725-5543
artemiodaluz@hotmail.com

Mestre Dodô das Caretas - Salvador Santos de Jesus - Grupo Cultural Caretas de Acupe (mascarados)
Loteamento Maria Pedreira, nº 10, Acupe Santo Amaro
Tel: (75) 3201-2157, (71) 8268-3324
80 integrantes

Grupo Cultural Caretas do Acupe (mascarados)
Acupe Santo Amaro
Tel.: (75) 3201-2157
80 integrantes

Grupo Folclórico Cultural Zambiapunga
Loteamento Jardim Dona Norma, nº25, Baixa Fria Nilo Peçanha
Tel.: (73) 3257-2112, (73) 9978-0509
www.grupozambiapunga.hpg.bol.com.br
walmoriodij@hotmail.com
90 integrantes

Grupo Mandus e Bombachos nas Ruas de Acupe (mandus, mascarados)
R. Nova Porrão, nº 240, Acupe Santo Amaro
Tel: (75) 3201-2219, (71) 9918-0991
49 integrantes

Nega Maluca – Luiz Carlos dos Santos Sacramento (brincante, pintado)
Rua Piauí, Nova São Francisco São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8190-6309
01 integrante

Os Cão de Jacobina (pintados)
R. Santa Rita, nº 192, Caixa D'Água Jacobina
Tel.: (74) 9197- 1413, (74) 9191- 4881
<http://caosjacobina.blogspot.com>
caosjacobina@hotmail.com
30 integrantes

Os Caretas
Praça da Bandeira, nº01, Cajazeiras Cairu
Tel: (75)9987-7919
joacairu@hotmail.com
40 integrantes

Os Negrotos do Monte (pintados e mascarados)
R. da Igreja, nº 83, Monte Recôncavo São Francisco do Conde
Tel: (71) 3652-5186, (71) 9904-7908
crrosario01@yahoo.com.br
Número de integrantes variável





Foto Maanu Dias/ Acervo AGEKOM

26.Nego Fugido



O folguedo Nego Fugido é mantido por pescadores de Acupe, distrito de Santo Amaro, há, pelo menos, um século. O auto recria, todo ano, a tentativa de fuga de um escravo que acaba por ser caçado, amarrado e que, depois, consegue comprar sua alforria. Os personagens correm, lutam e dançam lentamente ao som de atabaques e agogôs, com expressão coreográfica associada aos ritos do candomblé. Apresentada todos os domingos de julho nas ruas do distrito, a encenação é formada por 60 integrantes (56 homens e 04 mulheres) que pintam os corpos de preto e as línguas de vermelho. Entre os personagens figuram, além do escravo, o senhor, o capitão-do-mato e o rei. A indumentária consiste em jalecos e chapéus de couro, saias confeccionadas com palha de bananeira e simulacros de armas de fogo. De acordo com folcloristas, no Nego Fugido, os santos-amarenses expressam uma versão própria sobre a liberdade negreira, ao mesmo tempo em que preservam o vínculo de identidade com seus ancestrais escravos. Sua importância residiria, portanto, no papel que desempenha como tradição popular, conservadora da memória e história brasileira. Cabe lembrar que Acupe é área quilombola.

Território de Identidade

- Recôncavo

Contatos

Nego Fugido e Grupo Quilombola de Acupe

Av. Edival Barreto, nº 24, Acupe

Santo Amaro

Tel .: (75) 8151-5479

mory_santo@yahoo.com.br

60 integrantes

27. Penitência & Terno das Almas



De caráter religioso, a Penitência das Almas acontece em cidades do interior da Bahia durante a quaresma ou no Dia de Finados. A tradição consiste em uma procissão noturna de homens que praticam auto-flagelação, com chicotes feitos de madeira, couro e pedaços de chumbo pontiagudo. As intenções dos devotos com o sacrifício são vivenciar o sofrimento de Jesus Cristo e redimir-se dos pecados cometidos. Seus integrantes chegam a derramar sangue e desfalecer, sendo auxiliados por colegas idosos. Em geral, trata-se de grupos fechados, exclusivamente masculinos, cujos membros preferem não ser identificados. Os penitentes caminham descalços e cantam rezas e benditos pelas almas dos mortos em sete pontos distintos. A tradição é acompanhada de muitas superstições e lendas. As origens da cerimônia, difundida por quase todo o Nordeste, remontam à Idade Média, quando a Igreja Católica adotou a flagelação como disciplina.

Na Bahia, têm-se registro de penitentes na região do rio São Francisco e nos municípios de Lençóis, Cachoeira e Serrinha. No distrito de Ibó, em Abaré, há o grupo Penitentes, que cumpre o rito de caminhar carregando uma cruz de madeira, terços e rosários. As interrupções para rezas acontecem em localidades como a igreja matriz, o cemitério, encruzilhadas, capelas e locais ditos mal-assombrados. Seus integrantes usam roupas pretas e capuz. Com características similares e presença majoritária de mulheres, porém sem o sacrifício do flagelo, verifica-se a existência de dois ternos das almas em Andaraí, na Chapada Diamantina: o Grupo das Almas de Andaraí, que tem à frente, desde 1994, a Sr. Hildete Evangelista Santos, de 53 anos, e o Terno das Almas de Iguatu. Este último foi resgatado, em 2002, por D. Danuza Leite dos Santos, que toca a matraca (instrumento de madeira indispensável à tradição), herdada de ternos extintos. As penitentes percorrem cidades da região cobertas com lençóis brancos e longos, deixando apenas o rosto à mostra.

Território de Identidade

- Chapada Diamantina
- Itaparica (BA/PE)

Contatos

Mestra Hildete Evangelista Santos - Grupo das Almas de Andaraí (terno de almas)

Centro
Andaraí
Tel.: (75) 8186-5222
10 integrantes

Penitentes

Fazenda Cruzinha
Abaré
Tel.: (87) 9243-5640
20 integrantes

Terno das Almas

R. da Constituição, s/n, Iguatu
Andaraí
Tel.: (75) 8145-2468
65 integrantes

28. Quadrilha



Na Europa, a quadrilha celebrava os casamentos da aristocracia francesa em salões requintados. No Brasil, onde já era tradição desde o início do século XIX, o bailado de pares ganha uma versão irreverente e passa a ser dançado ao ar livre nas festas juninas. Os dançarinos obedecem aos passos ditados por um organizador da festa. Por tradição, a dança tem a sanfona como acompanhante musical e o forró como gênero maior. O baile comemora uma união caipira e o enredo é, quase sempre, o mesmo: a noiva está grávida e é obrigada pelos pais a se casar enquanto o noivo a recusa, sendo necessária a intervenção da polícia. Também existem no país as quadrilhas estilizadas com coreografias ensaiadas previamente. De acordo com os estudiosos da cultura brasileira, a quadrilha teria influenciado o fandango, as danças de fileiras opostas e as contradanças.

Na Bahia, nota-se a existência de algumas quadrilhas com características bastante peculiares. São elas: a Quadrilha Buscapé, em Una, com componentes que dançam descalços e executam passos típicos do caipira brasileiro; As Muquiranas, de Andaraí, formada por 54 integrantes, em que os homens dançam travestidos de mulher e há a presença de um boi – égua ‘vestida’ de noiva; e a Pé no Chão, de Ribeira do Pombal, em que são dançados o xaxado, o baião e o xote. Nesta quadrilha, os dançarinos usam trajes de couro similares àqueles usados por cangaceiros.

Territórios de Identidade

- Bacia do Paramirim
- Baixo Sul
- Chapada Diamantina
- Itapetinga
- Litoral Sul
- Oeste Baiano
- Piemonte da Diamantina
- Portal do Sertão
- Semi-Árido Nordeste II
- Sertão Produtivo
- Velho Chico

Contatos

Mestra Creusa Brito - Centro Bandeirante de

Recreação (quadrilha junina, pau-de-fita, pau-de-sebo, casamento de matuto)

R. Manoel Buarque, nº 41, Centro

Itororó

Tel.: (73) 3265-2055

40 integrantes

Mestra Dona Juju – Jovelina Damasceno

Santos (quadrilha junina)

Cairu

Tel: (75) 3653-5078

Antônio dos Santos de Jesus (quadrilha junina)

Fazenda Bom Jesus, s/n, Calumbi II

Presidente Tancredo Neves

Telefone não informado

As Muquiranas (quadrilha junina e bumba meu boi)

R. Santa Bárbara, s/n

Andaraí

Tel.: (75) 8176-5759

ana_nuy@hotmail.com

54 integrantes

Pé de Quento (quadrilha)

São Francisco

Carinhanha

Tel.: (77) 9948-8900

70 integrantes

Quadrilha Arrastapata (quadrilha junina infantil e forró)

R. Manoel da Silva Machado, s/n, Lagoa das

Pedras

Caculé

Tel: (77) 8118-2685

46 integrantes

Quadrilha Arrasta- Pé

R. Santa Rita, nº 192, Caixa D'água Jacobina

Tel.: (74) 9197-1413, (74) 9191- 4881

carolinemotta@hotmail.com

60 integrantes

Quadrilha Busca-pé (quadrilha, baião, xaxado, xote e carimbó)

R. Joaquim Antonio, nº 216, Senhor do Bonfim Caculé

Tel: (77) 9949-8258, (77) 3455-2025

40 integrantes

Quadrilha Buscapé (quadrilha, canto cerimonial e sanfoneiro)

Av. Brasil, nº 16, Centro

Una

Tel: (73) 3626-1069

ceicalos@hotmail.com

44 integrantes

Quadrilha de São Sebastião (quadrilha junina)

R. Juracy Magalhães, s/n, Centro

Cairu

Tel: (75) 3653-5078

50 integrantes

Quadrilha Guerreiros do Oeste

R. Pernambuco, Quadra 131, Lote 24, Mimoso 1

Luis Eduardo Magalhães

Tel.: (77) 3628-0847, (77) 9956-3174

tiagoantonioq@hotmail.com

40 integrantes

Quadrilhas Juninas

R. Artur Antônio Costa, s/n, Centro

Caturama

Tel.: (77) 3650-1213, (77) 9989-4195

10 integrantes

Quadrilha Junina Revelação

R. João Anunciação dos Santos, 42, Centro
Água Fria
Tel.: (75) 8128- 4314
ouricangas2@hotmail.com
39 integrantes

Quadrilha Municipal Pé de Couro (quadrilha,
canto cerimonial e sanfoneiro)
Praça Dr.Manoel Pereira de Almeida, s/n, Centro
Una
Tel: (73) 3236-1806, (73) 3236-1863, (73) 9974-
0650
sec.una@ig.com.br, ceicalos@hotmail.com
Número de integrante não informado

Quadrilha Pé no Chão

R. Coronel Pedro Alexandrino Costa, 434, Centro
Ribeira do Pombal
Tel.: (75) 9115-2367
54 integrantes

Quadrilha Pluricultural

Pirai do Norte
Tels: (73) 3688-2060/2132, (73) 9951- 6122
32 integrantes



Foto Carlos Alcântara/ Acervo Pelourinho Cultural

29. Queima de Palhinha



A Queima da Palhinha, tradição centenária que encerra o ciclo de festas natalino nas cidades do interior do Nordeste, acontece após a festa de reis e consiste na incineração das palhas dos presépios onde esteve deitada a imagem do Menino Jesus. Tradição híbrida e do catolicismo popular, a celebração é praticada por razões religiosas e envolve bailados e cantorias que louvam ao nascimento de Jesus. Durante a queima, são entoadas loas e homens e mulheres dançam ao redor da fogueira acesa desde o início do encontro. A parte profana sucede a religiosa com samba de roda que se prolonga pela madrugada, oferta de alimentos, doces e bebidas. Na Bahia, a tradição foi encontrada em Santo Amaro, Maragogipe, São Sebastião do Passé e municípios da Região Metropolitana de Salvador. Em Simões Filho, a festa foi resgatada na comunidade rural de Palmares graças a um amplo trabalho da organização não-governamental Fundação Terra Mirim, iniciado em 2003. Organizada pela família do Sr. Manoel Lopes, de 84 anos, em um barracão de fundo de quintal, a *Queima da Palhinha* mobiliza a comunidade que ajuda nos preparativos. O ritual acontece diante de uma lapinha ricamente enfeitada com velas, frutas, flores, brinquedos, pisca-pisca, ramos verdes e um presépio. A Fundação Terra Mirim, além de conseguir recursos públicos para revitalização da tradição, documentou suas cantigas, versos e danças e ajuda a promovê-la a cada ano.

Território de Identidade

- Região Metropolitana de Salvador

Contatos

Grupo Cultural Queimada da Palhinha

Rodovia BA 093, Km 07, Fundação Terra Mirim e
Comunidade Quilombola Palmares

Simões Filho

Tel: (71) 3296-3452, (71) 9123-6402

wayra@terramirim.org.br

20 integrantes

30.Reis

(Festa, Folia, Rancho, Reisado & Terno)



A festa de reis, folgado do ciclo natalino realizado na véspera do Dia de Reis (06 de janeiro), consiste na representação do episódio bíblico em que os três reis magos lançam-se em longa jornada para visitar o Menino Jesus. Originária de Portugal e introduzida no país pelos jesuítas, a festa ocorre, especialmente, no interior da Bahia, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba. Os nomes dados à tradição variam conforme a região - os mais comuns são festa de reis, folia de reis, reisado e terno de reis. Seus integrantes saem em cortejo, visitando casas e presépios. Durante a caminhada, tocam, cantam e dançam em louvor ao nascimento de Jesus. Em retribuição, recebem agrados, alimentos e bebidas.

Rica no aspecto estético, a festa inclui o uso de roupas coloridas, chapéus, coroas e adereços adornados com fitas. Criado em 1986, o terno Brilha Uma Estrela dos Foliões dos Santos Reis, de Nova Canaã, sai às ruas da véspera de Natal até o Dia de Reis e visita, além de residências, clubes, associações e sindicatos. O grupo é formado por dois porta-bandeiras, doze personagens, incluindo ciganos e treze músicos. Em Boninal, na comunidade quilombola do Mulungu, o Reisado de São Sebastião tornou-se tradição. A festa iniciou na década de 1970 como cumprimento a uma promessa feita ao santo para que ele livrasse a população de uma grave epidemia de meningite. Com as graças alcançadas, o reisado mantém-se até a atualidade.

Territórios de Identidade

- Bacia do Jacuípe
- Bacia do Paramirim
- Baixo Sul
- Chapada Diamantina
- Irecê
- Itaparica (BA/PE)
- Itapetinga
- Litoral Sul
- Piemonte da Diamantina
- Piemonte Norte do Itapicuru
- Portal do Sertão
- Recôncavo
- Região Metropolitana de Salvador
- Semi-Árido Nordeste II
- Vale do Jiquiriçá
- Velho Chico

Contatos

Mestra Angelina Gonçalves Santiago - Terno das Flores e Reisado Zé de Vale

Pça. da Mangueira, nº13, Vila de Matarandiba
Vera Cruz

Tel.: (71) 3684-1040, (71) 9229-0373

ascomat.ba@gmail.com

70 integrantes (Terno das Flores) e 25 integrantes (Reisado Zé de Vale)

Mestra Linalda Maria Silva - Terno de Reis das Ciganas do Vale do Capão (reisado)

Distrito de Caeté-Açu

Palmeiras

Tel.: (75) 3344-1138

linaldacapao@yahoo.com.br

40 integrantes

Mestre Asa Filho - Augusto de Souza Araújo

Filho (folia de reis)

R. H, nº 331, Conjunto João Paulo II, Mangabeira
Feira de Santana

Tel.: (75) 3483-2740, (75)9977-3438

Mestre Egídio Martins de Souza - Três Reis Magos – A voz de Andaraí

R. Santa Bárbara, nº 8 , Praça do Sol, Centro
Andaraí

Tel.: (75) 3335-2115, (75) 8133-0480

11 integrantes

Mestre Galdino Leite de Andrade - Grupo de Reisado e São Gonçalo

Fazenda Limoeiro, Lagoa José Alves

Abaré

(75) 3287-5073

08 integrantes (reisado) e número variável (são gonçalo)

Mestre Odílio Maciel Maia (reisado)

Praça Senhor do Bonfim, nº 120

Macureré

Tel.: (75) 3284-2320

Antônio Joaquim Mariano (reisado, samba-chula e samba de roda)

Comunidade de Preiá

Botuporã

Tel.: (77) 3678-2363

10 integrantes

Banda de Gaita (terno de reis, bendito, reza e ladainha)

Quilombo Capão do Cedro

R. Garanhuns, nº 279, São Gotardo

Bom Jesus da Lapa

Tel.: (71) 8859-7890, (77) 8821-9003

tokinhacruz@yahoo.com.br

12 integrantes

Brilha uma Estrela dos Foliões dos Santos

Reis (terno de reis)

R. Ramiro Sousa, nº 43, Centro

Nova Canaã

Tel: (71) 8845-6001

nelsoncanaa@hotmail.com

12 integrantes

Folia de Reis

Fazenda Bom Jesus

Abaré

Tel.: (75) 3287-2222 (recado)

fernando.barbalha@hotmail.com

30 integrantes

Grupo Cultural de Reisado Mandú e Guará de Monte Gordo (terno de reis)

R. Alto do Mira, nº 31, Monte Gordo

Camaçari

Tel.: (71) 3674-1165, (71) 9947-4393

secultcamacari@gmail.com
40 integrantes

Grupo de Reisado de São Sebastião (reisado, dança de roda, toada, bendito e reza)
Comunidade Quilombola de Mulungu
Boninal
Tel.: (75) 3330-2121
24 integrantes

Grupo de Reisado Jaime Mendes da Silva
Povoado Larga dos Mendes
Central
Tels.: (74) 3655-1415, (74) 9984-9957
20 integrantes

Grupo de Reisado São José (reisado)
R. Dois Irmãos, nº 99, Centro
São José do Jacuípe
Tel.: (74) 9901-0289
leliacunha@ig.com.br
06 integrantes

Grupo de Ternos e Reisado Anajô (reisado, samba de roda e folguedo do boi)
R. Quatro de Março, nº 90, Centro
Pindobaçu
Tel: (74) 3548-2251, (74) 9188-1087
160 integrantes

Grupo Espermacete: do Terno de Reis ao Samba de Roda
R. das Malvinas, s/n, Barra de Pojuca
Camaçari
Tel.: (71) 8147-4844, (71) 9633-3327
grupospermacete@hotmail.com
42 integrantes

Grupo Folclórico Terno de Reis de Cachoeirinha
R. da Cachoeirinha, Barra do Pojuca

Camaçari
Tel.: (71) 3626-2483, (71) 9637-1188
secultcamacari@gmail.com
18 integrantes

Grupo Reisado de Palmeirinha Estrela Guia
R. Palmeirinha, s/n
Seabra
Tel.: (75) 9942-0495
11 integrantes

Organização Cultural e Artística Reisado de São Vicente – ORCARE (festa de reis e samba de roda da caatinga)
R. José Lúcio Cerqueiras, nº 41, Tiauarucu
Feira de Santana
Tel.: (75) 3227-6025, (75) 9977-3438
www.orcare.org.br
20 integrantes

O Terno da Rosa (terno de reis)
R. Juracy Magalhães, s/n, Centro, São Sebastião
Cairu
Tel: (75) 3653-5078
40 integrantes

Rancho do Papagaio de Saubara (festa de reis, ciranda e samba de roda)
R. do Jenipapeiro, nº 29, Centro
Saubara
Tel.: (75) 3696-1476, (75) 8191-0425
trindadenilo@bol.com.br
47 integrantes

Reisado da Pedra Branca
R. Liobino Fagundes de Brito, nº 196, Alto da Uzina
Igaporã
Tel.: (77) 3460-1503
12 integrantes

Reisado de Casal

R. José Bonifácio, Casal I, 167
Lapão
Tel.: (74) 9999-5129
12 integrantes

Reisado Pinote

Fazenda Alecrim
Serrolândia
Tel.: (74) 3631-2733
08 integrantes

Reizado do Zé Preto (reisado)

Km 40, s/n
Santa Brígida
15 integrantes

Reizado Gloria e Louvores e Comunidade Quilombola do Monte Rocomco (reisado)

R. Ministro Bulcão, nº 14, Centro
São Francisco do Conde
Tel: (71) 8183-9032
64 integrantes

Sociedade Beneficente Amigos de Cairu – SBAC (reisado)

Praça Coronel Francisco Ribeiro, nº04, Centro
Cairu
Tel.: (75) 3653-2131, (75) 9933- 8100, (75) 9987-7954
20 integrantes

Sociedade Beneficente Amigos de Cairu – SBAC (terno de reis)

Praça Coronel Francisco Ribeiro, nº04, Centro
Cairu
Tel.: (75) 3653-2131, (75) 9933- 8100, (75) 9987-7954
40 integrantes

Sociedade Terno de Reis (reisado e dança de roda)

R. Agripino Novaes, nº 598, Maracaizinho
Maracás
Tel: (73) 3533-2500, (73) 8866-6221
filarmonicamaracas@gmail.com
10 integrantes

Terno de Reis

Una
Tel.: (73) 3236-1806, (73) 9973-5069
15 integrantes

Terno de Reisado

Barreiro do Tatu
Igaporã
Telefone não informado
07 integrantes

Terno de Reis Água Verde

Fazenda Água Verde
Maracás
Tel.: (73) 8831-8778
filamornicamaracas@gmail.com
10 integrantes

Terno de Reis Deodato

Irmã Dulce
Maracás
09 integrantes

Terno de Reis do Zé Lopes

R. Gutemberg Cardoso, nº 212, Alto da Uzina
Igaporã
Tel.: (77) 3460-1518
09 integrantes

Terno de Reis Fiinho (reis, samba de roda, dança de terreiro, coco e umbigada)

R. Amélia Mariniello, nº 640, Jequiriçá

Maracás
Número de integrantes não informado

Terno de Reis Salvador

Rua Agripino Novaes, nº 589, Maracazinho
Maracás
Tels.: (73) 3533-2500, (73) 8866-6221
filamornicamaracas@gmail.com
10 integrantes

Terno de Reis da Santíssima Trindade

(reisado)
Povoado da Lagoa da Boa Vista, s/n
Seabra
Tel.: (75) 9943-8426
12 integrantes

Terno de Reis das Rosas (reisado e cantiga de roda)

Povoado de Alagadiço, s/n
Seabra
Tel.: (75) 3331-3676, (75) 9960-3687
13 a 18 integrantes

Terno de Reis de Baixão Velho (reisado)

Povoado de Baixão Velho
Seabra
Tel.: (75) 3331-2123
12 integrantes

Terno de Reis de Saubara (terno de reis)

R. do Jenipapeiro, nº 29, Centro
Saubara
Tel.: (75) 3696-1476, (75) 8191-0425
trindadenilo@bol.com.br
46 integrantes

Terno de Reis São Sebastião (terno de reis e bumba meu boi)

R. Seis de Agosto, nº 14, Sobral Bentes
Macarani
Tel: (77) 8811-2776
24 integrantes

Vitória Ana de Oliveira Alcântara

(reisado e griô)
Quilombo Araçá – Cariacá
R. Doutor Dermeval Almeida, nº 178, São Gotardo
Bom Jesus da Lapa
Tel.: (71) 8859-7890, (77) 8821-9003
tokinhacruz@yahoo.com.br

31.Repente



O repente, improviso musical e poético, é uma tradição típica do Nordeste. Cantado sempre em dupla, o repente ou cantoria é entoado por violeiros que duelam na composição espontânea das estrofes. Estas, por sua vez, obedecem a regras rígidas de métrica, rima e coerência temática, ao passo que a melodia é comum a ambos os repentistas. A intenção do repentista na disputa, conhecida como desafio, é demonstrar superioridade poética sobre o outro, enaltecer seus dotes e, não raro, afirmar sua masculinidade. Os temas abordados englobam, ainda, piadas, protestos políticos, pedidos, elogios, queixas ou notícias, e costumam provocar reações animadas na plateia. Embora predomine no Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, o repente também está presente na Bahia. Um dos seus principais representantes no estado é o cantor e compositor Antonio Ribeiro da Conceição, conhecido como Bule-Bule. Outro nome importante do repente baiano é o Mestre Miguelzinho Violeiro (Miguel Firmo de Oliveira), de 74 anos, que começou a tocar em 1964 e foi vencedor de vários concursos regionais do gênero. Há 22 anos, o repentista promove um festival de viola em Serrinha, onde reside. Miguelzinho preside, ainda, a Associação dos Trovadores e Violeiros da Região do Sisal.

Territórios de Identidade

- Semi-Árido Nordeste II
- Sertão Produtivo
- Sisal

Contatos

Mestre Miguelzinho Violeiro - Miguel Firmo de Oliveira

Quadra E, Rua B, nº 08, Urbis
Serrinha
Tel.: (75) 3261-6069

José Carlos Teixeira (repente, cordel e griô)

R. Getulio Vargas, nº 30, Centro
Caculé
Tel.: (77) 3455-1412, (77) 8109-2765

José Santana da Silva (repente)

Fazenda Alto Bonito, Casa 131, Poço da Carteira
Santa Brígida
Tel.: (75) 3698-2409, (75) 9982-0836
02 integrantes

32.Roda de São Gonçalo



A dança, de origem portuguesa, é uma das manifestações populares mais antigas do país. Tradição do catolicismo popular, a festa louva o santo português São Gonçalo do Amarante e chegou ao Brasil com os jesuítas. A primeira homenagem ao santo teria ocorrido, conforme o folclorista Luís da Câmara Cascudo, em Salvador, em 1718. Normalmente, a festa acontece como pagamento de promessa ou voto de devoção. Em frente a um altar contendo a imagem do santo, homens e mulheres dançam e cantam organizados em filas encabeçadas por uma dupla de violeiros. No final da louvação, podem formar uma roda em que o promesseiro baila ao centro exibindo a imagem retirada do altar.

Na Bahia, a tradição está presente na região do rio São Francisco e no distrito quilombola de Pitanga dos Palmares, em Simões Filho, onde é organizada pela Mestra Maria Bernadete. Também ocorre em Matarandiba, Vera Cruz, tendo sido resgatada, em 1995, por uma moradora local. A roda, chamada São Gonçalo de Matarandiba, é coordenada atualmente pela Sra. Edméa Bittencourt do Carmo e acontece no período natalino. Em Santa Brígida, registra-se a existência dos São Gonçalo Baiano, São Gonçalo Pernambuco e São Gonçalo Alagoano. O primeiro é formado por homens e mulheres que dançam ao som de viola e pandeiro. O segundo, composto por 16 mulheres e 8 homens, teve sua origem em Pernambuco e chegou na região em 1972. No terceiro, as mulheres dançam e os homens tocam rabeça, viola, pandeiro e adufo (tamborete quadrado), todos de pés descalços.

Territórios de Identidade

- Irecê
- Itaparica (BA/PE)
- Portal do Sertão
- Região Metropolitana de Salvador
- Semi-Árido Nordeste II
- Velho Chico

Contatos

Mestra Maria Bernadete - Dança de São Gonçalo e Samba de Viola Raízes da Pitanga

(são gonçalo, bumba meu boi, samba de viola e comunidade quilombola)

R. Alicia Simões, nº 71, Pitanga dos Palmares Simões Filho

Tel: (71) 8142-2451, (71) 9105-2633

bernaquilombo@hotmail.com

32 integrantes

Mestre Joaquim Francisco do Nascimento

(roda de são gonçalo)

Povoado Morro do Lúcio Central

Tels.: (74)3655-1415, (74)9964-5422

30 integrantes

Dança de São Gonçalo

R. Porto Alegre , 50, São Francisco

Carinhanha

Tel.: (77) 9982-2812

26 integrantes

Grupo de São Gonçalo

R. Coronel João Sá, nº 149, Centro

Chorrochó

Tel.: (75) 9991-3749

janic_maria@hotmail.com

30 integrantes

Grupo São Gonçalo Alagoano

Km 42

Santa Brígida

52 integrantes

Grupo São Gonçalo Baiano

R. Padre Cícero, s/n, Centro

Santa Brígida

Número de integrantes não informado

Grupo São Gonçalo Pernambucano Povoado

Alvorada Velha, s/n, Centro

Santa Brígida

Tel: (73) 3236-1806, (73) 3236-1863, (73) 9974-0650

24 integrantes

Roda de São Gonçalo

Fazenda Camisa

Macureré

Tel.: (75) 3284-2160

24 integrantes

São Gonçalo de Matarandiba

R. da Mangueira, 203, Matarandiba

Vera Cruz

Tel.: (71) 3684-1097, (71) 3395-1922, (71) 8726-4018

ascomat.ba@gmail.com

80 integrantes

Foto cedida pelas Manifestações Culturais de Cairranha



33.Samba

(Batuque, Chula, Corrido, de Coco, de Lata e de Roda)



Ritmo nacional por excelência e símbolo da identidade cultural brasileira, o samba originou-se de danças africanas, como o lundu e a semba. Ao se espalhar pelo país, notadamente no Rio de Janeiro, dividiu-se em uma vasta escala de gêneros, subgêneros e gêneros de fusão, tornando-se um estilo musical bastante diversificado. De caráter lúdico, a atividade é caracterizada por compasso binário, ritmo sincopado e acompanhamento feito por instrumentos de percussão. A base harmônica é dada por um violão ou cavaquinho. Na Bahia, destaca-se o samba de roda do Recôncavo, fortemente ligado às tradições africanas, como o candomblé. Em 2005, esta tradição conquistou o status de obra-prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade concedido pela Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (Unesco). No ano anterior, o samba de roda já havia sido registrado no Livro das Formas de Expressão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tornando-se patrimônio cultural brasileiro.

Na Bahia, as principais variações detectadas são: batucada (também chamada de batuque, pode ser dançada em roda); samba corrido (samba em que se alternam um ou dois solistas e a resposta vocal do coro); samba chula (samba de versos ou chulas em que somente uma pessoa samba por vez); samba de coco (mistura letras singelas e traços das culturas indígena e sertaneja) e samba de lata (típico da comunidade quilombola de Tijuaçu, Senhor do Bonfim, de batucada em lata d'água). Um dos grupos mais tradicionais de samba de roda do país, o Samba de Roda Suerdick, foi fundado, em 1958, pela Mestra Dalva Damiana de Freitas, de 82 anos, para homenagear santas católicas. O grupo, de Cachoeira, é caracterizado pela presença de mulheres vestidas de baianas que contribuem para a marcação do ritmo percutindo pequenas tábuas de madeira.

Dia Nacional - O Dia Nacional do Samba é comemorado em todo o país no dia 02 de dezembro.

Territórios de Identidade

- Agreste de Alagoinhas / Litoral Norte
- Baixo Sul
- Irecê
- Oeste Baiano
- Piemonte Norte do Itapicuru
- Portal do Sertão
- Recôncavo
- Região Metropolitana de Salvador
- Sisal
- Velho Chico

Contatos

Dona Dalva Damiana de Freitas - Associação Cultural do Samba de Roda/Samba de Roda Suerdieck

R. Alberto Rabello, nº 33
Cachoeira
Tel.: (75) 3425-4218, (75) 8841-7501
www.twitter.com/sambadedalva
sambasuerdick@hotmail.com
38 integrantes

Dona Dalva Damiana de Freitas - Samba de Roda Mirim Flor do Dia

Vila Luis Eduardo Magalhães, Quadra VI, nº 21
Muritiba
Tel.: (75) 8841-6872
netany12@hotmail.com
32 integrantes

Dona Maroca – Bernardina Alves (samba de

roda, líder do grupo Pancada Forte)
R. Nova Brasília, s/n, Porto Sauípe
Entre Rios
Tel: (75) 3475-1343, (75) 96313553
20 integrantes

Dona Moça - Anatália Bispo da Cruz

(samba chula, samba de relativo, coco e samba santo-amarense)
Pau Grande, Praia do Forte
Mata de São João
Tel.: (71) 9958-7284, (71) 9903-3591
18 integrantes

Mestra Anna de Sinhá - Maria Anna Moreira do Rosário - Samba das Raparigas

(samba de roda)
R. do Taboão, nº 27, Centro



Foto cedida por D. Dalva Damiana de Freitas

Saubara
Tel.: (75) 3696-1424, (75) 9147-8507, (71) 9138-7730
rosariosamba@bol.com.br
15 integrantes

Mestra Chica Do Pandeiro - Apolinária das Virgens Oliveira

Grupo Cultural Quixabeira da Matinha dos Pretos (samba de roda e reisado)
Matinha
Feira de Santana
quixabeira.ma@hotmail.com
Tel: (75) 3483-9301, (75) 9900-4088
Número de integrantes não informado

Mestra Mãe Áurea - Valdelice Áurea Medeiros

Samba de Roda Raízes de Angola
R. Ruy Barbosa, n°60, Centro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-1148, (71) 9971-6424
lindroamoraxe@hotmail.com
22 integrantes

Mestra Nicinha

Samba de Roda e Maculelê de Nicinha Raízes de Santo Amaro
R. Professor Nestor de Oliveira, n° 67, Centro
Santo Amaro
Tel.: (75) 8129-7706
asseba@gmail.com
20 integrantes

Mestre Manoel Moreira - Samba de Roda Filhos do Mestre

Fazenda Loja
Irará
Tel.: (75) 8133-0271
01 integrante

Mestre Zeca Afonso

Samba Chula Filhos da Pitangueira (samba chula e viola machête)
R. São Paulo, n° 64, Centro
São Francisco do Conde
Tel: (71) 3651-1756, (71) 3651-1928
38 integrantes

Amigos do Samba (samba de roda)

R. da Caixa D'Água, s/n, Campinas
São Francisco do Conde
Tel: (71) 8127-5009
16 integrantes

As Ganhadeiras de Itapuã (samba de roda e cantiga)

R. da Boa Vista, 16, Itapuã
Salvador
Tel.: (71) 3375-1350, (71) 3249-5508, (71) 8829-5575
www.myspace.com/ganhadeirasdeitapua
salvesalvesalviano@hotmail.com
40 integrantes

As Paparutas da Ilha do Paty (samba e dança de roda)

R. Cais do Mano, n° 02, Ilha do Paty
São Francisco do Conde
Tel: (71) 8839-6886, (71) 9949-8053
altamirando.amorim@hotmail.com
38 integrantes

Associação Afro-Cultural Arte e Dança de Morpará (samba de roda)

R. Durval Carneiro, s/n, Centro
Morpará
Tel.: (77) 9928-6093
aadm_ba@hotmail.com
48 integrantes

Associação Carinhanhense de Capoeira Arte

Bahia (capoeira e maculelê)
R. Dr. Teodulo Lins de Albuguerque, nº 132,
Centro
Carinhanha
Tel: (77) 9954-8448
machadocarinhonha@yahoo.com.br
68 integrantes

Associação Cultural Samba de Roda Filhos da Barragem

Rua Augusto Regis, 05
Cachoeira
Tel.: (75) 8803-5969
filhosdabarragem@gmail.com
15 integrantes

Aú Vadeia (samba de roda e capoeira)

R. Rui Barbosa, nº 206, Centro
Piraí do Norte
Tel.: (73) 3688-2250
guio_guio.pirai@hotmail.com
63 integrantes

Banda Barlavento (samba de roda)

Rua Visconde de Itaborai, 972, Amaralina
Salvador
Tel.: (71) 3248-8177, (71) 9614-0016
www.barlaventosambaderoda.com
www.facebook.com/barlavento
hamiltonreisbarvalento@gmail.com
06 integrantes

Bicho da Cana (samba de roda)

R. Zélia Santos Souza, nº 13, Canabrava
Salvador
Tel: (71) 3366-4037, (71) 8808-7953
grupoculturalbichodacana@hotmail.com
10 integrantes

Filhos de Dona Cadú (samba de roda)

Rua das Palmeiras, Coqueiros
Maragojipe
Tel.: (75) 3527-3095, (71) 9199-2123
17 integrantes

Gonçalo Pereira do Nascimento (samba coco e reisado)

Povoado Marrequeiro
Carinhanha
Telefone não informado

Grupo AFROSSÁ– Cia. Contemporânea de Intervenção Urbana (samba de roda e afoxé)

R. Silveira Martins, nº 508, Cabula 5
Salvador
Tel: (71) 3387-5276, (71) 9609-0847
<http://www.afrosoteropolitano.blogspot.com>
iaba.salvador@yahoo.com.br
12 integrantes

Grupo Cultural Axé Orixalá (samba de roda, tradição oral e grupo quilombola)

R. Marques Euclides Vilela, 115, Ida Cardoso
Lapão
Tel.: (74) 9971-9636
dijasantos1990@gmail.com

Grupo Cultural Boi Samba Burrinha (samba de roda, bumba meu boi e burrinha)

R. Juvêncio Alves Cerqueira, s/n, Centro
Biringinga
Tel.: (75) 3267-2053/ 2149, (75) 9107-1884
sergio_jss@yahoo.com.br
25 integrantes

Grupo Cultural Boi Samba Mirim (samba de roda, bumba meu boi e burrinha)

R. Juvêncio Alves Cerqueira, s/n, Centro
Biringinga

Tel.: (75) 3267-2053/ 2149, (75) 9107-1884
sergio_jss@yahoo.com.br
14 integrantes

Grupo das Sambadeiras Mirim (samba de roda, canto cerimonial e reisado)
Av. São João, nº 45, Vila Nova
Angical
Tel: (77) 9958-8186
celio.ribeventos@yahoo.com.br
20 integrantes

Grupo de Dança Baú (samba de roda, umbigada, reisado e congada)
Comunidade Quilombola do Rio das Rãs
R. Garanhuns, nº 279, São Gotardo
Bom Jesus da Lapa
Tel.: (71) 8859-7890, (77) 8821-9003
tokinhacruz@yahoo.com.br
12 integrantes

Grupo de Samba de Roda e Reisado
R. Heraldo Lopes, 127-A, Antonio Lopes
Valente
Tel.: (75) 3263-3911, (75) 8163-6418
14 participantes

Grupo de Samba de Roda Filhos de Coqueiros (samba de roda)
R. das Palmeiras, nº 87, Coqueiros
Maragojipe
Tel: (75) 3527-3024, (71) 9905-0369
26 integrantes

Grupo de Samba de Roda Geração do Iguape
Santiago do Iguape
Cachoeira
Tel.: (75) 3414-5073
10 integrantes

Grupo Samba de Roda

R. Miguel Calmon, s/n, Costa de Pedra
Presidente Tancredo Neves
Telefone não informado
Número integrantes não informado

Grupo Samba de Roda 17 (samba de roda, samba chula, samba corrido e samba amarrado)
Av. Ferreira Bandeira, nº 95
Santo Amaro
Tel.: (75) 3241-3741, (75) 8137-8285
14 integrantes

Henrique Luiz da Cruz Silva (batuque)
R. da Mangueira, 122, Campinas
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 8214- 9490

Honório Avelino dos Santos (samba de roda e bumba meu boi)
Povoado de Santa Terezinha, Pataíba
Água Fria
dc_carneiro@hotmail.com
Tel.: (75) 3293-1111
Nº de integrantes não informado

Nossas Raízes (samba de roda e cantoria)
Av. Manoel Novaes, nº 1358, Rodagem
Serrinha
Tel: (75) 3261-5556, (75) 9930-0433, (71) 8860-6069
16 integrantes

Pavão Dourado (samba e cantiga de roda)
R. Trinta de Julho, nº 777, Abóboras
Serrinha
Tel.: (75) 3261-1465, (75) 9951-4964
pavao.dourado@yahoo.com.br
13 integrantes

Poder do Samba (samba chula e samba corrido)

Primeira Travessa do Coroado, nº 48, Coroado
São Francisco do Conde
Tel: (71) 3652-9156, (71) 8741-6672
19 integrantes

Recordar Roda de Samba

R. Dr. Plácido Rocha, nº 81, Palmeiras
Maragojipe
Tel.: (75) 3526-1278, (71) 9932-1879
21 integrantes

Samba Chula Alegria da Terra

R. Paralela, nº 99, Nova Candeias
Candeias
Tel.: (71) 3601-5929, (71) 8155-8168
asseba@gmail.com
25 integrantes

Samba Chula Filhos da Pitangueira

R. Cipriano Betâmio, nº 26, Centro
Santo Amaro
Tel.: (71) 9944-5313
sambachula@hotmail.com
25 integrantes

Samba Chula União Teodorense (samba chula)

R. Doutor João Benevides de Azevedo, nº 167,
Rodagem
Teodoro Sampaio
Tel: (75) 3237-2013 (recado), (75) 8839-3794
(recado)
21 integrantes

Samba de Coco Meninas de Arembepe

R. Guilherme Machado, nº 12, Arembepe
Camaçari
Tel.: (71) 3624-3079
secultcamacari@gmail.com
20 integrantes

Samba de Lata de Tijuaçu

Tv. Senhor do Bonfim, s/n, Centro
Senhor do Bonfim
Tel: (74) 3544-3087, (74) 9135-6629, (71) 9221-
2575
valmirquilombola2@yahoo.com.br
19 integrantes

Samba de São Gonçalo (samba chula e samba de roda)

Av. Santa Rita, nº 129, Centro
São Francisco do Conde
Tel: (71) 8638-8505
culturaedesenvolvimento@hotmail.com
52 integrantes

Samba de Roda Filhos do Mestre

Fazenda Loja
Irará
Tel.: (75) 8133-027
28 integrantes

Samba de Roda Geração do Iguape e Comunidade Quilombola do Iguape (samba corrido e samba chula)

R. Direta, s/n, Santiago do Iguape
Cachoeira
Tel: 3414-5073, (71) 9938-7431
10 integrantes

Samba de Roda Nossa Senhora da Penha

R. do Toque, s/n, Gamboa do Morro
Cairu
Tel: (75) 8195-4282
37 integrantes

Samba de Roda Olhos D'Água

Fazenda Quebra Fogo
Irará
Tel: (75) 8105-9872
22 integrantes

Samba de Roda Pisadinha do Pé Firme

Fazenda Boca de Várzea
Irará
Tel.: (75) 8105-9543
32 integrantes

Samba de Roda Raízes de Acupe (samba chula)

R. da Cruz, nº 33, Acupe
Santo Amaro
Tel.: (75) 3201-2435, (75) 9997- 5415
fernandesjoanice@gmail.com
20 integrantes

Samba de Roda Raízes de Angola

Tel.: (71) 3651-1148
São Francisco do Conde
32 integrantes

Samba de Roda Renascer do Quingoma

R. Direta do Quingoma de Fora, nº 04
Lauro de Freitas
Tel.: (71) 8159-2912
janerp21@hotmail.com
35 integrantes

Samba de Roda Samba de Maragogó (samba chula, samba corrido e samba versado)

R. Ponta do Souza, s/n, Centro
Maragojipe
Tel.: (75) 9900-3859
sambamaragogo@yahoo.com.br
17 integrantes

Samba de Roda Suspiro do Iguape e Grupo Quilombola do Iguape

R. Monte Alegre, s/n, Santiago do Iguape
Cachoeira
Tel.: (71) 3235-6457, (71) 9923- 0116
anantiasviana@bol.com.br
18 integrantes

Samba de Roda Urbano

R. Visconde do Rosário, nº 04, Engenho Velho de Brotas
Salvador
Tel.: (71) 8823-4710, (71) 3331-8070
sossambaderoda@hotmail.com
08 integrantes

Samba de Roda Voa Voa Maria

R. da Fruta Pão, nº 87, Matarandiba
Vera Cruz
Tel.: (71) 3684-1156, (71) 9929-0373
ascomat.ba@gmail.com
52 integrantes

Sambadores de Mutá (samba de roda, são gonçalo e umbigada)

R. Theodomiro Batista, nº 150, Rio Vermelho
Salvador
Tel: (71) 3240-5315, (71) 9972-5315
davidsonbarlavento@gmail.com
15 integrantes

Samba do Rosário (samba de roda)

R. Justino Tibucio de Barros, nº 26, Centro
Saubara
Tel.: (71) 9153-7967
nadodorosario@hotmail.com
13 integrantes

Samba Filhos de São Francisco (samba corrido)

R. dos Canários, nº 20, Baixa Fria
São Francisco do Conde
Tel: (71) 8194-0106
22 integrantes

Samba no Pé (samba de roda)

Bairro SUDENE
Carinhanha
Tel.: (77)9941-6159
09 integrantes



Foto Manu Dias/ Acervo AGEKOM

Samba Pura Sedução (samba)

R. Sete de Setembro, nº 08, Centro
São Francisco do Conde
Tel: (71) 3651-1871, (71) 8101-6539, (71) 8168-6580
Número de integrantes não informado

Samba Raízes de São Francisco (samba de roda)

R. Policarpo de Oliveira, nº 130, Nova São Francisco
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-1559
27 integrantes

Samba Raízes do Monte (samba corrido)

R. da Brasília, nº 04, Monte Recôncavo
São Francisco do Conde
Tel: (71) 8286-4949, (71) 9167-7351
25 integrantes

Samba Raízes do Passado (samba chula)

R. Vargem da Meira, s/n, Monte Gordo
Camaçari
Tel.: (71)3621-1588, (71) 9947-6476
secultcamacari@gmail.com
12 integrantes

Sociedade Beneficente Amigos de Cairu – SBAC (samba de roda)

Praça Coronel Francisco Ribeiro, nº04, Centro
Cairu
Tel.: (75) 3653-2131, (75) 9933- 8100, (75) 9987-7954
20 integrantes

Tradisamba (samba de roda)

R. Miguel de Oliveira, s/n, Tiririca
Camaçari
Tel: (71) 3627-2969, (71) 9995-9478
18 integrantes

Vivaldina Santos Conceição (samba)

R. Francisco Pereira Franco, 70
Lauro de Freitas
Tel.: (71) 8190-9702

Zezinho e Sua Gente (samba de roda)

R. da Mangueira, nº 122, Campinas
São Francisco do Conde
Tel: (71) 3651-3765
16 integrantes

34. Teatro de Bonecos, Bonecões & Mamulengos



O teatro de bonecos ou teatro de mamulengos já existia no Oriente Antigo e difundiu-se pela Europa durante a Idade Média. No Brasil, chegou com os colonizadores portugueses. Fixada especialmente em Pernambuco, a tradição se propagou pelo país através de artistas mambembes. Na atualidade nota-se, nas encenações, certa tendência em abordar questões educativas, sociais e temas relativos à cidadania. Esse tipo de teatro popular se utiliza de fantoches, marionetes, bonecões ou bonecos de vara – produzidos artesanalmente – para representar quase sempre personagens folclóricos. A tradição foi declarada patrimônio cultural brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2009, o que levou à criação de um plano de salvaguarda.

Na Bahia, encontra-se atuante o Mamulengo da Bahia por iniciativa do ator e diretor Elias Bomfim, membro da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. O grupo, de Salvador, promove oficinas em comunidades carentes onde são confeccionadas dezenas de bonecões levados às ruas no Carnaval, em um bloco organizado. Além disso, o Mamulengo da Bahia desenvolveu, nos últimos anos, técnicas próprias de manipulação dos bonecões. Em Itaberaba, os folcloristas Maria de Fátima Araújo e Luís Cláudio Barbosa representam a Cia. de Teatro de Bonecos Mãos. A dupla atua há 16 anos e confecciona os fantoches com diferentes tipos de materiais.

Territórios de Identidade

- Baixo Sul
- Médio Rio das Contas
- Piemonte do Paraguaçu
- Região Metropolitana de Salvador

Contatos

Cia. De Teatro de Bonecos de Mãos (teatro de bonecos e confecção de bonecos)

R. Rubens Ribeiro, 327, Centro
Itaberaba

Tel.: (75) 3251-7096, (75) 9921-6913, (75) 9996-1532

<http://ciadeteatrodebonecosmaos.blogspot.com>

fat.fatoioa@yahoo.com.br

03 integrantes

Dandoca (bonecões)

Praça da Bandeira, nº01, Cajazeiras
Cairu

Tel: (75)3653-2283, (75) 9965-3129

20 integrantes

Grupo Mamulengo da Bahia (teatro de bonecos, bonecões e confecção de bonecos)

Tv. da Ajuda, nº01, Centro
Salvador

Tel.:(71) 3012-1112, (71) 8882-12899

mamulengodabahia@ig.com.br

120 integrantes

Usina Lúdica Jequeense Sétima Trupe (teatro de bonecos, bonecões e teatro popular)

R. Nilo Peçanha, nº 258-A, Joaquim Romão
Jequié

Tel.: (71) 8851-3058

alvarooxum@hotmail.com

10 integrantes

35. Teatro de Rua & Teatro Popular



Modalidade de encenação direcionada a espaços públicos, o teatro de rua ou teatro popular reúne influências dos folguedos do Nordeste, das máscaras típicas dos espetáculos medievais e da commedia dell'arte (gênero teatral surgido na Itália, no século XV). Esta tradição utiliza-se de códigos não-verbais, como a mímica, técnicas circenses, interatividade e críticas de teor político. No Brasil, os primeiros registros de espetáculos de rua datam de 1961, quando foi criado o Movimento de Cultura Popular (MPC), em Pernambuco, do qual participou o educador Paulo Freire. No mesmo ano, o surgimento do Centro Popular de Cultura (CPC), no Rio de Janeiro, capitaneado pelo ator Oduvaldo Vianna Filho e centrado na revolução social, representou outro marco no histórico do teatro público brasileiro. O surgimento da tradição está atrelado, ainda, ao período da ditadura e teria ocorrido como resposta à repressão. Naquela época, o teatro popular apresentou muitas peças que exaltavam os heróis nordestinos líderes de movimentos revolucionários, como Lampião, Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Zumbi dos Palmares. Em Salvador, foi criado, em 2007, a Rede Brasileira de Teatro de Rua, articulação formada por 1225 membros. Entre seus filiados, estão os grupos baianos Gueto Poético e Movimento de Teatro de Rua da Bahia.

Territórios de Identidade

- Bacia do Jacuípe
- Baixo Sul
- Extremo Sul
- Litoral Sul
- Itaparica (BA/PE)
- Oeste Baiano
- Piemonte da Diamantina
- Sertão Produtivo
- Velho Chico

Contatos

Ana Cristina Gomes da Costa (teatro)

Alto da Boa Vista, 245

Itacaré

Tel.: (73) 9971-9148

Associação Cultural Companhia de Artes

Cênicas Broz (teatro, dança folclórica, dança contemporânea e canto)

Nova Fátima

Tel.: (75) 8170-4049

Número de integrantes não informado

Agnailton dos Santos Rios (membro da companhia Broz)

R. Ramiro João de Deus, nº 170, Centro

Nova Fátima

Tel.: (75) 8170-4049

Leonardo da Silva Coelho (membro da companhia Broz)

Centro

Nova Fátima

Tel.: (75) 8140-2187

Rafael Ferreira (membro da companhia Broz)

Av. Lomantô Junior, nº 770, Centro

Nova Fátima

Tel.: (75) 8192-8075

Vanessa Trindade dos Santos (membro da companhia Broz)

R. Ramiro João de Deus, nº 170, Centro

Nova Fátima

Tel.: (75) 8122-0955

Associação dos Moradores do Bairro Colina

Verde - AMBACOV (teatro e música)

R. Eugenio Venceslau dos Santos, nº 174, Colina

Verde

Presidente Tancredo Neves

Tel.: (73) 8158-7279

Número de integrantes não informado

Associação Pauloanfonsina de Dança e

Teatro (teatro e xaxado)

Av. André Falcão, 429

Paulo Afonso

Tel.: (75) 3281-1770, (75) 8162-0098

<http://apdt-tetaroedanca.blogspot.com>

apdt_brasil@yahoo.com.br

16 integrantes

Beatriz Lopes da Silva Amaral (teatro)

R. Ataíde Setubal, nº 170

Itacaré

Tel.: (71) 9118-6607

Cilene Rodrigues Xavier (teatro popular)

R. Barão do Rio Branco, nº 85, Assunção

Barra

Tel.: (74) 3662-2799, (74) 8811-5488

neguinhacy@hotmail.com

Cléber Barros Andrade (teatro, dança e canto)

R. da Floresta, nº 164, Serrinha

Jacobina

Tel.: (74) 9199-1930

clebinho1001@hotmail.com

Companhia Eunapolitana de Teatro

(teatro de rua)

Av. Demetrio Couto Guerrieri, nº 611, Centro

Eunápolis

(73) 8111-2612

www.virtuososcosta.com

valdemir.costa@hotmail.com

Número de integrantes não informado

Grupo de Teatro

R. Beira Rio, 359, Pimenta

Mascote
Tel.: (73) 3625-5050, (73) 9151-0218
cassandracostasantos12@hotmail.com
12 integrantes

Grupo de Teatro Dionísio Artes

R. São Salvador, nº 297, Centro
Jacobina
Tel.: (74) 3621-2512, (74) 8112-5271
mariodotetatro@hotmail.com
23 integrantes

Grupo de Teatro Emergente de Caculé

(teatro e cordel)
R. Rui Barbosa, s/n, Centro
Caculé
Tel: (77) 3455-1653
carlinhoswhite1@gmail.com
10 integrantes

Grupo Teatral Art'tude

R. Epifânio Luiz Marques, 206, Centro
Mascote
Tel.: (73) 3629-2707
30 integrantes

Grupo Teatral de um Sonho à Realidade

R. Pernambuco, Mimoso I
Luís Eduardo Magalhães
Tel.: (77) 9956-3174
tiagoantonioq@hotmail.com
15 integrantes

Grupo Teatral Sementes da Arte (teatro

popular e teatro de rua)
R. Presidente Kennedy, 146, Centro
Morpará
Tel.: (77) 3663-2160, (77) 9969-5362
joze13@bol.com.br
15 integrantes

Grupo Teatral Tá na Cara

R. da Conceição, nº 103, Centro
Jacobina
Tel.: (74) 3621-1924
tarcizinhodabahia@gmail.com
20 integrantes

Joabson Emílio Conceição de Souza (teatro)

R. Osvaldo Cruz, 258, São João do Paraíso
Mascote
Tel.: (73) 3629-2530
joabson_emilio@hotmail.com

Nazília Soares Ribeiro (teatro)

Av. Antônio Coutinho, s/n, São Geraldo
Caculé
Tel: (77) 8101-5868, (77) 3455-1205
naribeiro@hotmail.com

Teatro de Rua de Eunápolis

R. Doutor Gravatá, nº 101, Centro
Eunápolis
Tel: (73) 3261-2417, (73) 8151-8244
hermislande@hotmail.com
08 integrantes

Teatro de São Sebastião

R. Juracy Magalhães, s/n, Centro
Cairu
Tel.: (75) 3653-5078
10 integrantes

36. Tradição Oral & Griôs



Medio de preservação de sabedorias, a tradição oral envolve testemunhos transmitidos verbalmente de uma geração para outra. Origina-se nos primórdios da história, quando a escrita não era dominada ou era atividade de menor importância que a fala. A tradição oral é apontada, por pensadores da cultura na atualidade, como detentora da identidade cultural mais profunda de um povo, constituindo um patrimônio. Os cânticos indígenas, os versos das cantigas de roda, as lendas, os ‘causos’, as orações e os provérbios populares são algumas das suas manifestações. Na Bahia, agentes envolvidos com a cultura popular atuam como griôs. Esse termo, de origem francesa, designa os mestres andarilhos da África que viajam pelo continente resgatando histórias entre os mais velhos para transmiti-las aos mais novos. A organização não-governamental Grãos de Luz e Griô, de Lençóis, tornou-se conhecida internacionalmente pelo desenvolvimento da ‘pedagogia griô’, método pelo qual multiplicadores percorrem a Chapada Diamantina, visitando escolas públicas e contando histórias como estratégia para fortalecer o aprendizado. Na comunidade quilombola de Rio das Rãs, em Bom Jesus da Lapa, Seu Chico da Helena (Francisco Ferreira Magalhães) atua como mestre griô. Não alfabetizado e com 81 anos de idade, Seu Chico, que também é cantor, declama, nas escolas, importantes acontecimentos ocorridos na região. Ele também conta episódios de destaque na história do quilombo e compõe benditos, rezas e loas.

Territórios de Identidade

- Região Metropolitana de Salvador
- Sertão Produtivo
- Velho Chico

Contatos

Mestre Seu Chico de Helena - Francisco Ferreira Magalhães (mestre griô, canto e composição popular)

Comunidade Quilombola do Rio das Rãs
R. Doutor Dermeval Almeida, nº 178, São Gotardo
Bom Jesus da Lapa
Tel.: (71) 8859-7890, (77) 8821-9003
tokinhacruz@yahoo.com.br

Doudou Rose Thioune (griô, teatro, canto, músico e cultura senegalesa)

Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, São Gonçalo do Retiro
Salvador
Tel: (71) 9991-0620
dare.rose@gmail.com

Jorge de Souza Conceição (tradição oral e animador popular)

R. Gregório de Mattos, nº13, Pelourinho
Salvador
Tel.: (71) 9931-9409, (71) 8247-2319
boimulticor@gmail.com

Paulo Sérgio Pereira de Araújo (mestre griô, canto e composição)

Comunidade Quilombola do Rio das Rãs
R. Doutor Dermeval Almeida, nº 178, São Gotardo
Bom Jesus da Lapa
Tel.: (71) 8859-7890, (77) 8821-9003
tokinhacruz@yahoo.com.br

Vanderlei Pereira Dias (griô e contador de ‘causos’)

R. Mém de Sá, nº 11, Estação
Caculé
Tel: (77) 3455-2453, (77) 3455-1653, (77) 8104-6138
deleydias@hotmail.com

37. Destaque & Diversos



Nesse capítulo estão relacionados grupos e indivíduos que, *stricto sensu*, não se enquadram de maneira bem definida no espectro da cultura popular, mas que preencheram devidamente o formulário, respondendo à chamada pública para o cadastramento estadual realizado em 2010. A edição não se sentiu no direito de excluí-los do presente trabalho. Embora alguns deles pertençam a manifestações culturais ou exerçam atividades que margeiam este espectro, não se tratam, de fato, de representantes das tradições populares. Ainda assim, todos podem ser conhecidos pelo leitor e ficam aqui registrados.

Também nesse capítulo, a edição destaca a etnomusicóloga, pesquisadora e colecionadora Emília Biancardi, que efetuou o cadastramento, em razão da importância do seu trabalho de registro, defesa e promoção das culturas populares na Bahia. Pesquisadora reconhecida no tema, Emília é, ainda, compositora e diretora musical. A folclorista, exemplo de dedicação à preservação da memória cultural do país, já lançou importantes obras sobre o tema. Como estudiosa da música folclórica, mantém a Coleção de Instrumentos Musicais Tradicionais Emília Biancardi, acervo composto por mais de 1mil instrumentos artesanais provenientes de todo o mundo.

Emília Biancardi



Foto Gina Leite/ Acervo Coleção Emília Biancardi

Emília Biancardi Ferreira (folclorista, etnomusicóloga e colecionadora)

R. Doutor Rômulo Serrano, nº 126, Rio Vermelho
Salvador

Tel: (71) 3334-7834, (71) 8847-0925

<http://www.colecaoemiliabiancardi.blogspot.com>

colecaoemiliabiancardi@gmail.com

Contatos

Adalberto Barbosa Lemos (música)

R. Marechal Castelo Branco, 143
Mascote
Tel.: (73) 8114-5958

Adenilton Conceição de Jesus (artes plásticas)

R. Eugenio Venceslau, nº157, Colina Verde
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8158-4495

Aldo Conceição Costa (canto)

Povoado de Curralinho, s/n
Caturama
Tel.: (77) 3650-1122

Antonio Carlos Santana (locução)

R. Wellington Nunes, nº 27, Centro
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 3540-1259, (73) 8138-2707

Aristelma Reis de Jesus Araújo (canto)

R. Tiago de Sena, s/n
Água Fria
Tel.: (75) 3293-1016
aristelmaemanuely@hotmail.com

Associação Folclórica Humaitá

Barra
Tel.: (74) 9964-2731
noeliton2008@hotmail.com

Banda de Música Municipal Guerreiros do Oeste

R. Mato Grosso, Quadra 14, Lote 17
Luís Eduardo Magalhães
Tel.: (77) 8125-3515
guerreirosdooeste@yahoo.com.br
115 integrantes

Carlos Liberato Silveira Santos

(artes plásticas e decoração)
R. Sebastião Alves Santana, 128
Urandi
Telefone não informado

Claudemiro de Jesus Cerqueira (pintura)

R. Danzinho Dantas, 09
Irará
Tel.: (75) 8109-1364

Claudenis de Souza Caires (canto)

R. dos Quartéis, nº90, Centro
Botuporã
Tel.: (77) 3678- 2104

Cleiton Alexandre Souza Silva (desenho)

R. da Entrada, s/n, Quixabá
Glória
Tel.: (75) 3656-5088

Clériston Teixeira Chaussê (canto)

R. Dr. João Ribeiro Vargens, 416, Centro
Mascote
Tel.: (71) 9268-9064
kekeuchausse@hotmail.com

Davi de Jesus Silva (decoração)

R. Henrique Cruz, nº79, Centro
Botuporã
Tel.: (77) 3678- 2149

Dinamar Ferreira dos Santos (pintura)

R. do Lamarão, Barra
Água Fria
Tel.: (75) 8191-9279
dinamarartes10@hotmail.com

Dione Trindade Bomfim (pintura em tecido)

R. Rui Barbosa, s/n, Centro

Caturama
Tel.: (77) 3650-1122, (77) 9949-4916,

Doralúcia Nogueira Almeida (pintura)
Pituba 2
Itacaré
Tel.: (73) 9196-8524

Edielmo Santos Silva (pintura e desenho)
Fazenda Gameleira
Igaporã
Tel.: (77) 3460-1161, (77) 9136-5119

Ednaldo Munis de Jesus (locução)
R. Antonio Edson, s/n, Nova Esperança
Presidente Tancredo Neves
Telefone não informado

Elaine Batista Santana (artes plásticas)
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8133-3057

Escola de Arte Cultural Gérard (escultura)
Barra
Tel.: (74) 3662-3372
Número de integrantes não informado

Escola de Música e Lira Deolindo Lima
Barra
Tel.: (74) 3662-3207
Número de integrantes não informado

Evaldo Almeida Santos (artes plásticas)
Tv. Moisés Ávila, Centro
Esplanada
Tel.: (75) 9955-7283

Evanaldo Campos Barreto (canto)
Praça Lamanto, s/n, Centro
Nova Canaã

Tel.: (73) 8844-2595
nelsoncanaa@hotmail.com

Fagner Silva Oliveira (canto e música)
R. do Lajeado, 11, Xavier
Urundi
Tel.: (77) 3456-2449, (77) 9127-0642
fagnersilva07@hotmail.com

Fernando Antônio Ferreira
(composição popular)
R. José Amâncio Filho, s/n
Abaré
Tel.: (75) 3287-2222, (75) 9102-4541
fernando.barbalha@hotmail.com

Flautinha Doce de Água Fria (música)
R. do Irará, 127, Barra
Água Fria
Tel.: (75) 8132-0862, (75) 3294-2117
danylassis@hotmail.com
15 integrantes

Flávio Paciência Soares (desenho)
R. Babilônia, nº 257, Centro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-3125, (71) 8824-0685

Grupo Coral Talentos e Coral Emoções
(música)
Av. Doutor João Pessoa, s/n, Centro
Maracás
Tel: (73) 3533-2121, (73) 9124-9923
valpeldes.barbosa@hotmail.com
20 integrantes (Coral Talentos) e 30 integrantes
(Coral Emoções)

Grupo Criar't (pintura em tecido e tela)
R. Tanquinho, nº 41, Núcleo Habitacional
Teofilândia
Tel: (75) 3268-2481, (75) 9990-8977

antoniabandeira@hotmail.com
03 integrantes

Grupo de Coreografia Gospel- SKEFOS

(gospel)

R. Senhor do Bonfim, 548, Mimoso 2
Luís Eduardo Magalhães
Tel.: (77) 9955-1625
11 integrantes

Grupo de Dança Dançarte

R. Beira Rio, 359, Pimenta
Mascote
Tel.: (73) 3625-5050, (73) 9151-0218
cassandracosstasantos12@hotmail.com
10 integrantes

Grupo Konearte (artes plásticas)

Tv. Getulio Vargas, nº 04, Centro
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-1248, (71) 8844-8864
konearte@hotmail.com
30 integrantes

Heleno Santos de Souza (locução)

R. Antonio Edson, nº 15, Nova Esperança
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8152-6630, (73) 3540-1327

Henrique Cardoso Lessa (pintura)

R. Princesa Isabel, nº 47, Japão
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8155-8162

Hérica Oliveira dos Santos (canto)

R. Marechal Castelo Branco, 505, São João do
Paraíso
Mascote
Tel.: (73) 3629-2085
hericavocal@hotmail.com

Irací Gomes da Silva (artes plásticas)

Loteamento Elizeu P. da Silva
Água Fria
Tel.: (75) 8115-6378

Itatiaia Albuquerque Pereira (música)

R. 28 de Setembro, nº16, Centro
Aratuípe
Tel.: (75) 3647-2123
taty.brasavilly@hotmail.com

Jairo de Jesus Santos (música)

R. Bela Vista, s/n, Chafariz
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8164-2277, (73) 8146-8109

Jéssica da Silva Leite (canto)

R. Rui Barbosa, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 3650-1272, (77) 9978-4694

Jéssica Lopes Silva (manicure e cabelo)

Tv. Sete de Setembro, s/n, Rui Barbosa
Água Fria
Tel.: (75) 8139-9929

Joana Santos de Andrade (pintura, desenho e poesia)

R. São Miguel, nº 12
Itacaré
Tel.: (73) 9915-9362
01 integrante

Joelson Almeida Costa (escultura)

R. Projetada C, s/n
Urandi
Tel.: (77) 9137-2686
joecosta17@yahoo.com.br

José Carlos Bandeira (escultura)

Comunidade Santo Antonio, s/n
Botuporã
Tel.: (77) 3678-2363

José Luís Nascimento Cristino Neto

(artes plásticas)
R. Bom Destino, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 3650-1120

José Ramos Vieira (música)

Fazenda Baixa de Mina
Água Fria
Tel.: (75) 8156-8430

José Sérgio Macedo Santana (metalurgia)

Av. Laurinda Cardoso, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 9948-4494

Josia Santiago de Souza (artes plásticas)

R. Conêgo Silvío Silvino, nº44, Centro
Aratuípe
Tel.: (75) 3647-2250, (75) 8152-9487
josia_santiago@bol.com.br

Josias Silva Moraes (composição e canto)

R. Ramiro Grande, nº 230, Divinéia
São José do Jacuípe
Tel.: (74) 8107-3886

Juliana Xavier Feitoza (desenho e pintura)

Brejo do Burgo, nº 52
Glória
Tel.: (75) 3686-1016

Júlio Lus da Conceição (canto)

R. Valença, s/n, Colina Verde
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8144-9563

Juracy Santos Barbosa (música)

Monte Recôncavo, nº 34,
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3652- 2057, (71) 9182-2350
juracy.barbosa@yahoo.com.br
14 integrantes

Leonardo da Silva Souza (canto e música)

R. Mariana Silva Meira, nº 158, Boa Vista
Maracás
Tel.: (73) 3533-2403, (73) 8849-8341

Leonel Chagas Amaral (maestro e composição)

Av. Ruy Barbosa, s/n,
Barra
Tel.: (74) 3662-2143, (74) 3662-3207

Luana Menezes Souza (canto e instrumento)

Av. Adelson Araújo Borges, s/n, Centro
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8102-1933

Lucas Mateus Santos Souza (música)

R. Raul Seixas, nº 177, Centro
Presidente Tancredo Neves
Telefone não informado

Luciano Rodrigues dos Santos (desenho e pintura em tela)

R. Dois de Julho, 154
Urandi
Tel.: (77) 9121- 4201
lucianorodrigues44@yahoo.com.br

Lucila Assis Albuquerque dos Santos (artes plásticas)

R. Vinte e Oito de Setembro, nº16, Centro
Aratuípe
Tel. : (75) 3647- 2123, (75) 8838-8958

Luiz Henrique de Jesus Carvalho (desenho)
R. Juvenal Eugênio de Queiroz, nº 125 A, Baixa Fria
São Francisco do Conde
Tel.: (71) 3651-1624, (71) 8208-2304

Manuel Santos das Virgens (pintura)
R. Dois de Julho, nº 93, Ginásio
Presidente Tancredo Neves
Telefone não informado

Mariza Souza Macedo (canto)
R. Artur Antônio Costa, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 3650-1272, (77) 9958-8842

Nayara Laurinda Almeida Oliveira (canto)
R. Agenor Brandão, s/n, Centro
Caturama
Tel.: (77) 9962-2964

Nédson Augusto Santos Pereira (música)
R. Vinte e Oito de Setembro, nº16, Centro
Aratuípe
Tel.: (75) 3647-2110, (75) 8103-2198,
(75) 8837-8688
nedsonaugusto@hotmail.com

Nicole Rhauana Nascimento Nery (canto)
R. Geovane Ferreira da Silva, 20, Centro
Mascote
Tel.: (73) 3629-2444

Nilson Aparecido Dias (canto e composição)
Praça Acúrcio de Oliveira, s/n, Centro
Botuporã
Tel.: (77) 3678-2363

Pedro Correia Reis (canto e composição)
Av. Rui Barbosa, nº 248, Alto da Santa Cruz

Barra
Tel.: (74) 3662-1096, (74) 8828-3119

Quarteto Sinuhs (música gospel)
BR 101, 1ª Travessa, 285, São João do Paraíso
Mascote
Tel.: (73) 8114-5958
acs.sinuhs@hotmail.com
04 integrantes

Rafael Amaral Rodrigues (canto)
Centro
Igaporã
Tel.: (77) 3460-1529
rafael.bb2007@hotmail.com

Raimundo Rodrigues Silva – Projeto Domingão do Estudante (projeto recreativo)
Av. Ipiranga, nº 241, Centauro
Eunápolis
Tel: (73) 8126-3312
prof.raymundo@hotmail.com

Reinaldo de Albuquerque Teixeira (artes plásticas)
Barra
Tel.: (74) 3662-3207, (74) 9994-0744, (74) 8818-2264
reialbuquerque@hotmail.com

Roberto Rodrigues dos Santos
(música e canto)
R. Alto da Colina, nº 627, Ginásio
Presidente Tancredo Neves
Telefone não informado

Rozenito Conceição de Jesus
(pintura de parede)
R. Eugenio Venceslau, nº157, Colina Verde
Presidente Tancredo Neves
Tel.: (73) 8149-7182

Rui Martins da Silva (música e composição)

Av. Pedro Nolasco de Pinho, 41, Centro

Irará

Tel.: (75) 3247-2396, (75) 8112-3314

ruyms@ig.com.br

Samuel Silva de Oliveira (música)

R. São Francisco, Quadra 123, lote 17, Mimoso I

Luís Eduardo Magalhães

Tel.: (77) 3628- 0070, (77) 3639- 0651

dyanaprates@hotmail.com

Sociedade Cultural Recreativa B. Valverde

(oficinas de música, teatro e dança)

R. Alberto Nogueira, 05

Irará

Tel. : (75) 8105-2966

80 integrantes

Valdinei Machado de Souza (canto)

R. Marechal Castelo Branco/São João do Paraíso,

21, Bairro Novo

Mascote

Tel.: (73) 3629-2034

neymusic10@hotmail.com

Vitória Silva Pereira (pintura)

R. Santos Dumond, 241

Urandi

Tel.: (77) 3456-2362, (77) 9199- 4569

Apêndice

Websites Institucionais

Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular - <http://www.cnfcp.gov.br>

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) - <http://www.museus.gov.br>

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) - <http://www.iphan.gov.br>

Fundação Casa de Jorge Amado - <http://www.fundacaojorgeamado.com.br>

Fundação Casa de Rui Barbosa - <http://www.casaruibarbosa.gov.br>

Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb) - <http://www.fundacaocultural.ba.gov.br>

Fundação Cultural Palmares – <http://www.palmares.gov.br>

Fundação Gregório de Matos - <http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br>

Fundação Nacional de Artes (Funarte) - <http://www.funarte.gov.br>

Ministério da Cultura – <http://www.cultura.gov.br> e <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/>

Itaú Cultural - www.itaucultural.org.br

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - <http://www.ihac.ufba.br>

Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia - <http://www.irdeb.ba.gov.br>

Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - www.ipac.ba.gov.br

Museu Carlos Costa Pinto - <http://www.museucostapinto.com.br>

Museu de Arte Moderna da Bahia - <http://www.mam.ba.gov.br>

Palacete das Artes - <http://palacetedasartesroдинbahia.blogspot.com>

Secretaria de Cultura do Estado da Bahia - <http://www.cultura.ba.gov.br>

Teatro Castro Alves - www.tca.ba.gov.br

Teatro Vila Velha - www.teatrovilavelha.com.br

Universidade Federal da Bahia (Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade) - <http://www.poscultura.ufba.br>

Diversos

Almanaque Brasil - <http://www.almanaquebrasil.com.br>

Balé Folclórico da Bahia - <http://www.balefolcloricodabahia.com.br>

Brasil Channel - <http://www.brasilchannel.com.br/brasil>

Brasil Cultura - <http://www.brasilcultura.com.br>

Brasil Escola - <http://www.brasile scola.com>

Brasil Folclore - <http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br>

Capoeira do Brasil - <http://www.capoeiradobrasil.com.br>

Carta das Culturas Populares -

<http://www.cultura.gov.br/site/2009/10/09/carta-das-culturas-populares/>

Carta Sul-Americana das Culturas Populares - <http://culturadigital.br/setorialculturaspopulares/files/2010/02/2008-Carta-Sul-Americana-das-Culturas-Populares-Caracas-2008-Portugues-BR.pdf>

Centro Cultural Capoeira Baiana - <http://www.capoeirabaiana.net>

Censo Cultural da Bahia - <http://www.censocultural.ba.gov.br>

Conselho Estadual de Cultura - <http://conselhodeculturaba.wordpress.com>

Cultura e Mercado - <http://www.culturaemercado.com.br>

Cultura Popular - <http://culturapopular2.blogspot.com>

Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - <http://www.enecult.ufba.br>

Espaços Culturais - <http://espacosculturais.wordpress.com>

Festas da Bahia - <http://www.festasdabahia.com>

Ilê Ayê - <http://www.ileaiye.org.br>

Folclore - <http://www.lendorelendogabi.com>

Monografias - <http://br.monografias.com/trabalhos/cultura-popular/cultura-popular.shtml>

Overmundo - www.overmundo.com.br

Pelourinho Cultural – <http://www.pelourinho.ba.gov.br>

Projeto de Iniciação Musical – <http://www.projetopim.com>

Rede de Culturas Populares - <http://redecp.ning.com>

Revista da Bahia - <http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/05/index.html>

Revista Museu - <http://www.revistamuseu.com.br>

Revista do Patrimônio - <http://revista.iphan.gov.br>

Este catálogo foi produzido entre agosto e setembro de 2010, impresso pela gráfica Liceu de Recife. Nos textos foram utilizadas as tipografias Candara nos corpos 9pt, 10pt, 11pt e 12pt, nas variações regular, bold, italic e bold italic; Comfortaa nos corpos 12pt, 14 pt, 18pt e 30pt nas variações regular e bold; Courier New nos corpos 11pt, 12pt e 24pt, nas variações regular e bold. Todo o texto foi impresso sobre o papel couché fosco 120g/m².